

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ROBLEDO ESTEVES SANTOS PIRES

forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho:
**A CONFIGURAÇÃO DE UMA CONSTRUÇÃO HIPERBÓLICA
DO PORTUGUÊS**

JUIZ DE FORA
2013

ROBLEDO ESTEVES SANTOS PIRES

forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho:
**A CONFIGURAÇÃO DE UMA CONSTRUÇÃO HIPERBÓLICA
DO PORTUGUÊS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Neusa Salim Miranda

JUIZ DE FORA

2013

ROBLEDO ESTEVES SANTOS PIRES

forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho:
**A CONFIGURAÇÃO DE UMA CONSTRUÇÃO HIPERBÓLICA
DO PORTUGUÊS**

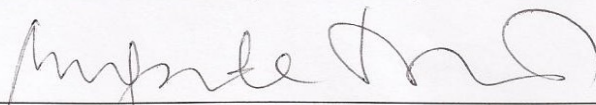
Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Data da aprovação: 25 de março de 2013.

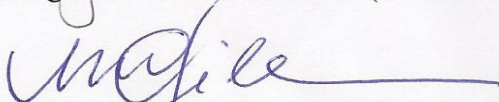
BANCA EXAMINADORA



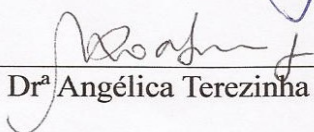
Prof^a. Dr^a. Neusa Salim Miranda (Orientadora)



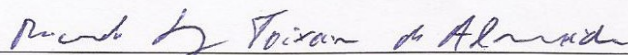
Prof^a. Dr^a. Maria Margarida Martins Salomão (Membro Interno)



Prof^a. Dr^a. Marta Cristina da Silva (Membro Interno)



Prof^a. Dr^a. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues (Membro Externo)



Prof. Dr. Ricardo Luiz Teixeira de Almeida (Membro Externo)

P667f

Pires, Robledo Esteves Santos

forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem
passarinho: a configuração de uma construção hiperbólica
do Português / Robledo Esteves Santos Pires – 2013.
179 f. il.

Orientadora: Neusa Salim Miranda

Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade
Federal de Juiz de Fora, 2013.

1. Gramática das Construções. 2. Semântica de *Frames*.
3. Modificação de grau. 4. valor hiperbólico. 5. Símile.
I. Título

CDD:

CDU:

Minha querida Gessila, mais uma vez tenho a dizer do privilégio que é viver ao seu lado. Sua luta diária pelo bem-estar da nossa família, seu equilíbrio, seu amor... Você é fonte de luz para os caminhos que escolhemos trilhar. Dedico-lhe, pois, esta realização, que sempre foi nossa, desde o primeiro momento.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Neusa Salim Miranda, pela capacidade de mesclar seu profissionalismo com a ternura que acalenta e aquece nossos corações. Minha eterna gratidão por me receber tão bem em sua casa, pelos diálogos sempre esclarecedores, pela paciência e por acreditar que eu seria capaz de realizar este trabalho.

À minha esposa, Gessila, e aos meus filhos, Luana, Douglas e Isabela, pelo carinho e pela confiança que depositam em mim. Vocês são as luzes da minha vida.

Aos meus pais, Geraldo e Helenice, pela dedicação em proporcionar-me uma formação moral e por me fazerem acreditar na importância do desenvolvimento intelectual.

À minha mãe querida e guerreira, que luta pela vida a cada dia. Eu te amo mãe.

À dedicada Tatana, que se mostra tão generosa nos momentos mais difíceis.

À saudosa Vó Ude, onde quer que esteja, que me conhecia tão bem. Esta tese é para você também, Vó.

Aos meus irmãos, Rodrigo e Robinson, homens de verdade.

Aos meus parceiros de estudo, Igor, Caroline, Patrícia e Gabriela, sempre solícitos.

Às professoras Margarida Salomão, Neusa Salim e Cristina Name, que me abriram as portas da UFJF, permitindo que assistisse às suas aulas como aluno ouvinte, iniciando-se assim a realização de um sonho.

A todos os coordenadores, professores e demais funcionários do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFJF, pelo empenho em nos oferecer uma formação de excelente qualidade.

Aos gestores do IF SUDESTE – MG, Prof. Mário Sérgio Costa Vieira e Prof. Arnaldo Prata Neiva Júnior. Minha gratidão pela oportunidade e pelo incentivo.

Enfim, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que eu pudesse desenvolver este estudo.

RESUMO

A superlativação de conceitos por meio de projeções figurativas é um fenômeno muito comum à Língua Portuguesa, observado tanto na modalidade escrita quanto oral, e promove a emergência de padrões construcionais com sofisticados mecanismos de estruturação conceptual e formal. O presente estudo identifica, descreve e analisa um desses padrões: a Construção Hiperbólica por Símile – CHS, com especial destaque para as instâncias desta construção instituídas a partir do articulador sintático *que nem*, como ilustra o elenco de *types* a seguir: (1) *A pobreza é que nem um câncer*; (2) *Passou por mim que nem um rabo de vento* e (3) *Inocência enrubesceu que nem uma romã*. O aporte teórico central deste estudo advém de dois dos mais relevantes modelos da Linguística Cognitiva, quais sejam, a Gramática das Construções como um Modelo Baseado no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; LAKOFF, 1987; SALOMÃO, 2002-2007, 2009; MIRANDA, 2008-2010; BOAS, 2010) e a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1968, 1977, 1982), cujas teses apontam para a relevância do uso linguístico e da experiência (de todas as ordens) na arquitetura cognitiva do léxico e da gramática. Nesse enquadre, opta-se por procedimentos metodológicos baseados em *corpora* e em padrões de frequência de ocorrência e de tipos (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2007; CROFT & CRUSE, 2004). Os resultados certificam o valor semântico-pragmático específico dessas expressões hiperbólicas do Português, assegurando-lhes o estatuto de instâncias de um padrão construcional (a CHS) integrado por três subpadrões. Trata-se de uma construção vinculada à Construção Genérica de Modificação de Grau e cujo constructo (FILLMORE, GOLDMAN & RHODES, 2010) se desenha pela presença de dois Elementos da Construção (EC): um EC Escopo ou núcleo graduável e um sintagma complexo (EC Qualificador_de_grau) resultante da ampliação de valência do EC Escopo. Evocando o *frame* *Posição_máxima_em_uma_escala*, a CHS tem seu Valor_hiperbólico assegurado através da comparação por Símile. Em termos de sua função discursiva, esta construção evocada por *que nem*, marcadamente informal, seja em modalidade oral ou escrita, demarca o domínio da autoexpressão, da subjetividade nas molduras interativas.

Palavras-chave: Gramática das Construções; Semântica de Frames; modificação de grau; valor hiperbólico; Símile.

ABSTRACT

The construction of superlative concepts through figurative projections is a very common phenomenon to Portuguese Language, observed both in written and oral speech, and promotes the emergence of constructional patterns with sophisticated mechanisms for structuring conceptual and formal a language pattern. This study identifies, describes and analyzes one of these patterns: the Hyperbolic Construction by Simile – CHS, with special emphasis on its instances instituted by the syntactic articulator *que nem*, as illustrates the following types: (1) *A pobreza é que nem um câncer*; (2) *Passou por mim que nem um rabo de vento* e (3) *Inocência enrubesceu que nem uma romã*. The central theoretical assumptions comes from two of the most relevant models developed inside Cognitive Linguistics, namely the Construction Grammar as Used-based Model (GOLDBERG, 1995, 2006, LAKOFF, 1987; SOLOMÃO, 2002-2007, 2009; MIRANDA, 2008-2010; BOAS, 2010) and Frame Semantics (FILLMORE, 1968, 1977, 1982), whose thesis point to the importance of the language use and the experience (of all orders) in the cognitive architecture of the lexicon and grammar. In this framework, it is chosen a corpus-based methodological procedure, with the examination of token and type frequencies (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2007; CROFT & CRUSE, 2004). The results certify the specific semantic-pragmatic value of these hyperbolic expressions of Portuguese, assuring them the status of instances of a constructional pattern (the CHS) integrated for three subpatterns. The construction is linked to the Degree Modifying Generic Construction of which construct (FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHODES, 2010) is drawn by the presence of two construction elements (CE): a CE SCOPE or a gradable core and a complex phrase (CE DEGREE_MODIFIER) resultant from the expansion of the CE SCOPE valence. Evoking the frame *Position_on_a_scale*, CHS has its *Hyperbolic_value* ensured by the comparison by Simile. In terms of its discursive function, this construction evoked by *que nem*, markedly informal, whether in oral or written form, demarcates the area of self expression and subjectivity in interactive frames.

Key-words: Construction Grammar, Frame Semantics, degree modifying, hyperbolic value, Simile.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. O APORTE TEÓRICO SOCIOCognITIVISTA.....	17
2.1 A Linguística Cognitiva.....	18
2.2 As bases corporificadas da mente e a cultura.....	21
2.3 Processos de categorização.....	23
2.4 Metáfora e Símile.....	28
2.4.1 O fenômeno metafórico.....	29
2.4.2 O fenômeno do Símile.....	32
2.4.3 As bases metonímicas da Metáfora e do Símile.....	40
2.5 A Teoria da Gramática das Construções Cognitiva.....	42
2.5.1 Conceito de Construção.....	45
2.5.2 Por uma semântica construcional independente.....	48
2.5.3 A fusão dos papéis semânticos do verbo com os papéis argumentais da construção.....	52
2.5.4 Uma abordagem “what you see is what you get” para a forma sintática.....	55
2.5.5 A organização do conhecimento construcional na GrCCognitiva.....	60
2.5.6 A motivação na GrCCognitiva.....	61
2.5.7 A GrCCognitiva como modelo baseado no uso.....	64
2.6 A Semântica de Frames.....	68
2.6.1 A FrameNet.....	72
2.6.2 O projeto Constructicon.....	77
3. ESTRUTURAS COMPARATIVAS E O FENÔMENO DA SUPERLATIVAÇÃO – PEQUENO PANORAMA SOBRE ESTUDOS DO PORTUGUÊS.....	83
3.1 As construções comparativas na Tradição Gramatical.....	84
3.2 A Abordagem Funcionalista.....	87
3.2.1 A visão funcionalista das construções comparativas.....	88
3.3 A superlativação via estruturas comparativas.....	91
4. METODOLOGIA.....	100
4.1 Características basilares à constituição de <i>corpora</i>	102
4.2 O <i>Corpus</i> do Português.....	105

4.3	O <i>Corpus</i> Legenda de Filmes.....	111
4.4	O processo investigativo.....	112
5.	A CONSTRUÇÃO HIPERBÓLICA POR SÍMILE.....	115
5.1	A 1ª decisão analítica: um nóculo hiperbólico dentro da rede de Construções de Modificação de Grau.....	119
5.2	A 2ª decisão analítica: uma Construção de Ampliação de Valência.....	128
5.3	A 3ª decisão analítica: um sintagma complexo.....	131
5.4	A CHS e seus subpadrões.....	132
5.4.1	CHS Adjetiva – subpadrão construcional 1.....	135
5.4.2	CHS Adverbial – subpadrão construcional 2.....	140
5.4.3	CHS Verbal – subpadrão construcional 3.....	142
5.5	As relações de herança da CHS.....	145
5.6	A dimensão figurativa da CHS.....	147
5.6.1	O Símile como uma rede de integração conceptual.....	156
5.6.2	As bases metonímicas do Símile na CHS.....	158
5.7	A distribuição discursiva da CHS.....	160
6.	CONCLUSÃO.....	163
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	167

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Combinação dos esquemas Trajetória + Contêiner.....	28
Figura 2:	Rede de Escopo Único.....	38
Figura 3:	<i>Printscreen</i> da tela de busca por lista (CdP).....	107
Figura 4:	<i>Printscreen</i> sobre a fonte e o contexto expandido (CdP).....	108
Figura 5:	<i>Printscreen</i> da tela de busca por diagrama (CdP).....	109
Figura 6:	Frequência de ocorrência do <i>que nem</i> ao longo dos séculos (CdP).....	109
Figura 7:	Exemplos de uso do <i>que nem</i> no século XIV (CdP).....	110
Figura 8:	Printscreen de um resultado de busca no Sketch Engine, a partir do <i>que nem</i>	111
Figura 9:	Entidade_1 e Entidade_2 em relação de comparação simples.....	125
Figura 10:	Item 1 na ponta da escala – superlativação hiperbólica viabilizada por Símile.....	127
Figura 11:	Gráfico de distribuição dos contextos sintáticos da CHS Adjetiva.....	138
Figura 12:	Fluxograma da rede parcial de construções a qual se vincula a CHS.....	146
Figura 13:	A Mescla na CHS.....	157

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Notação da Metáfora Conceptual O AMOR É UMA VIAGEM de acordo com a TNM.....	31
Quadro 2:	Estrutura simbólica de uma Construção.....	46
Quadro 3:	Exemplos de Construções do Português.....	47
Quadro 4:	Estrutura composta: Movimento Causado + <i>sneeze</i>	51
Quadro 5:	Valência da UL <i>visitar</i> , anotada em camadas.....	73
Quadro 6:	Constructo 1 – Construção de Modificação de Grau.....	80
Quadro 7:	Constructo 2 – Construção de Realização da Qualificação de Grau.....	82
Quadro 8:	Classificação do tamanho dos <i>corpora</i>	104
Quadro 9:	Número de palavras do CdP, por séc., Dialeto e Registro.....	106
Quadro 10:	Frame Similaridade.....	124
Quadro 11:	Frame Posição_máxima_em_uma_escala.....	126
Quadro 12:	Definição dos subpadrões da família da CHS (com ilustração).....	129
Quadro 13:	Descrição do constructo licenciado pela CHS.....	130
Quadro 14:	Anotação constructicográfica da CHS Adjetiva.....	136
Quadro 15:	Anotação constructicográfica da CHS Adverbial.....	141
Quadro 16:	Anotação constructicográfica da CHS Verbal.....	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Frequência de ocorrência do <i>que nem</i> em contextos sintáticos de comparação.....	113
Tabela 2:	Frequência de ocorrência da CHS articulada pelo <i>que nem</i>	113
Tabela 3:	Resultados do teste de interpretação das instâncias de CHS.....	122
Tabela 4:	Subpadrões da família de CHS, com ilustrações dos seus contextos sintáticos e frequência de ocorrência.....	134
Tabela 5:	Frequência de ocorrência da Variável (expressa, IND e INI) na CHS Adjetiva.....	136
Tabela 6:	Categorias conceptuais que instanciam o EF Item na CHS.....	150
Tabela 7:	Categorias conceptuais que instanciam o EF Valor_hiperbólico na CHS.....	152
Tabela 8:	Categorias conceptuais que instanciam o EF Variável/EC Escopo na CHS..	155
Tabela 9:	Distribuição da CHS (séc. XX), conforme a Modalidade de Uso e o Domínio Discursivo em que se inscreve.....	160
Tabela 10	Tipo de interação discursiva (na Modalidade Escrita/Domínio Ficção) em que se inscrevem as instâncias de CHS.....	161
Tabela 11	Distribuição da CHS, conforme o Dialeto em que se inscreve.....	162

1. INTRODUÇÃO

*Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la.
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.*

Fernando Pessoa/Alberto Caeiro

Os versos de Pessoa preanunciam, pela poesia, e de modo tão límpido, o percurso tão áspero que as Ciências Cognitivas vêm traçando nas últimas décadas. Redes neurais, neurônios em espelho, metáforas primárias, projeções de domínios – dentre outras descobertas e constructos – vêm mostrando, na ruptura de seculares dicotomias entre natureza e cultura, entre percepção e concepção, que a experiência humana de todas as ordens se integra no sentir e pensar, no pensar e falar. O suposto é que cheirar a flor, pensar e falar sobre ela são tarefas fundamentalmente integradas que cérebro e mente promovem, por meio de complexas redes (neurônios, sinapses, categorias e conceitos...), sem ter que abrir contêineres distintos e fechados.

É, pois, deste nicho teórico que advêm as teses centrais deste estudo, que têm como escopo central o paradigma enfeixado pelo rótulo de Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1980; LANGACKER, 1987; FILLMORE, 1977; TALMY, 1983, 1988). Dentro desse paradigma, a Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006; LAKOFF, 1987; SALOMÃO, 2002-2007, 2009; MIRANDA, 2008-2010; BOAS, 2010) como um Modelo Baseado no Uso (TOMASELO, 2003; BYBEE, 2007) e a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1968, 1977, 1982) em suas extensões ao projeto lexicográfico FrameNet (<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>) e ao *Constructicon* (FILLMORE et al., 2010) constituem-se como nosso principal subsídio.

Neste enquadre, nossa agenda analítica volta-se para a descrição de uma Construção de Modificação de Grau que estamos nomeando “**Construção Hiperbólica por Símile**” (CHS). Deste padrão, recortamos como nosso Estudo de Caso as ocorrências que trazem o conector *que nem* como Elemento Evocador da Construção (cf. subseção 2.6.2). Os exemplos de 1 a 3 ilustram instâncias desta construção:

(1) – *A pobreza é que nem um câncer.*

(Sketchengine/Corpus Lenda de Filmes)

(2) – *Passou por mim que nem um rabo de vento, e não fui capaz de o conhecer.*

(19:Fic:Pt:Redol:Fanga/Corpus do Português)

(3) – *Tem um nariz brilhante. E se você o visse, diria que brilha que nem uma lâmpada!*

(Sketchengine/Corpus Lenda de Filmes)

A escolha de uma construção escalar se justifica pela vinculação deste estudo ao macroprojeto *Construções Superlativas do Português do Brasil: uma abordagem sociocognitiva* (MIRANDA, 2008, 2010 – Edital Universal MCT/CNPq [477670/2008-3] e [479984/2010-7]), ligado à linha de pesquisa Linguística e Cognição, do PPG Linguística-FALE-UFJF, e à FrameNet Brasil (<http://www.framenetbr.ufjf.br/>), em sua linha *Frames e Construções*. Tal projeto, desenvolvido ao longo de uma década, vem articulando uma rede significativa de pesquisadores e de produtos. Além desta tese, são seis as dissertações de mestrado concluídas (SAMPAIO, 2007; CARVALHO-MIRANDA, 2008; ALBERGARIA, 2008; COSTA, 2010; CARRARA, 2010; MACHADO, 2011); três as teses em andamento (CARRARA, 2011-2015; COSTA, 2011-2015; MACHADO, 2011-2015), além de um projeto de pós-doutoramento (MIRANDA, 2008).

Os nódulos da rede investigados nos subprojetos supracitados são ilustrados pelos seguintes exemplos (MIRANDA e MACHADO, 2012- inédito):

(a) *Ele pode **morrer de rir**, mas não **de tédio*** (SAMPAIO, 2007);

(b) *Não vou **nem que Cristo desça da cruz!*** (CARVALHO-MIRANDA, 2008);

(c) *Não empresto **um tostão!** Não escrevo **uma linha!** Não dou **um passo!*** (MIRANDA, 2008b);

(d) *É uma **fera** no computador; um **monstro** das artes* (ALBERGARIA, 2008);

(e) *Um é **lindo de doer**; o outro é **feio de matar*** (CARRARA -2010);

(f) *Está **se fartando de politicagem** e **rolando de rir*** (COSTA, 2010);

(g) ***Gravidíssima**, Camila Alves leva seu barrigão para passear* (MACHADO, 2011);

(h) ***Aviões super-ultra-secretos, tendência maxi, mega show*** (CARRARA, 2011-2015);

(i) ***Americanaçada, berreiro, caipirada*** (COSTA, 2011-2015);

(j) ***Casadaço, gravidésima, solteirona*** (MACHADO, 2011-2015).

Tendo como foco investigativo a expressão alternativa da semântica da intensidade, estes estudos elegem como objeto uma rede “residual” de construções lexicais e gramaticais superlativas ou hiperbólicas do Português do Brasil. São construções variadas e à margem da tradição descritiva de nossa língua. A meta é promover, mediante estudos de casos, argumentos e evidências favoráveis às teses sociocognitivistas e construcionistas subscritas neste estudo. Além disto, dado o relevo da diversidade linguística dentro de nossas assunções teóricas, tais estudos têm como alvo a contribuição para uma descrição mais rica e mais autêntica da rede de construções em uso no Português.

A partir deste cenário investigativo, uma questão orienta nosso percurso analítico: **quais recursos formais e semântico-pragmáticos são capazes de desenhar a riqueza expressiva da CHS?** Os desafios analíticos postos a partir desta questão podem ser arrolados nos termos seguintes:

1. descrição dos padrões formais, semânticos e pragmáticos definidores da CHS;
2. apresentação de uma tipologia dos subpadrões que compõem tal construção;
3. investigação dos processos de integração conceptual – Símile e Metonímia – envolvidos na sua configuração semântica;
4. postulação dos vínculos de herança da CHS.

Configuradas nossas escolhas teórico-analíticas, apresentamos o seguinte percurso para o presente estudo: Em primeiro lugar, demarcamos as bases teóricas sociocognitivas e construcionais eleitas (capítulo 1). Ganham relevo nesta discussão as teses centrais da GrC como um Modelo baseado no Uso, em que se afirma o papel da EXPERIÊNCIA na arquitetura cognitiva do léxico e da gramática. Nestes termos, o conhecimento linguístico do falante é visto como uma coleção sistemática de pares de forma-função, isto é, de construções aprendidas com base na língua que ouve ao seu redor. O confronto entre as definições de projeções figurativas metafóricas e por Símile também ganha espaço, apresentando alguns contornos inéditos.

No capítulo 2, apresentamos o estado da arte em relação ao estudo das relações semântico-formais entre os fenômenos comparação e superlativação na gramática do Português. A busca por estudos, quer na Tradição Gramatical quanto Linguística, teve um retorno escasso; via de regra, apenas pequenos comentários sobre algumas instâncias da CHS,

alguns *insights* e poucos avanços descritivos capazes de recobrir, de modo efetivo, a gama de usos de tais recursos.

Os procedimentos metodológicos gerais adotados são descritos e justificados no capítulo 3. De modo a alcançar as metas analíticas pretendidas, nossa escolha metodológica recai em uma Linguística Cognitiva baseada em *Corpus* (SARDINHA, 2000). Tal escolha sustenta-se em um suposto fundamental ao paradigma sociocognitivista e construcionista eleito neste estudo, qual seja, o caráter institutivo do USO na arquitetura de nossos sistemas conceptuais e na constituição da rede de construções lexicais, gramaticais e discursivas que integram um sistema linguístico específico. Assim, se nossa meta envolve o desvelamento de uma construção do Português, a melhor forma de observá-la, descrevê-la e explicar sua forma e modos de significação é captando-a em seu habitat natural, ou seja, no discurso.

No capítulo seguinte (cap. 4), apresentamos nosso estudo de caso – a Construção Hiperbólica por Símile, cuja descrição, formalização e análise fazem emergir a riqueza formal e expressiva de um padrão construcional nunca estudado em nossas gramáticas.

As conclusões (capítulo 5) põem em relevo os ganhos teórico-analíticos auferidos neste estudo. A descrição de um padrão construcional alternativo de modificação de grau, de grande complexidade cognitiva e de grande riqueza expressiva, representa, a nosso ver, uma contribuição relevante para a descrição dos usos do Português. Por outro lado, este estudo de caso põe à luz evidências significativas para a consolidação de teses sociocognitivistas e construcionistas defendidas neste trabalho.

Passemos, pois, ao primeiro passo desta jornada: a configuração teórica deste estudo.

2. O APORTE TEÓRICO SOCIOCOGNITIVISTA

O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.

Clarice Lispector

O presente capítulo oferece um panorama geral e definidor do paradigma sociocognitivista e construcionista da linguagem que sustenta este estudo, nomeado Linguística Cognitiva. A partir da definição de seus pressupostos centrais, apresentamos a constelação de constructos, categorias e modelos que instituem este paradigma, dando forma às diferentes perspectivas com que distintas questões sobre as relações entre linguagem, cognição, biologia, cultura e sociedade são enfrentadas. Tal percurso argumentativo delinea-se nos termos seguintes:

À seção 2.1, configura-se o panorama geral definidor da Linguística Cognitiva; seu ponto de partida histórico no século XX, seus fundadores, fundamentos e seu contraponto histórico ao cognitivismo chomskiano. A tese de que a capacidade para a linguagem fundamenta-se em capacidades cognitivas gerais (SILVA, 2004) e de que essas capacidades são corporificadas e culturalmente situadas e definidas (LAKOFF & JOHNSON, 1999; FELDMAN, 2006; TOMASELLO, 2003) é defendida à seção 2.2.

Em seguida, tendo em vista constructos e categorias que se mobilizam na conceptualização de nossa construção linguística (a CHS), discorreremos, de modo abreviado, sobre os seguintes processos de categorização: Categorias de Nível Básico, Esquemas Imagéticos e Teoria Prototípica (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; ROSCH, 1978) (seção 2.3). Para chegarmos à definição de Símile – projeção figurativa de maior relevo neste estudo – apresentamos as bases sociocognitivas da Metáfora e as bases Metonímicas da Metáfora e do Símile (ISRAEL et al., 2004; LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1993; FAUCONNIER & TURNER, 2002; BARCELONA, 2003; entre outros) (seção 2.4).

Por fim, tratamos de dois modelos teóricos da Linguística Cognitiva que são pilares para a descrição e análise do nosso objeto: a Teoria da Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006; LAKOFF, 1987; SALOMÃO, 2002-2007, 2009;

MIRANDA, 2008-2010; BOAS, 2010) (seção 2.5) e a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1968, 1977, 1982) (seção 2.6). O modelo de Fillmore foi perspectivado a partir de um projeto lexicográfico denominado *FrameNet*¹ e da sua mais recente extensão teórico-analítica, o *Constructicon* (FILLMORE et al., 2010), cujo objetivo é descrever e formalizar construções, com vistas à sua inserção no referido dicionário.

2.1 A Linguística Cognitiva

Historicamente, a Linguística Cognitiva (doravante LC) surge nos finais da década de 70 e princípios de 80, em diferentes locais e de diferentes formas, graças, sobretudo, aos trabalhos dos norte-americanos George Lakoff (LAKOFF e JOHNSON, 1980, LAKOFF, 1987), Ronald Langacker (1987), Fillmore (1977) e Leonard Talmy (1983, 1988). No entanto, a institucionalização da LC como paradigma científico irá ocorrer somente em 1989, com a criação da *International Cognitive Linguistics Association* e a realização da primeira *International Cognitive Linguistics Conference* (Duisburg, Alemanha, 1989). Também são marcos iniciais as fundações da revista *Cognitive Linguistics* e da coleção *Cognitive Linguistics Research* (1990) (SILVA, 2004).

Em sua definição, a LC é vista como uma abordagem que perspectiva a linguagem em consonância com a experiência humana, representada, nos termos de Johnson (1987), pelo conjunto de dimensões perceptuais, motoras, emocionais, históricas, sociais e linguísticas. Portanto, a linguagem é vista nesse modelo como parte integrada aos demais modos da cognição (em dissonância com o modularismo de Chomsky), devendo, pois, ser analisada no seu uso e contexto de conceptualização, de categorização, de processamento mental, de interação e de experiência individual, social e cultural.

Segundo Geeraerts (1995), a concepção da linguagem como um meio propiciador da relação epistemológica entre sujeitos e objeto – que promove nossa compreensão da realidade – implica o reconhecimento da sua função essencialmente categorizadora e, por conseguinte, da significação como um fenômeno primário na análise linguística. É a sustentação dessa hipótese que marcará os primeiros momentos da LC e ganhará destaque nos

¹ Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>> e <<http://www.framenetbr.ufjf.br/>> Acesso em: 31 janeiro 2013.

estudos de Rosch (1978) e Roch & Mervis (1975), revelando um especial interesse pela investigação psicolinguística acerca da importância dos protótipos nos processos de categorização, conforme discutiremos mais adiante.

A esse princípio da primazia semântica, acrescenta-se a tese sociocognitivista de que a linguagem, em razão da sua função categorizadora, impõe estruturas, formas e organização ao conhecimento que temos do mundo. Portanto, na perspectiva apontada, não cabe a postulação de um nível estrutural ou sistêmico de significação linguística que seja distinto do nível em que o conhecimento de mundo está associado às formas linguísticas, como haviam sustentado os paradigmas estruturalista e gerativista.

A propósito, a concepção da linguagem como um dos modos da cognição deixa claro o posicionamento antagônico da LC em relação à tese da autonomia da linguagem, defendida aguerridamente pelos modelos estruturalista e gerativista, e aos postulados que dela derivam, como, por exemplo, a asserção saussureana da arbitrariedade do signo linguístico; a afirmação da natureza discreta e homogênea das categorias linguísticas; a ideia de que a linguagem é gerada por regras lógicas e por traços semânticos objetivos; a hipótese chomskyana da autonomia e da não-motivação semântica e conceptual da sintaxe (SILVA, 1997).

O Estruturalismo, nas suas diferentes formas, entende e estuda a linguagem como um sistema que se basta a si mesmo, com sua estrutura própria, seus princípios constitutivos e sua dinâmica; nos termos de Saussure (1916), um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos. Nesta perspectiva, portanto, o mundo que a linguagem representa e o modo como através dela o percebemos e conceptualizamos são considerados aspectos extralinguísticos.

Por sua vez, a Gramática Gerativa (GG), em seus distintos modelos (1965, 1970, 1973, 1977, 1981), postula uma faculdade da linguagem autônoma e específica, independente das outras faculdades mentais. Trata-se de uma teoria da gramática baseada na sintaxe, que se constitui como um nível autônomo e central para a explicação da linguagem.

Segundo Geeraerts (2003a), o desenvolvimento da Linguística no séc. XX implicou uma sucessão de movimentos descontextualizadores e recontextualizadores da gramática. Neste enquadre, a GG de Chomsky teria desempenhado um papel descontextualizador, uma vez que, investida do seu caráter autonomista, promoveu a secundarização da dimensão sociocultural da linguagem, a dessemantização da gramática e a

focalização nos sistemas de regras formais.

A LC teria, portanto, promovido a recontextualização da gramática, recuperando as várias dimensões contextuais rejeitadas pelo programa gerativista. São processos de recontextualização mencionados por Silva (2004): (i) a reintrodução do léxico na gramática e assunção da centralidade do significado na arquitetura gramatical; (ii) o restabelecimento da ligação entre gramática e performance e a importância dada ao discurso e à interação; (iii) o interesse dado à construção sociocultural do significado; (iv) a exploração da interação entre linguagem e cultura.

No texto intitulado *Assessing the cognitive linguistic enterprise*, R. W. Langacker (1999b: 13-23) explica que essa recontextualização da gramática aproxima os paradigmas cognitivista e funcionalista, opondo-os à tradição formalista. Langacker discorre sobre a complementaridade entre a Linguística Cognitiva e a Tradição Funcionalista, argumentando que a arquitetura linguística cognitivo-funcional envolve o reconhecimento do estatuto fundacional das funções semiológica (cognoscitiva) e interacional da linguagem e dos fatores situacionais, biológicos, psicológicos, históricos e socioculturais que a determinam, constituindo assim uma agenda complexa e multifacetada, naturalmente com diversas metodologias, mas que cumprem evidenciar os princípios convergentes a partir de múltiplas origens e de coerência geral.

De fato, se tomadas como modelos de recontextualização nos termos acima definidos, a Linguística Cognitiva e a Tradição Funcionalista possuem suas convergências, e as últimas aproximações buscadas pelos funcionalistas (HOPPE & TRAUGOTT, 1993; BYBEE & HOPPER, 2001; BYBEE, 2007; BRINTON & TRAUGOTT, 2005) em termos da Teoria da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2002, 2006) é um exemplo disto. Contudo, a agenda teórico-analítica da LC apresenta uma constelação de modelos marcados pela busca da compreensão dos processos cognitivos de significação – Teoria dos Protótipos (ROSCH, 1978); Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994); Teoria da Mesclagem (FAUCONNIER & TURNER, 2002); Teoria Conceptual da Metáfora e da Metonímia (LAKOFF, 1993; BARCELONA, 2003); Teoria Neural da Metáfora (LAKOFF, 2006, 2008; FELDMAN, 2006); dentre outros – que a coloca em um patamar bem distinto no que respeita à compreensão da dimensão sociocognitiva da linguagem. Esta agenda teórico-analítica, de grande relevo para o presente estudo, é o assunto da próxima seção.

2.2 As bases corporificadas da mente e a cultura

Herdamos da tradição filosófica ocidental a concepção de que temos uma faculdade para raciocinar, separada e independente da percepção sensorial e do movimento corporal. A percepção pode informar a razão, e o movimento pode ser uma consequência da razão, mas nenhum aspecto da percepção ou do movimento é tratado como parte da razão.

Assume-se, pois, uma dicotomia entre percepção e concepção: enquanto a percepção é aceita como naturalmente corporificada, a concepção – a formação e o uso dos conceitos – é vista nesta tradição como puramente mental, completamente separada e independente das habilidades motoras e perceptoras (LAKOFF & JOHNSON, 1999: 16,17).

Em contrapartida, o cognitivismo de orientação johnson-lakoffiana afirma não haver tal faculdade autônoma da razão. Como hipótese, abraça a visão evolucionária, segundo a qual, a razão emerge das capacidades corporais – da percepção e do movimento – e as utiliza. O resultado é uma mudança radical sobre a nossa perspectiva da razão e, por conseguinte, uma alteração profunda da compreensão que temos de nós mesmos.

O postulado científico sobre a corporificação da mente é profundamente inquietante. Nos termos de Lakoff & Johnson (1999),

Human reason is a form of animal reason, a reason inextricably tied to our bodies and the peculiarities of our brains. [...] our bodies, brains, and interactions with our environment provide the mostly unconscious basis for our everyday metaphysics, that is, our sense of what is real (LAKOFF & JOHNSON, 1999: 17).²

De acordo com a argumentação acima, nossa compreensão da realidade depende crucialmente da natureza dos nossos corpos e da interação destes com o meio em que vivemos. Nosso aparato sensório-motor e nossa estrutura cerebral nos possibilitam e nos restringem a percepção, o movimento e a manipulação, determinando assim nossa concepção de realidade.

² a razão humana é uma forma de razão animal, uma razão inextricavelmente vinculada aos nossos corpos e às peculiaridades dos nossos cérebros. [...] nossos corpos, cérebros e interações com o ambiente fornecem as bases essencialmente inconscientes da nossa metafísica comum, isto é, do nosso sentido cotidiano do que é a realidade (LAKOFF & JOHNSON, 1999: 17, tradução nossa).

Os experimentos com a modelagem computacional de redes neurais, liderados por Feldman (2006) na área das ciências cognitivas, fornecem evidências indiretas da conjunção entre conceptualização e percepção, ou seja, simulando estruturas neurais, esses modelos mostram que o nosso cérebro, em princípio, pode realizar tarefas sensório-motoras e conceptuais, simultaneamente.

Segundo Feldman, uma teoria da linguagem corporificada deve basear-se em dois princípios fundamentais e em uma advertência: (i) o pensamento é uma atividade neural estruturada; (ii) a linguagem é inseparável do pensamento e da experiência; (iii) o estudo da linguagem deve ser explicitamente baseado nesses princípios. Nesta perspectiva, portanto, qualquer construção mental é realizada neuronalmente, ou seja, nossos conceitos são, na verdade, estruturas neurais que nos permitem caracterizar mentalmente nossas categorias ontológicas e raciocinar sobre elas.

É importante salientar que esse enfoque das bases neurobiológicas e cognitivas não implica a exclusão nem a secundarização dos fatores interacionais, sociais e culturais no uso e na construção da linguagem. Não é o caso aqui de se praticar uma perspectiva descontextualizada da estrutura linguística; pelo contrário, as mentes individuais não são entidades autônomas, mas corporificadas, encarnadas e altamente interativas com o ambiente, nele destacado o contexto social.

Uma discussão empreendida por Tomasello (2003) harmoniza-se com o que acabamos de afirmar. Tomasello apresenta um modelo sobre a evolução da cognição humana, que concilia em um mesmo quadro conceitual aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais, ao mesmo tempo em que critica a prática tradicional (dentro das ciências humanas e sociais) de se estabelecer uma cisão entre os aspectos biologicamente herdados e os culturalmente aprendidos, ao se abordar a cognição humana.

Com base nesse modelo, Tomasello vem propor uma *Teoria da Aquisição da Linguagem Baseada no Uso*, que enfatiza aspectos biológicos e sociopragmáticos envolvidos nos processos de aquisição e desenvolvimento de competências linguístico-simbólicas. Neste enquadre, adquirir e compreender competências linguísticas são processos sociobiológicos que envolvem as habilidades sociocognitivas humanas de compreensão e compartilhamento de intencionalidade e a participação em atividades sociocomunicativas, historicamente estabelecidas, com indivíduos humanos linguística e simbolicamente competentes.

Enfim, as considerações retomadas nesta seção nos fazem crer que a Linguística Cognitiva reconhece explicitamente não só que a capacidade para a linguagem fundamenta-se em capacidades cognitivas gerais, mas também que essas capacidades são culturalmente situadas e definidas. Assim, se compaginam e se interligam na cognição e na linguagem fatores universais, diretamente ligados ao fato de os indivíduos terem a mesma estrutura biológica e interagirem num mundo basicamente igual para todos, e fatores culturalmente específicos. Passamos então à caracterização de alguns mecanismos cognitivos complexos que se mobilizam na conceptualização das construções linguísticas.

2.3 Processos de categorização

Em linhas gerais, categorizar consiste em reconhecer, diferenciar e agrupar, com um propósito específico, um conjunto de ideias ou objetos pertencentes a um dado universo. No entanto, podemos apontar historicamente duas teorias que divergem no modo como abordaram o fenômeno da categorização: a *Teoria Clássica da Categorização* e a *Teoria dos Protótipos*.

A *Teoria Clássica da Categorização* tem sua origem em Platão e Aristóteles. Platão, em seu diálogo Político, introduziu a ideia de agrupar objetos baseados na semelhança de suas propriedades. No entanto, foi Aristóteles, em um contexto filosófico, quem empregou o termo categoria (do grego *Κατηγορία*) pela primeira vez, ao analisar a diferença entre classes e objetos, aprofundando e sistematizando o esquema de classificação proposto por Platão.

As categorias clássicas são entidades discretas elegantemente organizadas com fronteiras claras e bem definidas, mutuamente exclusivas, coletivamente exaustivas e articulam-se em termos de uma hierarquia taxonômica simples, estruturada do mais geral para o mais específico. Portanto, do ponto de vista clássico, as categorias são caracterizadas por um conjunto de propriedades necessárias e suficientes, compartilhadas por seus membros, de forma que qualquer objeto do universo de classificação deve pertencer inequivocamente a uma, e somente uma, das categorias propostas.

Essa visão clássica acerca das categorias humanas tem sido colocada em questão por uma série de estudos provenientes de diferentes campos disciplinares, como a Biologia, a Antropologia, a Filosofia, a Linguística e a Psicologia Cognitiva. Neste último domínio, há que se destacar a relevância teórica das pesquisas de Eleanor Rosch (ROSCH, 1978; ROSCH & MERVIS, 1975), quem primeiro forneceu uma perspectiva geral sobre os problemas relativos aos fenômenos de categorização.

Inspirada no princípio de *Semelhanças de Família*, lançado por Wittgenstein (1953) acerca da natureza nebulosa dos conceitos e da superposição e entrecruzamento dos traços semelhantes que ocorrem entre os membros de uma classe conceitual, Rosch desenvolveu (na década de 70) o que veio a ser chamado de *Teoria dos Protótipos e Categorias de Nível Básico* ou, simplesmente, *Teoria Prototípica*.

De acordo com a *Teoria Prototípica*, as categorias estariam representadas em nossa mente em termos de protótipos, e os graus de representatividade dos seus membros seriam determinados pelo grau de similaridade ao protótipo, fosse ele interpretado como uma abstração, um esquema de feixe de traços ou um exemplo particular. Assim, os protótipos teriam a propriedade de atuar como referentes cognitivos, desempenhando um importante papel em nosso raciocínio, principalmente servindo de base para as inferências (ROSCH, 1978).

As pesquisas de Rosch sobre a prototipicidade dos conceitos estendeu-se das categorias perceptuais (por exemplo, CORES, FORMAS e LINHAS) às categorias não-perceptuais ou semânticas, tais como: ANIMAIS, FRUTAS, VEÍCULOS, etc. Seus resultados mostram que a maioria das categorias é amplamente estruturada em seu interior, de modo que não há fronteiras claramente definidas; existe um significado nuclear que consiste dos casos mais claros ou melhores exemplos da categoria, os quais são circundados por outros membros de similaridade decrescente ao significado nuclear.

Rosch (1978) concluiu então que um protótipo é algo que reflete de forma direta a natureza da categorização humana, e os efeitos de prototipia (ou assimetria entre os membros de uma categoria) seriam fenômenos superficiais, provenientes do fato de que o nosso conhecimento está organizado em termos de *frames* – hipótese esta também assumida por Lakoff (1987), explicando assim o caráter fundador da *Teoria Prototípica* na semântica praticada por ele ou, mais especificamente, na *Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados* que a consubstancia.

Prototype phenomena [...] are used instead in thought – making inferences, doing calculations, making approximations, planning, comparing, making judgments – as well as in defining categories, extending them, and characterizing relations among subcategories. Prototypes do a great deal of the real work of the mind and have a wide use in rational processes (LAKOFF, 1987: 145)³.

Segundo Lakoff (1987), uma das principais fontes de efeitos de prototipia é o modelo cognitivo metonímico, de acordo com o qual, um membro de uma categoria, uma subcategoria ou um submodelo é tomado como representativo da categoria ou do modelo como um todo, para uma ampla variedade de propósitos: raciocínios em geral (dedutivos ou indutivos); reconhecimento de objetos; inferências; avaliações; etc. Daí, a presença de estereótipos sociais, modelos ideais, padrões e exemplos salientes nas instâncias de CHS, conforme será demonstrado no capítulo 5, justificando assim a relevância da *Teoria dos Protótipos* e suas derivações para a análise do nosso objeto.

Enfim, as pesquisas realizadas no quadro teórico da Linguística Cognitiva (desde os seus primórdios, na década de 1980) têm reafirmado a nossa capacidade de categorização como uma consequência inescapável da nossa constituição biológica e das nossas experiências no mundo. Nossos sistemas de categorização refletem o modo como a cognição humana opera diante do universo que se lhe apresenta, e as categorias linguísticas atuam como parâmetros do pensamento e da perspectiva dos diversos agrupamentos humanos, desvendando-lhes suas histórias naturais e sociais.

Além disso, Lakoff (1987) salienta que boa parte das categorias humanas, notadamente as abstratas, são construídas com base em nossa capacidade imaginativa, o que faz dos processos figurativos, tais como a Metáfora, a Metonímia e a Comparação por Símile, mecanismos essenciais para a estruturação do nosso sistema conceptual (cf. seção 2.4). Neste enquadre, em que se revoga a tradicional dicotomia entre percepção e razão e se concebe a experiência corporificada como dimensão central nos processos humanos de categorização, são postulados domínios de estrutura preconceptual e conceptual que estariam na base do nosso conhecimento.

3 fenômenos prototípicos [...] são usados no pensamento para que possamos realizar inferências, cálculos, aproximações, julgamentos, assim como para definir categorias, entendê-las e caracterizar relações entre subcategorias. Os protótipos fazem uma grande porção do trabalho efetivo da mente e são amplamente usados em processos racionais. (LAKOFF, 1987: 145, tradução nossa).

Apresentaremos, a seguir, dois tipos de estrutura preconceitual: Categorias de Nível Básico e Esquemas Imagéticos, abordadas conforme as perspectivas de Lakoff (1987), Lakoff & Johnson (1999), Johnson (1987) e Rosch & Mervis (1975). A noção de *frame* (exemplo de estrutura conceitual) será especialmente discutida na seção 2.6, que trata da Semântica de *Frames*, tal como modelada por Fillmore (1968, 1977, 1982).

De acordo com Lakoff (1987), as Categorias de Nível Básico são subsegmentações naturais do mundo, proporcionadas pela nossa percepção gestáltica, pela manipulação direta de objetos e pela capacidade que temos de formar imagens. Portanto, o nível básico reúne o conjunto de propriedades que forma a descrição genérica mais condensada das categorias que lhe estão associadas.

Uma categoria como ANIMAL, por exemplo, pode ter um membro prototípico, mas não uma representação visual cognitiva. Em contrapartida, categorias básicas de ANIMAL (por exemplo: cão, pássaro, peixe, etc.) são superinformativas, uma vez que maximizam o número de propriedades compartilhadas pelos membros da categoria e minimizam o número de propriedades compartilhadas com outras categorias. Outros exemplos de categorias de nível básico são: água, sol, terra, fogo (para entidades naturais); carro, cadeira, livro, flecha, foguete (para objetos artefatos); andar, correr, comer, beber (para ações); alto, pesado, quente, cores focais (para propriedades). No estudo que realizamos sobre a dimensão conceitual da CHS (seção 5.5), apresentamos uma tipologia das categorias de nível básico contempladas nos domínios fonte e alvo do Símile que estrutura esse padrão construcional.

Segundo Rosch & Mervis (1975), tais categorias são a fonte dos nossos conhecimentos mais estáveis e uma evidência de que a segmentação do mundo não é arbitrária, mas altamente motivada, posto que representam:

- i. o nível mais privilegiado no desenvolvimento linguístico: o primeiro a ser aprendido e o primeiro a ser nomeado;
- ii. o nível mais inclusivo em que as formas dos objetos de uma categoria são parecidas e, conseqüentemente, mais facilmente reconhecidas;
- iii. o nível em que a maioria dos objetos é nomeada nas diferentes línguas: o mais codificável e o mais codificado;
- iv. o nível mais necessário na linguagem de qualquer pessoa.

Esquemas Imagéticos, por sua vez, são estruturas gestálticas, preconceituais, que emergem a partir da nossa experiência corporificada. Tratam-se, pois, de memórias inconscientes, instituídas pela recorrência e sistematicidade de experiências sensoriais, físicas e sociais. Embora sejam minimamente estruturados, os esquemas imagéticos organizam um número muito amplo de percepções, imagens e eventos (JOHNSON, 1987).

Concepts like front and back [...] would not exist if we did not have the kinds of bodies we have. The same is true of fundamental force-dynamic schemas: pushing, pulling, propelling, supporting, and balance. We comprehend these through the use of our body parts and our ability to move them, especially our arms, hands, and legs (LAKOFF & JOHNSON, 1999: 36)⁴.

Outros exemplos de esquemas imagéticos frequentemente usados e compreendidos com base em nossa corporalidade são: CONTÊINER, TRAJETÓRIA, ELO, PARTE-TODO e CENTRO-PERIFERIA. Constantemente nos interpretamos como se fôssemos CONTÊINERES, de diferentes formas e tamanhos, com lados de dentro e de fora, regiões limítrofes, capacidade de armazenamento, etc., o que nos permite produzir e compreender expressões metafóricas do tipo: *“Maria está cheia de paixão”* ou *“Jesus derramou seu amor sobre os homens”*.

Por outro lado, toda vez que nos movemos ou vemos algo se mover, compreendemos o movimento em termos do esquema imagético da TRAJETÓRIA e raciocinamos de acordo com ele, i.e., levamos em conta um trajetor, um ponto de partida (ou origem), um destino (ou meta), uma rota (ou percurso), uma trajetória, a posição e a direção do trajetor em dado momento e a localização final do trajetor. A interpretação de uma frase do tipo *Os países europeus entraram em crise* combina os esquemas imagéticos: TRAJETÓRIA e CONTÊINER, conforme ilustração abaixo:

4 Os conceitos de *frente* e *costas* [...] possuem existência e sentido vinculados ao tipo de corpo que possuímos. O mesmo se pode pensar em relação à dinâmica da força física, ou seja, estruturamos os conceitos de *empurrar*, *puxar*, *carregar* e *equilibrar*, utilizando partes dos nossos corpos e nossa habilidade de manipular e mover objetos, especialmente com nossos braços e pernas (LAKOFF & JOHNSON, 1999: 36, tradução nossa).

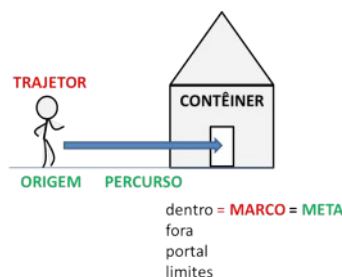


Figura 1: Combinação dos esquemas imagéticos TRAJETÓRIA e CONTÊINER.

Como se pode notar, um esquema imagético possui um conjunto de elementos que o estruturam e que constituem sua lógica de base, preservada quando da sua projeção inclusive em conceitos metafóricos.

2.4 Metáfora e Símile

A estruturação de conceitos por relações de paridade é muito comum ao pensamento humano e parece ser indispensável à nossa cognição, visto que esse tipo de relação otimiza nosso conhecimento de mundo, permitindo-nos avaliar, compensar e aprender coisas novas em relação a algo já conhecido.

A linguagem, entendida neste contexto como manifestação verbal da nossa capacidade de conceptualização e propulsora do pensamento, reflete esse tipo de estruturação cognitiva, revelando a atuação de sofisticados mecanismos conceptuais, tais como: *projeção metafórica e comparação por Símile*.

Nas próximas subseções, estaremos discutindo como esses mecanismos conceptuais têm sido tratados ao longo dos tempos, principalmente sob as perspectivas da Linguística Cognitiva, Neurolinguística e Psicolinguística. Veremos que, embora pareçam manifestações de um mesmo fenômeno, o Símile e a Metáfora apresentam variações na forma, no sentido, nas funções retóricas a que servem e, até mesmo, em relação aos devidos processamentos no cérebro.

2.4.1 O fenômeno metafórico

Muitas discussões têm sido travadas acerca do fenômeno metafórico, inclusive aquela que tivemos o prazer de empreender em nossa dissertação de mestrado (PIRES, 2008), sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Margarida Salomão, quando identificamos e descrevemos as metáforas amorosas que permeiam o sistema conceptual dos brasileiros, influenciando seu pensamento e suas ações.

Naquela ocasião, fornecemos uma perspectiva histórica do fenômeno, iniciando-se pela concepção aristotélica de que a Metáfora assentava-se exclusivamente na linguagem (século IV a.C.). Além disso, havia uma dissociação nítida entre linguagem e Metáfora, ou seja, a Metáfora seria utilizada pela linguagem somente com o intuito de alcançar determinado efeito discursivo, restringindo-se a ser simples adereço do pensamento, um ornamento linguístico, uma representação alegórica das vivências reais.

Essa visão retórica da Metáfora, predominante na cultura ocidental, estava associada à ideia de que as expressões de uma língua natural possuem um sentido próprio, independente da compreensão humana. Neste caso, as palavras e frases deviam ser tratadas como objetos que possuem propriedades inerentes e relações fixas umas com as outras, independentemente de quem as pronuncie ou compreenda.

No entanto, na década de 1970, ocorreu uma mudança paradigmática que implicou uma reformulação profunda da maneira de concebermos a objetividade, a compreensão, a verdade, o sentido e a Metáfora. Essa mudança se fez notar na adoção de uma abordagem experiencialista, segundo a qual, a verdade é relativa, e nosso sistema conceptual é forjado (e constantemente testado) por nossas interações diárias com outras pessoas e com nosso ambiente físico e cultural. Neste enquadre, o homem só existe como parte de seu meio; sua constante interação com o ambiente físico e com as outras pessoas tem primazia absoluta e produz uma mútua e essencial transformação, ou seja, o ser humano transforma o meio em que existe e, ao mesmo tempo, é transformado por ele (LAKOFF & JOHNSON, 2002: 348).

A partir daí, a Metáfora passou a ter seu valor cognitivo reconhecido, mudando seu *status* de simples figura de retórica para o de operação cognitiva fundamental. O *locus* da Metáfora deixou de ser a linguagem e passou a ser o modo pelo qual conceptualizamos um domínio mental em termos de outro domínio mental. Neste contexto, cada mapeamento

representa um conjunto de correspondências entre entidades de um domínio fonte a um domínio alvo. Uma vez estabelecidas essas correspondências, padrões de inferência concernentes ao domínio fonte são projetados sobre o domínio alvo, proporcionando uma lógica para a compreensão deste domínio. Em suma, a *Teoria Conceptual da Metáfora* (LAKOFF, 1993), resumidamente caracterizada neste parágrafo, sustenta que a Metáfora é um fenômeno primariamente conceptual e convencional, que integra o sistema ordinário do pensamento e da linguagem.

A evidência do corpo humano nas teorias da linguagem e do sentido, ao que se denomina “realismo corporificado” (*embodied realism*) (LAKOFF & JOHNSON, 1999), abriu espaço à postulação lakoffiana de que os conceitos abstratos são produzidos neurobiologicamente, pelo aproveitamento de estruturas neurais originariamente dedicadas à percepção e ao movimento. Tal *insight* fez com que despertasse em alguns pesquisadores (entre eles, Lakoff, Feldman, Gallese, Grady, Bailey e Narayanan) o interesse pela busca de uma unificação de proposições fundadoras nas áreas da Computação, Psicologia, Linguística e Neurociências.

Jerome Feldman (2006), uma referência no estudo das redes neurais artificiais como solução na área de engenharia (robótica), vem propor então que a formatação dos nossos circuitos neurais, produto da corporificação de nosso funcionamento no mundo, determina o modo como adquirimos a linguagem e seu correspondente sistema conceptual.

Ele acredita que tipos básicos de circuitos neurais emergem, à medida que ocorre essa formatação pela experiência. Assim, há circuitos neurais específicos caracterizando *frames*, esquemas imagéticos, metáforas conceptuais, itens lexicais ou construções gramaticais. A propósito, de acordo com essa perspectiva, qualquer operação cognitiva deve ser passível de análise por meio da descrição de computações neurais específicas, envolvendo diferentes sistemas de circuitos.

É neste ambiente que a *Teoria Conceptual da Metáfora* sofre sua mais recente e mais radical transformação, evoluindo para a chamada *Teoria Neural da Metáfora* (LAKOFF, 2006, 2008; FELDMAN, 2006); uma teoria que correlaciona sistemas de atributos com propriedades computacionais apropriadas, conforme ilustrado no quadro abaixo, que traz a notação da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM (LAKOFF, 2008):

Metáfora: O AMOR É UMA VIAGEM

Domínio Fonte: VIAGEM

Domínio Alvo: AMOR

Mapeamentos:	VIAJANTES	→	AMANTES
	VEÍCULO	→	RELACIONAMENTO
	DESTINAÇÕES	→	PROPÓSITOS
	OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO	→	DIFICULDADES
	PROXIMIDADE	→	INTIMIDADE

Evoca:

a metáfora PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES, com:

DESTINAÇÕES = Ego.Fonte.DESTINAÇÕES DOS VIAJANTES

PROPÓSITOS = Ego.Alvo.PROPÓSITOS DOS AMANTES

a metáfora DIFICULDADES SÃO OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO, com:

OBSTÁCULOS PARA O MOVIMENTO = Ego.Fonte.OBSTÁCULOS P/ MOVIMENTO DOS VIAJANTES

DIFICULDADES = Ego.Alvo.DIFICULDADES NO DESENVOLVIMENTO DO RELACIONAMENTO

a metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:

PROXIMIDADE = Ego.Fonte.PROXIMIDADE DOS VIAJANTES NO VEÍCULO

INTIMIDADE = Ego.Alvo.INTIMIDADE DOS AMANTES NO RELACIONAMENTO AMOROSO

a metáfora UM RELACIONAMENTO É UM CONTÊINER, com:

CONTÊINER = Ego.Fonte.VEÍCULO

RELACIONAMENTO = Ego.Alvo.RELACIONAMENTO AMOROSO

Quadro 1: Notação da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM para a TNM (LAKOFF, 2008).

O estabelecimento da metáfora acima anotada corresponde, na hipótese lakoffiana, a um circuito de projeção. O título da metáfora representa o nódulo gestáltico. As setas (→) correspondem a circuitos de conexão. O mapeamento especifica que elementos estão sendo projetados no alvo. Os sinais de igual (=) especificam as ligações neurais. O enunciado *evoca* anuncia circuitos de conexão que operam as ligações neurais entre as metáforas “componentes” e a metáfora complexa O AMOR É UMA VIAGEM. Esse formalismo é atualmente usado pelos analistas da metáfora, pois pode ser convertido em algoritmos para os programas de modelagem computacional, que tomam uma sentença como *input* e produzem uma análise como *output*.

Enfim, para usar os termos de Kövecses (1999), ficamos com a convicção de que as metáforas devam ser concebidas, simultaneamente, como fenômenos linguísticos, conceptuais, neurais, sociais e culturais; sua universalidade e variedade dependem da base neurocorporal e da experiência sociocultural dos usuários da linguagem.

Passaremos agora a apresentar alguns estudos que discorrem sobre o fenômeno da

similaridade, mais especificamente aquele que se manifesta nos Símile. Conforme veremos, tais estudos são realizados em uma perspectiva de confronto com a Metáfora, dadas as convergências nos fundamentos desses mecanismos conceptuais.

2.4.2 O fenômeno do Símile

Embora a Metáfora seja a vedete dos estudos cognitivos sobre a significação, o Símile (ou Comparação por Símile) também constitui um tipo de racionalidade imaginativa fundada na experiência vivida, razão pela qual muito daquilo que consideramos a respeito do fenômeno metafórico também se aplica ao Símile.

Desde a Retórica Clássica, os analistas da linguagem têm tratado a Metáfora e o Símile como manifestações de um só fenômeno, que envolve um princípio básico de analogia e a interpretação de um sentido figurado, mesmo diante dos diferentes padrões sentenciais que as instanciam. Aristóteles argumentava que “the simile also is a metaphor... the difference is but slight” (ARISTÓTELES, *Arte Retórica*, 1354, III: 4, tr. de W. Rhys Roberts)⁵; essa diferença mínima era considerada superficialmente, em nível de expressão formal, ou seja, enquanto a Metáfora constitui uma expressão figurativa estruturada em termos de X é Y, o Símile acrescenta um conector de similaridade a esse tipo de expressão (X é *como* Y). Portanto, do ponto de vista clássico, o Símile simplesmente torna explícito o que a Metáfora meramente implica (ISRAEL, HARDING & TOBIN, 2004).

A ideia de que Metáforas podem ser parafraseadas por Símile levou alguns teóricos a tentar definir uma figura⁶ em termos da outra, como Max Black (1993), que vê a Metáfora como um Símile elíptico, ou Glucksberg e Keysar (1990), para quem a Metáfora é uma figura mais básica e fonte para a explicitação de uma comparação figurativa: o Símile. Neste caso, o tratamento dado à relação Símile/Metáfora passou a ser uma questão de prioridade ontológica: “which comes first, the metaphorical egg or the chicken of similitude?” (GLUCKSBERG, 2001: 29).

5 Disponível em: <<http://www.davemckay.co.uk/philosophy/aristotle>> Acesso em: 28 janeiro 2013.

6 O termo “figura” utilizado neste contexto para fazer alusão a processamentos metafóricos e a comparações por Símile deve ser concebido não somente como uma estratégia aplicada ao texto, com a finalidade de provocar determinados efeitos na interpretação do leitor, mas também, e principalmente, como referência a operações cognitivas fundamentais ao pensamento humano.

Por outro lado, a concepção da Metáfora como um tipo de comparação elíptica é categoricamente rejeitada pela Teoria Conceptual da Metáfora (LAKOFF, 1993), inclusive em sua versão mais recente, a Teoria Neural da Metáfora (LAKOFF, 2006, 2008; FELDMAN, 2006), cujo argumento contraposto baseia-se no fato de que metáforas primárias, tais como: FELICIDADE É PARA CIMA; IMPORTANTE É GRANDE; SIMILARIDADE É PROXIMIDADE; DIFICULDADES SÃO CARGAS; TEMPO É MOVIMENTO; CAUSAS SÃO FORÇAS FÍSICAS; entre outras, não refletem similaridades objetivas (claras, prontamente detectáveis) entre os domínios fonte e alvo; em vez disso, são adquiridas⁷ de forma automática e inconsciente, a partir da nossa experiência corpórea no mundo.

Em seu trabalho sobre as metáforas primárias na aquisição da linguagem, Siqueira & Lamprecht (2007) argumentam em prol desse realismo corporificado (*embodied realism*), alegando que, em nossas experiências cotidianas, existem situações mais frequentes e cujos significados são mais salientes em função do modo como essas experiências estão relacionadas com nossos objetivos:

Quando nos encontramos em um ambiente desconhecido, à noite, normalmente sentimos um desconforto maior do que se estivéssemos neste mesmo ambiente, durante o dia, quando a claridade permite um campo de visão mais amplo e uma sensação de controle da situação. É essa estreita correlação experiencial entre o domínio fonte da ESCURIDÃO – que serve como fonte de inferências – e o domínio alvo da INSEGURANÇA – ao qual as inferências do domínio fonte se aplicam – que vai propiciar o surgimento da metáfora primária RUIM É ESCURO (SIQUEIRA & LAMPRECHT, 2007: 246).

O lexicógrafo Patrick Hanks (2005) também defende essa hipótese da natureza holística, exclusiva da Metáfora, em contraposição ao Símile, que se baseia em uma propriedade saliente, própria das entidades confrontantes ou adaptada à primeira entidade no ato da comparação. Segundo Hanks, enquanto a Metáfora normalmente não especifica qual propriedade deve ser projetada no domínio alvo, o Símile se nos apresenta como uma genuína forma de comparação, uma vez que requer a individuação dos conceitos fonte e alvo e uma

⁷ A aquisição de metáforas primárias neste contexto não remete à hipótese inatista, postulada pela Linguística Gerativa, mas à ideia de que essas metáforas são aprendidas como resultado de um mapeamento conceitual imediato via conexões neurais (LAKOFF e JOHNSON, 1999: 56).

avaliação daquilo que eles têm em comum, promovendo a similaridade. Por exemplo, no Símile instanciado em *Aquele homem é alto como uma torre*, a propriedade *altura*, compartilhada pelas entidades confrontantes *homem* e *torre*, é inerente a essas entidades e promove, de modo explícito, a relação de similaridade.

A metáfora seria, portanto, uma projeção de caráter mais amplo, mais holístico, envolvendo múltiplos mapeamentos (cf. Quadro 1, subseção anterior), enquanto o Símile estaria submetido a mapeamentos bem mais restritos, próprios de sua natureza comparativa, como buscaremos evidenciar em nossas análises (cf. cap. 5).

Abrimos aqui um espaço para outra questão, que envolve a distinção entre Símile e comparação simples (literal). Segundo Israel et al. (2004) e Miller (1993), o Símile particulariza-se pela sua natureza figurativa, que implica a comparação de domínios normalmente incomparáveis, usando imagens vívidas para sugerir elos extraordinários entre os domínios evocados. Assim, para que um Símile seja interpretado, o indivíduo deve realizar inferências com base em informações contextuais ou na experiência de vida, de modo a elucidar os motivos não óbvios pelos quais a similaridade foi concebida.

O Símile instanciado em *Meu marido e eu vemos o esquí como uma tentativa de suicídio*, por exemplo, requer do falante/ouvinte considerar e comparar duas entidades muito diferentes (*esquí* x *tentativa de suicídio*), com base no *frame* Perigo (*Risky_situation*). Outra ilustração seria a comparação do cabelo de alguém com um algodão; sabemos que ambos são constituídos de células, que são fios, que possuem uma certa textura, mas a sua similaridade quanto a cor, por exemplo, será perspectivada na cena. Portanto, do ponto de vista apresentado, o Símile é uma questão de *construal* (LANGACKER, 1987), ou seja, sua interpretação depende daquilo que está em foco em relação a uma entidade multifacetada.

Como se pode notar, parece haver um consenso na tradição dos estudos sobre o Símile que envolve três propriedades essenciais:

- (i) o Símile é uma forma de comparação;
- (ii) essa comparação é explícita e
- (iii) envolve entidades que não são normalmente consideradas comparáveis, o que implica, de algum modo, o seu caráter figurativo.

Retomando a discussão sobre distinção entre Símile e Metáfora, é relevante pontuar a observação de Israel et al. (2004) sobre o caráter mais restritivamente linguístico da expressão do Símile em relação à Metáfora. Para esses estudiosos, o Símile seria, fundamentalmente, uma figura de expressão linguística, enquanto a Metáfora, uma figura de pensamento, estruturadora de diferentes domínios conceituais, cujo uso não recobre somente a linguagem, mas também (e principalmente) os processos de raciocínio em geral, as práticas sociais e os gestos.

A distinção acima considerada poderia justificar o interesse mais amplo pelos estudos sobre Metáfora, não só na Linguística, mas em outros campos da Ciência Cognitiva. No entanto, os argumentos apresentados até aqui não subtraem do Símile sua peculiar natureza cognitiva no confronto com a Metáfora. Ao contrário, eles nos fazem crer que, enquanto Símile reflete, chamam a atenção para uma suposta similaridade entre duas entidades distintas, Metáforas criam identidade entre elas. Este é o argumento de Matthew Lipman, filósofo norte-americano.

Segundo Lipman (1988: 105), o Símile instanciado em *A cara do Jorge era como uma nuvem negra* traz certa carga emocional, embora forneça uma comparação consciente, no sentido de que a identidade dos seres confrontantes é preservada. Por outro lado, a expressão metafórica *A cara de Jorge era uma nuvem negra* é mais dramática, uma vez que elimina a comparação e trata duas entidades distintas como se fossem uma só. Portanto, na perspectiva apontada, quando a similaridade é substituída por uma relação de Identidade, temos a Metáfora.

É sobre tal argumento que nos propomos a debruçar, tomando a Identidade e a Similaridade como Relações Vitais entre/intraframes, promovidas no Processo Cognitivo da Mesclagem/*Blending*. De fato, nossa proposta é trazer para a discussão um ingrediente novo – até hoje desconsiderado – confrontando o processamento cognitivo da Metáfora e do Símile através das redes de integração conceptual desenhadas por Fauconnier e Turner (2002).

Tais estudos já promovem a Metáfora como um tipo de rede – Mescla de Escopo Único (FAUCONNIER & TURNER, 2002: 126). O que defendemos é que ambas as figuras envolvem processos de mesclagem, em que a estrutura-alvo é, de algum modo, entendida em termos da estrutura-fonte. O processamento envolvido em cada tipo de projeção tem, contudo, um desenho particular. É o que tentaremos provar em nossa análise (cf. cap. 5), estendendo essa visão processual da Metáfora ao Símile. Para tanto, cabe aqui um parêntese com informa-

ções (mesmo que sucintas) sobre os fundamentos básicos da Teoria Conceptual da Mesclagem, as quais nos servirão de escopo analítico.

A mesclagem é definida como uma operação cognitiva genérica e rotineira; uma operação de integração conceptual que alavanca a criatividade de todas as formas de pensamento – produção de novas relações, novas configurações e, conseqüentemente, novas significações e conceptualizações. Deste modo, são igualmente múltiplas suas funções e atuações em diversificados contextos: integração de eventos, solução de problemas, ações e projetos inéditos, inovação científica, humor, efeitos artísticos, transferências de emoções, conceptualização, estratégias retóricas. Em termos linguísticos, a mesclagem é um importante mecanismo cognitivo de produtividade lexical e renovação gramatical.

Segundo Fauconnier & Turner (2002), mesclas operam na escala humana, o que significa dizer que buscam trazer às cenas conceptuais entidades e elementos próximos e familiares, de modo a propiciar o nosso entendimento. Portanto, a mesclagem tem por metas: (i) comprimir o que é difuso; (ii) obter *insights* globais; (iii) fortalecer relações vitais; (iv) provocar a emersão de histórias; (v) ir do múltiplo ao uno. Nesta perspectiva, Mesclas são, por excelência, processos de compressão.

Em termos de princípios constitutivos, a mesclagem estrutura-se em Espaços Mentais: Espaço Fonte (*Input*); Espaço Genérico; Espaço Mescla (*Blend*); Estrutura Emergente; Projeções Parciais (*Mapping*) e Compressões de Relações Vitais. Uma vez projetados quatro espaços ou mais, chega-se à estrutura emergente através de compressões de Relações Vitais.

Em princípio, Relações Vitais são relações conceptuais que ocorrem reiteradamente, formando padrões de compressão nos processos cognitivos de mesclagem, captando os detalhes da integração conceptual. Tais relações podem estabelecer-se entre os espaços mentais (suscitados por *frames* com seus elementos estruturadores) que atuam como *Inputs* na rede de integração conceptual (*outer-space relations*) ou no interior desses espaços (*inner-space relations*), de modo que cada relação teria uma contraparte comprimida no Espaço Mescla. Os idealizadores da Teoria da Mesclagem propõem uma tipologia de relações, dentre as quais, importam para o presente propósito as relações de: Analogia, Identidade e Similaridade.

A Analogia depende da compressão Papel-Valor. Comparando-se duas redes de integração conceptual que compartilham o mesmo *Input* Papel, teremos uma Relação Vital de

Analogia entre os Espaços Mescla emergentes. Por exemplo, a analogia entre as Estruturas Emergentes *Papa Bento XVI* e *Papa João Paulo II* baseia-se no fato de que os Valores *Joseph Alois Ratzinger* e *Karol Józef Wojtyła* (respectivamente) são comprimidos nos *Espaços Mescla* com um mesmo Papel (*Papa*).

A Identidade ($A = A$) parece ser a mais básica das relações vitais; normalmente, é tomada pelas abordagens formais como um primitivo, algo que é natural e que se processa conscientemente. No entanto, a Identidade (assim como as outras relações vitais) não é um produto final, mas o resultado de um trabalho imaginativo complexo e inconsciente. Ao contrário da Similaridade, a relação de Identidade é observada entre os *inputs* (*outer-space relations*), embora possa ser comprimida em Unicidade/*Uniqueness* (compressão em uma única entidade) no Espaço Mescla.

A Similaridade, por sua vez, é uma relação intraespacial (*inner-space relation*) estabelecida entre entidades que compartilham uma propriedade. De acordo com Fauconnier & Turner (2002: 100), as relações de Analogia podem ser comprimidas em Similaridade no Espaço Mescla, sendo diretamente captadas e adequadas à escala humana.

Os pesquisadores postulam ainda a existência de diferentes tipos de redes de integração conceptual ou mesclagem (Rede Simplíssima, Rede em Espelho, Rede de Escopo Único, Rede de Duplo Escopo e Rede de Múltiplo Escopo). Conforme já mencionamos, as Metáforas são prototipicamente configuradas por uma Rede de Escopo Único (há metáforas mais complexas configuradas em Redes de Múltiplo Escopo), que se define por apresentar *frames* organizadores (Espaços Fonte) distintos e conflitantes entre si. O *frame* de um dos *Inputs* é importado para a Mescla, de modo a reenquadrar este espaço. Nos termos de Fauconnier & Turner (2002),

a single-scope network has two input spaces with different organizing frames, one of which is projected to organize the blend. Its defining property is that the organizing frame of the blend is an extension of the organizing frame of one of the inputs but not the other (FAUCONNIER & TURNER, 2002: 126)⁸.

8 Uma rede de escopo único tem dois Espaços *Input* com diferentes *frames* organizadores, um dos quais é projetado para organizar a Mescla. Sua propriedade definidora é que o *frame* organizador da Mescla é uma extensão do *frame* organizador de um dos *Inputs*, mas não do outro (FAUCONNIER & TURNER, 2002: 126, tradução nossa).

Redes de Escopo Único são postuladas, por exemplo, para explicar casos como a Luta de Boxe entre Empresários (que simula metaforicamente a competição capitalista por mercados). Em princípio, não há conexões entre os *frames* Boxe e Negócio; de fato, Presidentes de empresas não são Pugilistas, Empresas não são Ringues e Vendas não são Socos. É exatamente a instanciação metafórica de expressões do tipo *Ao vender as ações, Manuel me pôs a nocaute... estou arruinado!* que irá permitir a Identidade dos elementos que integram esses dois *frames*. Note que, neste caso, a Mescla é uma extensão do *frame* organizacional Boxe, em que se projetam o evento de ser nocauteado e as consequências disso. Segue abaixo uma ilustração dessa Rede de Escopo Único, adaptado de Fauconnier & Turner (2002: 128):

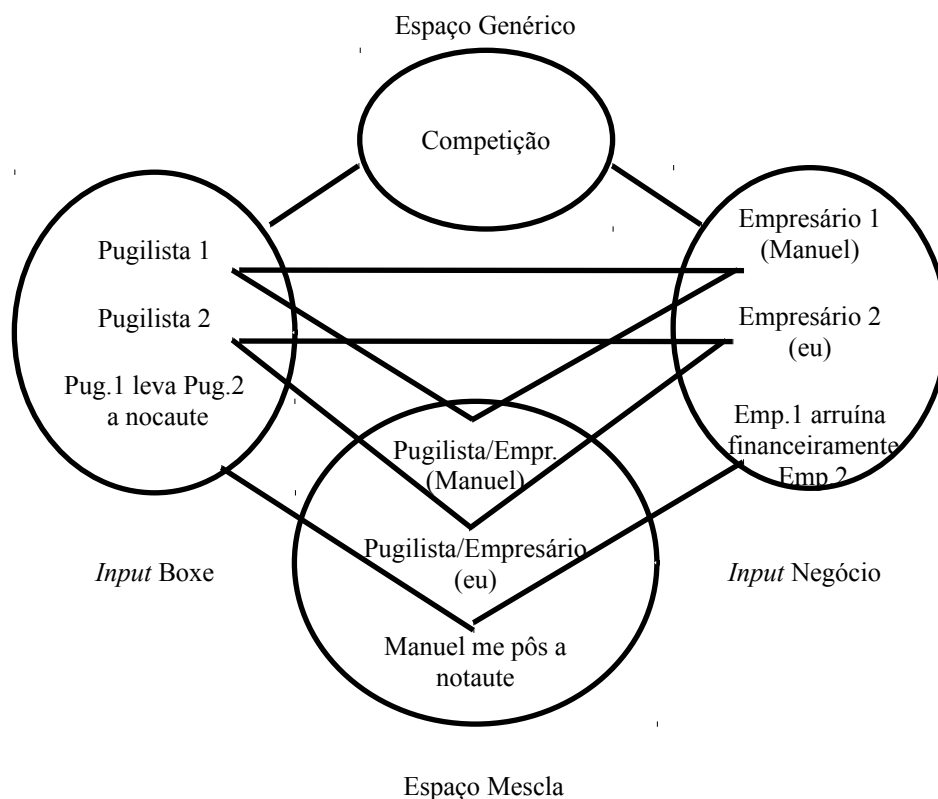


Figura 2: Rede de Escopo Único

Lembramos que essas Mesclas metafóricas contrariariam a postulação lakoffiana da relação bidominal de projeção metafórica, já que seu processamento implicaria, minimamente, dois novos espaços - Espaço Genérico e Espaço Mescla.

Nessa trilha teórica, o que estamos postulando como contribuição deste estudo é que a Metáfora e o Símile têm um traço comum em seu processamento: são ambos motivados por uma Relação Vital de Analogia entre espaços (*frames*) distintos/conflitantes entre si. Por outro lado, a diferença cognitiva entre tais figuras residiria nos distintos tipos de rede e de relação vital promovidos por tais projeções figurativas. Assim, (i) a Metáfora implicaria a compressão por Relação Vital de Identidade e uma Rede de Escopo Único, enquanto (ii) no Símile, ocorre uma compressão por Relação de Similaridade no Espaço Mescla, a partir de uma Rede em Espelho. Em nossa análise da CHS (capítulo 5), retomaremos esse ponto de vista, buscando elucidar nossa hipótese, com maior detalhamento e exemplificações.

Trazemos ainda à consideração um argumento mais contemporâneo dentro deste debate, construído através de experimentos realizados no campo da Psicolinguística. Em um destes estudos, realizado por Shibata et al. (2012), os resultados indicam que “o cérebro discorda de Aristóteles”, oferecendo evidências em favor da diferença significativa (e não apenas sutil) entre Metáforas e Símile.

Shibata e seus colegas da *Hokkaido University*, em Sapporo – Japão, submeteram doze jovens estudantes japoneses (entre homens e mulheres) a uma ressonância magnética cerebral, a fim de observar quais regiões dos seus cérebros ficariam mais ativas no momento em que esses estudantes desempenhavam a tarefa de compreender uma série de Símile e Metáforas.

Os resultados revelaram padrões de ativação similares no giro frontal inferior esquerdo do cérebro, tanto na compreensão do Símile quanto da Metáfora. No entanto, também mostraram que o processo de compreensão do Símile ativou mais a região fronto-medial que, segundo os estudiosos, está mais relacionada a processos de inferência, enquanto a Metáfora estimulou mais o hemisfério direito pré-frontal. Além disso, o tempo de reação para a compreensão da Metáfora foi significativamente maior do que aquele gasto para a compreensão do Símile, o que sugere um processamento neural mais elaborado para se alcançar uma interpretação semântica coerente das expressões metafóricas. Em síntese, os argumentos tecidos neste estudo mostram que Metáforas e Símile não são, simplesmente, modos alternativos de se exprimir a mesma ideia.

Por fim, cabe considerar a função discursiva do Símile; um campo raramente explorado. Israel et al. (2004) afirmam que o Símile serve à função retórica básica de descrição e argumentação. Dada a sua forma comparativa, o Símile é, pois, um modo de

descrever a entidade-alvo, estabelecendo similaridade com uma entidade inesperada. Contudo, ainda que seja formalmente uma comparação, entendemos que seu caráter de figuratividade lhe confere uso e interpretação específicos, distintos das construções de comparação simples ou literal. Na CHS, por exemplo, o Símile confere, sistematicamente, um grau superlativo hiperbólico à dimensão/propriedade comparada (*Ele é forte que nem um touro* implica ser muito forte, fortíssimo, estar no topo da escala), o que a coloca como uma estratégia argumentativa de relevo no embate discursivo. É o que estaremos evidenciando em nossas análises, sustentados pelas ocorrências de nossos *corpora*.

Na próxima subseção, o presente estudo sobre a CHS acrescenta mais um ingrediente nessa relação Símile/Metáfora, qual seja, a possibilidade de ambos os mecanismos conceituais serem fundamentados por processos metonímicos.

2.4.3 As bases metonímicas da Metáfora e do Símile

Assim como a Metáfora (e o Símile), a Metonímia é um tipo fundamental de relação cognitiva, experiencialmente motivada e imediatamente disponível à pragmática discursiva (LAKOFF, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1980; BARCELONA, 2003). É muito comum tomarmos um aspecto familiar, fácil de se perceber de alguma coisa e usá-lo para estar pela coisa como um todo ou até mesmo por parte dela. No entanto, Lakoff (1987) adverte que a Metonímia não pode ser vista como uma mera relação de substituição, mas sim como um fenômeno referencial que dispara um significado alvo dentro de um mesmo domínio conceptual.

As diversas possibilidades de uso da Metonímia são orientadas e simplificadas por princípios gerais (LAKOFF & JOHNSON, 1980: cap. 8). Dada a sua natureza sociocultural, esses princípios não se repetem necessariamente nas línguas naturais, sendo imprescindível, para um processamento metonímico bem-sucedido, distinguirmos quais desses princípios estão atuando na expressão.

Na Língua Portuguesa, encontramos vários princípios metonímicos, empregados para uma ampla variedade de propósitos. Por exemplo: EFEITO pela CAUSA (*As indústrias despejam a morte nos rios*); MARCA pelo PRODUTO (*Minha filha adora Danone*); AUTOR

pela OBRA (*Lemos Noam Chomsky por interesse*); CONTINENTE pelo CONTEÚDO (*Bebeu o cálice da salvação*); POSSUIDOR pelo POSSUÍDO (*Fui ao barbeiro*); LUGAR pela COISA (*O garçom serviu-nos uma garrafa de Porto*); PARTE pelo TODO (*Tenho quinhentas cabeças de gado*); etc.⁹

Segundo Langacker (1987), a diferença fundamental entre Metonímia e Metáfora consiste no número de domínios conceptuais revelados na projeção. A Metonímia lida com ativações mentais dentro de um mesmo domínio conceptual, enquanto a Metáfora opera com projeções entre domínios conceptuais distintos. Vale lembrar que, conforme postulado na Teoria Conceptual da Metáfora (LAKOFF, 1993), o mapeamento metafórico é sempre unidirecional, ou seja, somente o domínio fonte é projetado sobre o domínio alvo.

O problema de se basear no número de domínios conceptuais para distinguir entre Metonímia e Metáfora é justamente a delimitação desses domínios. Barcelona (2003) argumenta, por exemplo, que os EFEITOS DA EMOÇÃO podem ser perfeitamente considerados subdomínios do macrodomínio EMOÇÃO; afinal, parece óbvio que o efeito de uma emoção sobre nosso corpo ou sobre nosso comportamento seja parte da nossa experiência dessa emoção.

A tristeza, por exemplo, tem efeitos comportamentais e corporais que se expressam por uma postura corporal encurvada (ombros caídos, cabeça baixa, musculatura facial pendente). Diante disso, Barcelona argumenta que o subdomínio experiencial constituído pelos EFEITOS CORPORAIS DA TRISTEZA envolve as noções de Verticalidade e Espaço Tridimensional, em uma associação que parece ser imediata, no nível do inconsciente cognitivo.

Assim, se entendermos que os EFEITOS CORPORAIS DA TRISTEZA realmente constituem um subdomínio do macrodomínio TRISTEZA, estaremos assumindo então que a metáfora conceptual TRISTEZA É PARA BAIXO (motivadora de expressões linguísticas, tais como: *tô prá baixo, tô na fossa, tô caidão, tô derrubado, ando meio na deprê*) é fundamentada metonimicamente no fato de que *sentir tristeza* expressa-se em uma *postura corporal encurvada*. Enfim, tais questionamentos levam o linguista a afirmar a hipótese de um *continuum* entre Metonímia e Metáfora, de tal modo que toda Metáfora teria uma base metonímica.

Conforme já ponderamos em nosso trabalho sobre a Teoria Cognitivista da

9 As frases entre parênteses, depreendidas facilmente das nossas interações cotidianas, são instâncias dessas conceptualizações que, fundadas na nossa experiência, envolvem associações físicas e causais.

Metáfora e discurso amoroso no cancioneiro popular brasileiro (PIRES, 2008), na medida em que a TMC assume programaticamente uma perspectiva experiencialista, não nos parece que os questionamentos levantados por Barcelona (2003) constituam objeção a essa teoria, mas sim, oferecem condições para o seu refinamento.

Semelhante ao que Barcelona postula em relação à Metáfora, o presente estudo pretende demonstrar que o Símile também é metonimicamente fundado, o que faz com que a entidade confrontante referente (*João é forte que nem **toro***) emergja dentro do domínio-fonte como um efeito prototípico (um melhor exemplo, um estereótipo, um tipo ideal – o *toro* é o melhor exemplo de *força*), em uma relação do tipo PARTE pelo TODO (cf. capítulo 5).

Apresentaremos, a seguir, um dos pilares da fundamentação teórica desta pesquisa: a Teoria da Gramática das Construções Cognitiva (Goldberg, 1995, 2002, 2006).

2.5 A Teoria da Gramática das Construções Cognitiva

A Gramática das Construções é uma teoria da linguagem que procura elucidar a natureza da competência linguística do falante, com análises baseadas na integração entre as estruturas linguísticas em uso e os processos cognitivos humanos, considerados em sua dimensão sociocultural. Seu princípio básico é o de que as construções gramaticais (pares convencionalizados de forma e sentido) são as unidades analíticas da linguagem, e a sua disposição em redes construcionais capta o conhecimento que temos da gramática de uma língua (GOLDBERG, 1995).

Segundo Michaelis (2009), a ideia de uma Gramática das Construções começou a tomar contornos mais específicos nos finais da década de 1980, em Berkeley, tributária de três grandes movimentos analíticos que buscavam um tratamento para os padrões gramaticais idiomáticos, até então considerados intratáveis pelos mecanismos descritivos das Gramáticas Sintagmáticas.

O primeiro movimento tinha em George Lakoff sua figura mais proeminente. Lakoff (1987) retomou as análises de Brugman (1981) sobre a descrição do *over* (*Story of Over*), aplicando aspectos fundamentais da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, convencido de que “há menos arbitrariedade no léxico do que se tem pensado” (LAKOFF,

1987: 460, tradução nossa). A análise lakoffiana do *over* envolve Esquemas Imagéticos variados de relativa complexidade, mas, em síntese, pretende mostrar que o item lexical *over* constitui uma rede polissêmica, com uma família de sentidos relacionados em torno de um sentido central, prototípico.

Assim, inspirado nos estudos sobre polissemia, Lakoff (1987) passa a considerar a existência de redes construcionais, que seriam motivadas por projeções conceptuais (principalmente de natureza figurativa) e que teriam como instância-núcleo da irradiação uma construção gramatical. Para ilustrar sua ideia, Lakoff realiza um estudo de caso sobre o *there* (no Inglês), em que postula uma construção locativa como nódulo central da rede e uma construção existencial como limite da irradiação motivada (cf. LAKOFF, 1987: 462-585)¹⁰.

O segundo movimento foi influenciado principalmente por Charles Fillmore e Paul Kay que, desde o início da década de oitenta, dedicavam-se a estudos sobre fórmulas situacionais e sobre a semântica das gradações associada ao uso de *hedges* adverbiais. Um dos seus trabalhos mais relevantes, elaborado juntamente com Cathy O'Connor (1988), discorre sobre o marcador discursivo *let alone*, que introduz uma relação comparativa entre dois eventos, evocados por cláusulas que são articuladas por esse conectivo.

Fillmore, Kay e O'Connor (1988) atentaram para o fato de que o nicho da idiomatidade, qualquer que seja a língua, abriga padrões gramaticais produtivos com estruturas complexas e merecedoras de minuciosa investigação. Segundo eles, um modelo de gramática apropriado deve disponibilizar mecanismos através dos quais uma língua possa associar princípios de interpretação semântica e pragmática a configurações sintáticas maiores e mais complexas do que aquelas definidas através de regras sintagmáticas (SAMPAIO, 2010: 15).

O terceiro movimento na direção de uma Gramática das Construções, possivelmente o mais articulado, tem a pesquisadora Adele Eva Goldberg (GOLDBERG, 1995, 2002, 2006) como uma de suas figuras mais festejadas. Goldberg elege como tema de seus estudos o fenômeno da variação das valências e critica a abordagem “neo-lexicalista”, que propõe regras lexicais como solução explicativa. Mais uma vez, o foco investigativo

¹⁰ É importante salientar que as análises de Lakoff sobre a rede do *there* mantiveram o mesmo rigor oferecido pelo aparato gerativista, demonstrando ser possível o tratamento bem-sucedido de fenômenos até então relegados da investigação linguística.

direciona-se para os padrões de extensão semântica no significado das construções e para as mudanças que ocorrem quando construções se combinam com palavras.

Enfim, não obstante as divergências que particularizam cada um dos movimentos propositivos da Gramática das Construções, existem pontos harmônicos entre eles que, segundo Salomão (2009: cap. 2), convergem em três consensos teóricos: (1) construções são as unidades básicas do conhecimento linguístico; (2) construções são pareamentos de forma e sentido; (3) a gramática é uma rede de construções.

Segundo Salomão (2009), a GC absorve um vasto número de adesões, fruto do seu potencial para tratar todas as construções de uma língua, inclusive aquelas que não são consideradas *core grammar*. O presente estudo representa uma dessas adesões e orienta-se, em termos de suas teses centrais, pelo modelo construcionista delineado por Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006), cuja análise pressupõe a existência de um repertório de construções, dispostas em redes e organizadas radialmente, de modo que as construções periféricas são derivadas e herdam elementos semântico-formais das construções mais centrais (mais básicas).

As subseções seguintes trarão as principais ideias e princípios organizacionais das abordagens construcionistas, principalmente do modelo proposto por Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006)¹¹. No entanto, antes de passar à apresentação da Gramática das Construções Cognitiva (doravante, GCCognitiva), cabe a nós informar que as descrições e formalizações propostas por Goldberg, por estarem voltadas especificamente para as Construções de Estrutura Argumental (CEAs), oferecem algumas dificuldades no que respeita à transposição do modelo para análises de novos tipos de construção. É o que enfrentamos em relação ao objeto do presente estudo – a Construção Hiperbólica por Símile.

Contudo, resguardam-se os princípios que sustentam este modelo, fundamentais a qualquer abordagem construcionista do léxico ou da gramática e que estarão presentes em nossos procedimentos analíticos. Nosso propósito é, mediante análise baseada em *corpora*, revisitar tais subsídios, de modo a fornecer evidências empíricas à sua sustentação ou, se for o caso, ao seu questionamento.

Assim, ao apresentarmos os pressupostos teórico-analíticos da GCCognitiva, buscaremos pontuar os constructos mais diretamente envolvidos em nosso estudo. Ademais,

¹¹ O modelo construcionista de Goldberg passou a ser conhecido como *Cognitive Construction Grammar* (Gramática das Construções Cognitiva) a partir da publicação do livro *Constructions at Work* (GOLDBERG, 2006).

nossas análises da CHS estarão também ancoradas nas propostas de descrição do *Constructicon* (FILLMORE et al., no prelo), o que se justifica por ser um modelo ancorado na análise de *corpus* e por apresentar uma formalização mais amigável em relação à natureza sintagmática do nosso objeto (cf. subseção 2.6.2).

2.5.1 Conceito de Construção

A relevância das construções, tanto para o entendimento das línguas em particular quanto para a compreensão da natureza da linguagem, sempre foi pontuada pelos gramáticos ao longo da história. No entanto, conforme esclarece Goldberg (1995), a existência de tais estruturas era tomada como um fato autoevidente, indigno de qualquer atenção especial.

Na Gramática Gerativa, por exemplo, as construções sintáticas eram vistas como epifenômenos, meros produtos da interação de princípios gerais; estes sim, capazes de captar generalizações entre os padrões gramaticais (CHOMSKY, 1981). Absorvidos pelo desejo teórico de postular princípios construcionais independentes e, ao mesmo tempo, pressionados pela necessidade empírica de reconhecer as propriedades específicas das construções, os adeptos do modelo gerativista decidem atribuir a idiossincrasia construcional aos itens lexicais, relegando-a a segundo plano.

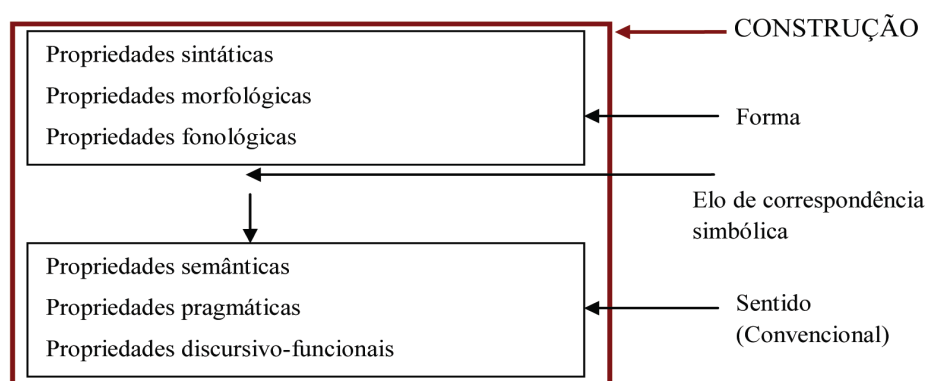
Em contrapartida, as abordagens construcionistas propõem um modelo de análise que, em princípio, seja capaz de dar conta de todo e qualquer tipo de conhecimento que um falante tem de sua língua, e não somente das estruturas nucleares da gramática. Para tanto, reconhecem as construções gramaticais como unidades analíticas da linguagem, definidas como pares convencionalizados de forma e sentido, encontradas em todos os níveis de análise gramatical, incluindo: morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões sintáticos com especificação parcial e padrões sintáticos gerais (são todos signos linguísticos).

Desse modo, a Gramática das Construções, com seu apelo holístico e baseada no uso, assume que qualquer padrão linguístico deva ser reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto da sua forma ou do seu sentido não seja totalmente previsível a partir de suas partes componentes ou de outras construções preexistentes.

Mais tarde, Goldberg (2006: 5) reformula essa premissa, alegando que mesmo os

padrões completamente previsíveis (por exemplo, o sufixo -s marcador de plural na Língua Portuguesa) são armazenados como construções, desde que ocorram com uma determinada frequência.

A estrutura simbólica de uma construção foi representada por Croft (2001: 18) da seguinte forma:



Quadro 2: Estrutura simbólica de uma construção (CROFT, 2001: 18).

De acordo com Croft (2001), a dimensão formal de uma construção pode estar associada a diferentes tipos de informação linguisticamente relevantes (sintática, morfológica ou fonológica) e está vinculada ao plano do sentido por uma correspondência simbólica. O sentido, por sua vez, engloba todos os aspectos convencionalizados, associados com a função conceptual e discursiva da construção. Note que o termo *função* é usado neste contexto para designar, simultaneamente, uma função discursiva e uma estrutura conceptual que se dilui no uso.

Conforme anunciado na seção introdutória deste capítulo, uma consequência inescapável da ideia de construção assumida pela Gramática das Construções é que o léxico não é organizado de forma diferente do resto da gramática. Formantes lexicais e regras gramaticais associam-se em um contínuo que abarca desde os fenômenos linguísticos idiossincráticos até aqueles mais gerais.

Em outras palavras, construções lexicais e gramaticais são concebidas como um mesmo tipo de estrutura (pares convencionalizados de forma e sentido), divergindo apenas em sua complexidade interna e extensão. Dessa forma, as abordagens construcionistas conseguem assegurar um tratamento igualitário a todas as expressões linguísticas, independentemente de serem reconhecidas como partes nucleares ou periféricas da gramática.

Seguem abaixo alguns exemplos de construções da Língua Portuguesa, distinguidos somente quanto à sua complexidade interna e extensão.

Tipo de Construção	Forma e/ou Exemplo
Morfemas	anti- <i>anticristão, antidepressivo</i> -ista <i>pianista, surfista</i>
Palavras	<i>e, chuva, casa</i>
Palavras complexas	<i>arranha-céu, cesta básica</i>
Idiomas (totalmente preenchidos)	<i>Enfiar o pé na jaca; Minha alma está lavada</i>
Idiomas (parcialmente preenchidos)	Forma: Mais X que Y <i>Mais bêbado que peru no Natal;</i> <i>Mais por fora que umbigo de vedete</i>
Construção Causativa Agentiva	Forma: Suj. V Obj. <i>Abdul explodiu o prédio.</i>
Construção Passiva	Forma: Suj. Aux. V _{SP} (SP _{por}) <i>O prédio foi explodido por Abdul.</i>

Quadro 3: Exemplos de Construções do Português

A construção como unidade de análise linguística é, pois, a principal categoria assumida neste estudo. Dentre o repertório de construções do Português, estamos, pois, postulando o estatuto de construção para o sintagma modificador de grau [*X que nem Y*] a que atribuímos rótulo de Construção Hiperbólica por Símile – um par forma-sentido, cuja configuração e funções nos propomos a definir, de modo a evidenciar sua distinção em relação às demais construções de grau desta língua (cf. capítulo 5).

O resgate das construções como entidades teóricas despertou um especial interesse na vertente construcionista pelos padrões de sentenças simples, centrais a qualquer teoria da gramática. A ideia era demonstrar que as construções são fundamentais para a descrição de sentenças simples e, assim, assegurar a sua relevância para a descrição da linguagem como um todo.

Em especial, veremos, nas próximas subseções, que os estudos de Goldberg (1995, 2006) oferecem um tratamento consistente das sentenças simples do Inglês em termos de Construções de Estrutura Argumental (CEA), “*a especial subclass of constructions that provide the basic means of clausal expression in a language*” (GOLDBERG, 1995: 3).

2.5.2 Por uma semântica construcional independente

A hipótese de que estruturas complementares podem ser predicadas por regras que mapeiam a estrutura semântica sobre a forma sintática, em vez de transformações puramente ou principalmente sintáticas, complementadas por restrições semânticas adicionais, rendeu ótimos *insights* à teoria linguística e criou condições para diferentes abordagens do fenômeno gramatical.

Uma delas, proposta por Levin (1985), Chomsky (1986), entre outros, forneceu um modelo de análise constituído de regras que operam com base na estrutura semântica de itens lexicais. Mais especificamente, este modelo propõe que a forma e a interpretação das sentenças são determinadas pelas informações semânticas e/ou sintáticas dos verbos que nelas ocorrem.

As premissas abaixo são uma tentativa de resumir as ideias defendidas pelo modelo lexicalista supracitado (Goldberg, 1995: 8) e estão aqui relacionadas para auxiliar no entendimento do modelo construcionista que as contrapõe:

- (i) O *frame* sintático de um verbo é determinado exclusivamente pela semântica lexical desse verbo.
- (ii) As diferentes configurações sintáticas do complemento refletem diferenças nas representações semânticas do verbo.
- (iii) O mapeamento das representações semânticas nas configurações dos complementos é efetuado via regras de ligação, que são universais (ou quase universais).
- (iv) Os diferentes sentidos de um verbo são condicionados pela ação de regras lexicais gerativas, que tomam um verbo (*input*) com uma determinada semântica e produzem outro verbo (*output*) com uma semântica diferente;
- (v) As diferenças semânticas não são necessariamente diferenças funcionais, mas podem representar um diferente *construal* da situação que está sendo descrita, ou seja, a semântica relevante baseia-se no falante.

Embora também postule regras que operam a partir de estruturas semânticas, a Gramática das Construções contrapõe-se fortemente ao modelo lexicalista, principalmente por

alegar que o *frame* sintático estruturador de uma sentença está diretamente associado com a semântica da construção que essa sentença instancia, independente dos verbos que nela possam ocorrer. Assim, as informações creditadas exclusivamente ao verbo no modelo lexicalista são, na perspectiva construcionista, uma contribuição da construção com a qual esse verbo se articula.

Consideremos, para fins de ilustração, as seguintes realizações do verbo *cortar*, instanciado em diferentes Construções de Estrutura Argumental do PB¹².

- (4) *Ele cortou o pão.* – Construção Causativa Agentiva
- (5) *Essa tesoura não corta.* – Construção Medial
- (6) *Pedro cortou o dedo.* – Construção do Argumento Cindido
- (7) *Pedro cortou o cabelo.* – Construção com Agente-Beneficiário
- (8) *Pedro cortou-se ao fazer a barba.* – Construção Reflexiva

Conforme observa Sampaio (2010: 20), o verbo *cortar* mantém o mesmo sentido básico em todas as sentenças; são as diferentes Construções de Estrutura Argumental que fornecem os *links* entre a estrutura formal e os aspectos gerais de interpretação em cada um dos casos: de ação intencional sobre um paciente (4); de constatação do defeito de um instrumento (5); de dano sofrido em uma parte especificada do corpo (6); de ser a parte beneficiada em uma prestação de serviço (7); de agir sobre si mesmo (8).

Distinguir o *frame* semântico associado com o verbo do conjunto de padrões sentenciais ou construções que captam generalizações na estrutura do argumento é, pois, fundamental para as abordagens construcionistas, uma vez que essa distinção implica o reconhecimento de uma semântica construcional independente.

Os trabalhos de Goldberg (1995, 2006), em especial, mostram consistentemente que as Construções de Estrutura Argumental inglesas são provedoras de sentido, independentemente das palavras que as instanciam. Todavia, a pesquisadora esclarece que a postulação de uma semântica construcional independente não implica uma postura analítica inteiramente *top-down*, com a semântica construcional sobrepujando o sentido verbal básico, mas sim a utilização simultânea das duas estratégias de análise: *top-down* (da construção para o verbo) e *bottom-up* (do verbo para a construção). Além disso, embora se reconheçam as

¹² Exemplos extraídos do trabalho de Sampaio (2010) sobre as Construções de Argumento Cindido no Português do Brasil.

contribuições construcionais e verbais como independentes, não se pode considerá-las informações discretas, desvinculadas de um contexto de uso.

Goldberg (1995: 9-16) pontua algumas boas razões para se preferir um modelo construcionista de análise, em detrimento de uma abordagem lexicalista, quais sejam:

- i. evitar a postulação de sentidos verbais implausíveis;
- ii. evitar uma circularidade de análise, resultante da concepção da sintaxe como projeção de requisitos lexicais;
- iii. promover parcimônia semântica, atribuindo-se as restrições diretamente às construções, em vez de postular sentidos adicionais para os verbos;
- iv. preservar a composicionalidade (de forma enfraquecida), assumindo-se que o sentido de uma expressão é produto da integração entre os sentidos dos itens lexicais e o sentido da construção.

A sentença abaixo serve para ilustrar como o modelo construcionista de Goldberg dá conta de novos usos verbais, a partir da distinção entre a semântica da Construção de Estrutura Argumental e a semântica do verbo a ela associado.

(9) *Sam sneezed the napkin off the table.*

Como se pode observar, a estrutura decomposta do verbo *sneeze* (X AGE) está lexicalmente associada a um único papel participante (*sneezzer*) que ocupa a posição de argumento externo desse verbo. Portanto, por si só, essa estrutura não capta o fato de que expulsar o ar por meio de um espirro possa causar o movimento de um guardanapo para fora da mesa.

Neste caso, para que a sentença acima seja interpretada, é necessária uma fusão da valência (construcional) da Construção de Estrutura Argumental de Movimento Causado com o *frame* evocado pelo lexema verbal *sneeze*, à luz do contexto pragmático no qual essa sentença é proferida (GOLDBERG, 2006).

O quadro abaixo ilustra como a GCCognitiva de Goldberg modela a fusão entre a semântica da Construção de Movimento Causado e a semântica de um verbo de matriz intransitiva, para gerar a interpretação de movimento causado:

Sem	CAUSE-MOVE	< cause	goal	theme >
	R			
R: means	SNEEZE	< sneezer		>
	↓	↓	↓	↓
Syn	V	SUBJ	OBL	OBJ

Quadro 4: Estrutura composta: Movimento Causado + *sneeze* (GOLDBERG, 1995: 54).

A estrutura composta que licencia a instância construcional (9) está representada em três camadas distintas: a camada superior lista os argumentos semânticos construcionais (ou papéis argumentais) e suas relações entre si, fornecendo assim a semântica associada com a construção: X CAUSA Y MOVER-SE PARA Z; a camada medial é provida de *open slots*, que são os locais onde os papéis participantes fornecidos pelo verbo irão fundir-se com os papéis argumentais da construção; a camada inferior, por sua vez, traz as realizações sintáticas dos argumentos semânticos oriundos da fusão entre a Construção de Movimento Causado e o verbo.

A linha contínua entre o papel argumental *cause* e o papel participante *sneezer* indica que esses papéis deverão fundir-se, já as linhas pontilhadas abaixo de *goal* e *theme* indicam que a construção é capaz de suprir a semântica verbal com papéis adicionais. Além disso, podemos observar que o papel participante em negrito (*sneezer*) é um argumento convencionalmente perfilado (portanto, imune à intervenção contextual) e identifica uma entidade no *frame* semântico do verbo que é obrigatoriamente perspectivada na cena (LANGACKER, 1987; FILLMORE, 1977)¹³.

Em suma, de acordo com o modelo construcionista de Goldberg, o verbo *sneeze* especifica os meios pelos quais a relação de movimento causado é alcançada, enquanto a construção fornece o sentido básico da expressão. Portanto, do ponto de vista goldberiano, enquanto os *frames* semânticos dos verbos captam a riqueza de sentidos de um item lexical, acolhendo referências ao mundo, conhecimento cultural, experiências e crenças, uma construção funciona como uma perspectiva instaurada sobre uma cena.

Em especial, as Construções de Estrutura Argumental codificam estruturas semânticas que refletem cenas dinâmicas básicas, *gestalts* experienciais humanamente relevantes, como: *alguém causando o movimento de algo para algum lugar; alguém*

¹³ Na seção que trata da semântica escolhida para lidar com os sentidos verbais (e construcionais), ou seja, a Semântica de *Frames*, veremos que a natureza do sentido verbal é descrita em termos dos papéis semânticos dos participantes do evento (os Elementos do *Frame*).

transferindo algo para outra pessoa; alguém movendo-se para algum lugar; alguém causando a mudança de estado de alguma coisa; etc., em que um tipo de *ação, processo* ou *estado* é relacionado aos participantes envolvidos na cena discursiva.

Tais supostos quanto à relação entre a semântica dos verbos e das construções podem, por certo, estender-se à relação entre sentido construcional e lexical de construções não-argumentais, como é o caso da CHS, em estudo. Assim, Adjetivos, Verbos e Advérbios, representando a dimensão graduável de tal construção (*Eu sou forte que nem uma bezerra; Aquele disco vende que nem pão; O Migalha saiu [rapidamente] que nem um foguete* – exemplos tirados do *Corpus Legenda de Filmes*), terão suas valências estendidas e entendidas em função do sentido hiperbólico imposto pela construção (cf. capítulo 5).

Enfim, o reconhecimento de uma semântica construcional independente e a possibilidade de um mesmo verbo associar-se a diferentes construções nos levam à próxima questão: como os papéis semânticos dos verbos combinam-se com os papéis argumentais da construção no modelo construcionista de Goldberg?

2.5.3 A fusão dos papéis semânticos do verbo com os papéis argumentais da construção

Na GCCognitiva de Goldberg (1995), os argumentos semânticos construcionais (ou papéis argumentais) correspondem geralmente aos papéis temáticos tradicionais (*Agente, Paciente, Instrumento, Origem, Tema*, etc.), embora sejam mais específicos e numerosos, uma vez que são definidos a partir de exigências semânticas de construções particulares. Já os papéis semânticos dos verbos (ou papéis participantes) podem ser bastante específicos, muitas vezes associados exclusivamente a um único sentido do verbo (cf. seção 2.6 – Semântica de Frames).

Observe, abaixo, como os papéis participantes foram perfilados pela semântica verbal, nas três instâncias de *Construção Causativa Agentiva* (uma CEA do PB):

- (10) *Douglas apagou a luz.* (verbo *apagar* - papéis participantes: Apagador e Apagado)
- (11) *Isabela rasgou a meia.* (verbo *rasgar* - papéis participantes: Rasgador e Rasgado)
- (12) *Luana queimou a carta.* (verbo *queimar* - papéis participantes: Queimador e Queimado)

Os verbos em destaque ocorrem prototipicamente em uma estrutura transitiva, em que dois argumentos verbais são selecionados: o primeiro, semanticamente caracterizado como *Apagador*, *Rasgador* e *Queimador*, é interpretado com *alguém que age para causar uma mudança de estado em alguma coisa*; o segundo argumento, especificado como *Apagado*, *Rasgado* e *Queimado*, é visto como *um objeto que sofre uma ação e muda de estado em razão disso*. Portanto, são essas generalizações que ocorrem a partir da fusão da valência construcional com as informações provenientes do *frame* verbal que definem os papéis argumentais de *Agente* e *Paciente* da *Construção Causativa Agentiva*.

Diante dessa constatação, Goldberg se viu obrigada a postular restrições que impedissem fusões inaceitáveis, sendo algumas delas mais específicas que as outras. Por exemplo, o fato de que a aplicação da Construção de Movimento Causado deve limitar-se à natureza de um dos seus papéis argumentais (*cause*), que deve ser necessariamente um *Agente* ou uma *Força Natural*, mas nunca um *Instrumento* (GOLDBERG, 1995: 165).

Quanto às restrições mais amplas, a pesquisadora entende, por exemplo, que a fusão dos papéis semânticos dos verbos com os papéis argumentais das construções deva ser orientada por dois princípios gerais: O *Princípio da Coerência Semântica* e o *Princípio da Correspondência* (GOLDBERG, 2006: 40).

De acordo com o *Princípio da Coerência Semântica*, apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos, e essa compatibilidade existe quando um papel participante do verbo pode ser construído como uma instância de um papel argumental.

Na sentença (11), por exemplo, o participante verbal *rasgador* (do *frame* semântico *de rasgar*) pode ser fundido com o papel argumental de *Agente* (da *Construção Causativa Agentiva*), porquanto um *rasgador* é uma instância possível de um *Agente*. Em contrapartida, essa fusão não seria possível em relação ao participante verbal *rasgado*, uma vez que suas características semânticas o impedem de ser construído como um tipo de *Agente*.

O *Princípio da Correspondência*, por sua vez, estabelece que cada papel participante lexicalmente perfilado e expresso deve fundir-se com um papel argumental perfilado pela construção. Neste caso, Goldberg observa que os papéis participantes semanticamente relevantes devem ser codificados por relações gramaticais que lhes asseguram certo grau de proeminência discursiva.

Na verdade, o *Princípio da Correspondência* parece captar um alinhamento entre a semântica lexical e a pragmática discursiva, uma vez que os participantes altamente

relevantes para o sentido do verbo parecem ser os mesmos em grau de relevância para o discurso, tendo em vista que o verbo fora escolhido entre outras alternativas lexicais.

Em suma, a proposta de Goldberg de que os padrões frasais do Inglês não são determinados exclusivamente pelos verbos, mas também por Construções de Estrutura Argumental, que acrescentam conteúdo conceptual e alteram as propriedades combinatórias das unidades lexicais, revela-se parcimoniosa e consistente, a ponto de inspirar análises construcionistas cognitivamente orientadas em outras línguas, como o Japonês (FUJII, 2004), o Alemão (MICHAELIS & RUPPENHOFER, 2001; BOAS, 2003; HILPERT, 2008), o Espanhol (GONZÁLVEZ-GARCIA, 2010), entre outras.

No entanto, Boas (2010) chama a atenção para algumas questões que têm sido levantadas por estudiosos, como Kay (1996, 2005), Nemoto (1998), Van Der Leek (2000) e Iwata (2008), além do próprio Boas (2003), a respeito do demasiado poder de abstração dessas construções e seu potencial para gerar sentenças não atestadas nas línguas.

Dois pontos têm-se destacado na ampla responsabilidade dessas questões (BOAS, 2010: 7):

- (i) as restrições nem sempre são suficientes para impedir a fusão das construções com certos tipos de entradas lexicais;
- (ii) o *status* das entradas lexicais é problemático, uma vez que, na maioria dos casos, os sentidos verbais são representados em termos de informações relativamente escassas, provenientes do *frame* semântico do verbo.

Para superar esses problemas, Nemoto (2005), Boas (2005; 2008) e Iwata (2008) propõem que se preste mais atenção aos sentidos individuais dos verbos, ou seja, ao modo como eles são idiossincraticamente convencionalizados, desafiando as generalizações construcionais.

Advoga-se assim uma perspectiva léxico-construcionista da gramática, em que os sentidos individuais dos verbos são considerados miniconstruções, cada qual com seu próprio *frame* semântico, função pragmática e especificação sintática, não importa a construção abstrata que se instancia.

Neste cenário, as miniconstruções formariam classes de construções com diferentes níveis de abstração semântica (construções mais gerais ou mais específicas),

estando relacionadas por hierarquias de herança (cf. CROFT, 2003). Portanto, a análise alternativa proposta não elimina a necessidade de se postularem construções abstratas (como o fez Goldberg), mas limita seu poder substancialmente.

Tal proposta em favor de uma perspectiva léxico-construcionista será levada em consideração em nossas análises, quando da descrição das bases semânticas das formas lexicais adjetivas, verbais e adverbiais que servem de escopo graduável à CHS. A propósito, essa preocupação analítica tem-se desenvolvido de modo mais detalhado nos estudos de caso inseridos no mesmo macroprojeto (cf. Introdução) ao qual este estudo se filia, mediante a incorporação de constructos da Semântica de Frames (cf. seção 2.6).

Na próxima subseção, estaremos argumentando em prol de uma teoria monoestratal da gramática, para explicar a relação entre as representações semânticas e as expressões sintáticas das construções.

2.5.4 Uma abordagem “*what you see is what you get*” para a forma sintática

Em seu artigo intitulado *Syntactic Structures* (1957), Noam Chomsky conseguiu chamar a atenção para certas propriedades das sentenças que os falantes/ouvintes normais conhecem intuitivamente, mas que, segundo ele, derivam de uma compreensão mais profunda da língua, cujo conhecimento pertence apenas ao linguista.

Chomsky insistia na ideia de que os princípios da linguagem nunca emergiriam de um estudo das expressões em si, conforme concebiam seus predecessores. Ao contrário, era necessário trabalhar dedutivamente, para se compreender que tipo de sistema é a linguagem, assim como se procura entender os processos matemáticos, e expor as conclusões em termos formais.

A Gramática Transformacional de Chomsky (1957) emerge dessa nova orientação da pesquisa linguística. Trata-se de um tipo particular de gramática gerativa, cuja hipótese norteadora é a de que cada sentença possui níveis distintos de representação, os quais relacionam a informação semântica subjacente com a forma de superfície, mediante a aplicação de regras de transformação sintática.

No entanto, embora pontuasse pela elegância metodológica, a geração das sentenças de uma língua a partir de um sistema finito de regras que operam as transformações estruturais revelou-se uma formulação muito poderosa, obrigando o mestre gerativista a criar um mecanismo que fosse capaz de restringir a aplicação dessas regras.

Como solução, Chomsky assumiu que o sentido devia ser necessariamente preservado nas transformações sintáticas. Assim, em relação às sentenças que são paráfrases, por exemplo, acreditava-se que elas deviam possuir o mesmo tipo de estrutura semântica subjacente, ou seja, na concepção chomskyana, se duas formas de superfície possuísem semânticas idênticas, então elas deviam compartilhar algum nível inicial de representação.

Tal hipótese foi adotada por vários semanticistas da época, entre eles, Fillmore (1971), que trabalhou com expressões de movimento causado, tais como: *I hit the ball over the fence* e *The ball was hit (by me) over the fence*, e sugeriu que essas formas de superfície são derivadas de uma estrutura subjacente que consiste em duas proposições, representadas, grosso modo, por *My hitting the ball caused it to go over the fence*.

Em contrapartida, esse tipo de abordagem de estrutura argumental apresentou algumas imperfeições que foram relacionadas por Goldberg (1995: 103-108) como se segue:

- (i) As expressões que supostamente compartilham um mesmo nível semântico de representação não são completamente sinônimas, por exemplo:

- (13) a. *He sprayed the wall with paint.*
b. *He sprayed paint onto the wall.*

Como se pode notar, somente em (13a) está implicado que a *parede* foi afetada como um todo pela pulverização, ou seja, que a *parede* foi toda coberta de tinta. Neste caso, uma sinonímia imperfeita não é suficiente para justificar uma relação de transformação.

- (ii) As distinções semânticas são aprendidas tão cedo quanto as próprias formas, colocando em xeque a ideia de que as transformações são basicamente ou primariamente sintáticas.

- (iii) As abordagens transformacionais postulam uma assimetria entre duas construções supostamente relacionadas que frequentemente não se sustenta. Primeiro, porque há itens lexicais que aparecem somente na forma resultante da transformação; além disso, alguns dados fornecidos por Gropen et al. (1989) mostram que as construções ditransitivas e suas paráfrases preposicionais ocorrem simultaneamente na fala das crianças, sem que uma construção realmente preceda a outra.

As abordagens construcionistas, por sua vez, afirmam que as sentenças de uma língua são geradas não pela sua gramática, mas pelos seus falantes, os quais combinam livremente as construções (desde que suas restrições não sejam violadas), permitindo que o potencial criativo da linguagem seja infinito.

Uma ilustração desse fenômeno pode ser encontrada no artigo de Boas (2010) sobre a Gramática das Construções Cognitiva. Lá, ele explica que uma sentença do tipo *What did Michael send Miriam?* envolve a combinação de diferentes construções, ou seja, além das cinco palavras individuais que compõem a sentença, podemos observar uma construção SV, uma construção SN, uma construção de Inversão Sujeito-Auxiliar, uma *WH construction* e uma construção Ditransitiva.

Essas diferentes construções desempenham funções distintas: enquanto as construções SV e SN articulam expressões mais extensas do que palavras individuais, a *WH construction* licencia o argumento verbal (*what*) em uma posição inicial da sentença, e a construção Ditransitiva codifica as relações gramaticais, pareando uma forma/função com um sentido particular, sem necessariamente especificar uma determinada ordem de palavras. Em decorrência disto, as abordagens construcionistas optam por uma teoria monoestratal da gramática para explicar a relação entre as representações semânticas e as expressões sintáticas das sentenças, contrariando assim o *modus operandi* gerativista. Dizendo de outra maneira, em vez de empregar derivações (ou transformações) que revelam diferentes níveis de representação, o modelo construcionista de análise opera em um único nível, em que as generalizações são captadas a partir das formas de superfície das construções.

A Hipótese da Generalização de Superfície, parafraseada por Goldberg (2006: 10) nos seguintes termos “*what you see is what you get*”, constitui, portanto, uma abordagem alternativa para a forma sintática, em que uma construção não deriva de outra, conforme preconizado pela Teoria Gerativa chomskyana.

Ao postular que as generalizações devem ser estabelecidas no nível da superfície da construção, a pesquisadora acredita que as abordagens construcionistas ganham em abrangência, pois são capazes de captar generalizações muito maiores em função das especificidades das línguas, além de permitir a análise daquelas expressões linguísticas cuja idiomaticidade e idiosincrasia (do seu significado e dos seus elementos constituintes) não encontram lugar nas regras estruturais do sistema derivacional empregado pelas abordagens gerativas.

There are typically broader syntactic and semantic generalizations associated with a surface argument structure form than exist between the same surface form and a distinct form that it is hypothesized to be syntactically or semantically derived from (GOLDBERG, 2006: 25)¹⁴.

No domínio da estrutura argumental, as generalizações de superfície são captadas como Construções de Estrutura Argumental: pares de forma e sentido/função usados para expressar sentenças básicas. Cada um desses padrões construcionais é melhor analisado em seus próprios termos, sem levar em consideração referências implícitas ou explícitas a possíveis paráfrases alternativas – observe as sentenças abaixo, usadas pela própria linguista para fundamentar este raciocínio (GOLDBERG, 2006: 27):

- (14) (a) *Mina sent Mel a book.* (Construção Ditransitiva)
 (b) *Mina sent a book to Mel.* (Construção Dativa com *to*)

A instância da Construção Ditransitiva, em (14a), difere-se sistematicamente da sua suposta paráfrase, a Dativa com *to*, em (14b). A começar pela forma de superfície, se pode observar que, diferentemente da sua suposta paráfrase, a Ditransitiva apresenta a estrutura Sujeito Verbo Objeto₁ Objeto₂ e não permite preposições entre os dois objetos. Já no plano semântico, enquanto a Dativa com *to* traz implícita a ideia de que alguém causou o movimento de alguma coisa para uma localização qualquer, a Ditransitiva exige que essa

¹⁴ Normalmente, existem generalizações sintáticas e semânticas mais amplas associadas à forma de superfície da estrutura argumental do que entre essa mesma forma de superfície e uma forma distinta, da qual ela é supostamente derivada, sintática ou semanticamente (GOLDBERG, 2006: 25, tradução nossa).

localização seja um argumento recipiente animado (restrição imposta pela metáfora CAUSAÇÃO É TRANSFERÊNCIA DE POSSE, em cujo domínio fonte, a parte afetada é necessariamente um ser animado).

Há também as generalizações sobre a estrutura informacional dessas construções, ou seja, sobre a maneira como o falante pressupõe o conhecimento e a consciência do ouvinte no momento em que a fala se reflete na forma de superfície. Por exemplo, há uma tendência estatisticamente comprovada de que o argumento Recipiente (*Mel*) seja preferencialmente mais topicalizado do que o argumento Tema (*book*) na Ditransitiva.

Outra particularidade é que o padrão ditransitivo não aceita (plenamente) que seu argumento Recipiente (*Mel*) seja ponto de uma questão (???*Who did Mina buy a book?*). Ademais, fatos sobre os registros formal e informal e sobre a variação dialetal são estabelecidos como parte da construção (para maiores detalhes, veja GOLDBERG, 2006: 137-143).

Enfim, as considerações feitas por Goldberg nos levam a crer na existência de dois padrões construcionais distintos para (14a) e (14b), uma vez que a suposta paráfrase ignora algumas propriedades sintáticas, semânticas e discursivas inerentes à construção Ditransitiva. Consequentemente, por tratar-se de construções distintas, parece inviável postular qualquer relação de derivação (ou transformação) envolvendo as duas instâncias.

Antes de finalizar esta subseção, é importante ressaltar que, embora a Gramática das Construções consiga suplantiar a hipótese chomskyana das transformações sintáticas em vários aspectos, os modelos construcionistas estão ainda em fase de formação e precisam atingir com maior contundência os três níveis de adequação (observacional, descritivo e explicativo) fundamentais a uma teoria. Portanto, ainda há lacunas a serem preenchidas, entre elas, a necessidade de uma explicação mais detalhada e convincente para o modo como as construções se integram na superfície, a carência de uma formulação menos prosaica e mais otimizada e, conforme já mencionado, a pouca atenção dispensada à semântica individual do verbo.

O presente estudo, em sua modéstia, fornece *insights* que contribuem para o desenvolvimento das duas últimas questões. Nossas análises buscam, na contramão das propostas analíticas da Tradição Gramatical e Linguística, descrever a CHS em termos de sua superfície sintática, dispensando o trato por derivações de cláusulas subjacentes ou “ocultas” (cf. capítulo 5).

A próxima subseção deixa à parte os pontos convergentes das abordagens construcionistas para tratar das especificidades que distinguem os modelos. Em especial, será discutido o modo como o conhecimento construcional é particularmente organizado na GCCognitiva.

2.5.5 A organização do conhecimento construcional na GCCognitiva

Conforme mencionamos na seção introdutória deste capítulo, as construções gramaticais são concebidas pelas abordagens construcionistas como unidades analíticas da linguagem; pareamentos convencionalizados de forma e sentido que emergem como padrões de uso, motivados cognitivamente e discursivamente, constituindo assim um inventário estruturado do conhecimento que os falantes possuem das convenções de sua língua.

Esse tipo de organização do conhecimento construcional, tal como postulado pela GCCognitiva, distingue-se pela necessidade de fornecer uma consideração psicologicamente realista da linguagem, com base na qual se possa esclarecer como os princípios cognitivos operam juntamente com a interação social, para estruturar o repertório de construções.

De acordo com essa perspectiva, vários aspectos da forma gramatical emergem, motivados pela Iconicidade (HAIMAN, 1983), pelo raciocínio via Metáforas e Metonímias (LAKOFF, 1987), pela Categorização Radial em termos de Protótipos (LAKOFF, 1987; ROSCH, 1978), pela categorização baseada em padrões experienciais básicos ou esquemas imagéticos (JOHNSON, 1987) e pela percepção de figura e fundo (TALMY, 2000).

Na intenção de assegurar uma adequação explanatória ao seu modelo, Goldberg (1995: 67-69) assumiu os seguintes princípios relevantes à organização da linguagem: *Princípio da Motivação Maximizada* (cf. HAIMAN, 1985; LAKOFF, 1987); *Princípio da Não-Sinonímia* (cf. BOLINGER, 1968; HAIMAN, 1985); *Princípio do Poder Expressivo Maximizado* e *Princípio da Economia Maximizada* (cf. HAIMAN, 1985).

Na tentativa de ilustrar como esses princípios operam, Haiman (1985) propôs uma analogia entre a forma de uma língua natural e um diagrama, tal como um mapa ou uma partitura musical, insinuando que, enquanto o mapa reflete a geografia, e a partitura traduz a melodia, a língua representa nosso *construal* da realidade. De acordo com Haiman, cada

ponto de um diagrama ideal deve corresponder a algum ponto na realidade sendo representada (Isomorfismo), e cada relação entre dois pontos no diagrama deve corresponder a uma relação entre dois pontos na realidade (Motivação).

As propriedades gerais do Isomorfismo e da Motivação são amplamente consideradas no modo como o mundo é projetado; no entanto, Haiman adverte que os diagramas são designados para simplificar, ou seja, eles não necessitam reproduzir, apenas representam algo – para usar os termos do filósofo e semanticista polonês Alfred Korzybski (1931), “*the map is not territory*”.

Em relação à analogia com uma língua natural, o isomorfismo permite entender que diferenças na forma implicam diferenças no sentido (ou pragmáticas), como requer o *Princípio da Não-Sinonímia*. Contrastivamente, diferenças no sentido (ou pragmática) devem implicar diferenças na forma, conforme sugere o *Princípio do Poder Expressivo Maximizado*.

Os casos de polissemia e homonímia são considerados desvios de Isomorfismo, atribuídos à nossa necessidade de simplificação, exatamente como ocorre com os diagramas, e são captados pelo *Princípio da Economia Maximizada*. Portanto, ao mesmo tempo em que o *Princípio da Economia Maximizada* trabalha para restringir a multiplicidade de construções¹⁵, o *Princípio do Poder Expressivo Maximizado* segue em direção oposta, promovendo a maximização desse repertório para os diferentes propósitos comunicativos.

Por fim, o *Princípio da Motivação Maximizada*, talvez o mais influente quando se trata da organização construcional, dá conta do fato de que construções formalmente similares são também semanticamente similares.

Motivação e herança são a pauta da próxima subseção.

2.5.6 A Motivação na GCCognitiva

O fenômeno da motivação na linguagem é especialmente relevante para as abordagens construcionistas e parece ser central à cognição humana, uma vez que é mais fácil aprender algo que é motivado do que algo que é arbitrário (LAKOFF, 1987).

¹⁵ Os princípios em questão foram estabelecidos em termos de construções, uma vez que, neste tipo de abordagem, elas são consideradas as unidades básicas do sistema linguístico.

A motivação, tal como assumida pela GCCognitiva, assenta-se entre as noções de previsibilidade e arbitrariedade. Ao mesmo tempo em que se lhe nega qualquer poder preditivo intrínseco, alegando-se que a motivação *per se* serve tão somente para que se possa conjecturar sobre a estruturação de uma determinada construção gramatical, também se admite, em contrapartida, que os padrões construcionais não sejam totalmente arbitrários. Há uma terceira opção a ser considerada: *construções são motivadas por outras construções* (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006).

Baseados nesta premissa, os linguistas acima referenciados assumem a hipótese de que o conhecimento linguístico é igual a qualquer outro tipo de conhecimento. Neste caso, propõem uma organização da linguagem em termos de categorias radiais, em que as construções mais regulares e mais esquemáticas constituem protótipos, enquanto as mais específicas e as idiossincráticas são periféricas e, consequentemente, herdam propriedades irradiadas das construções mais centrais.

Portanto, as relações de motivação são vistas na GCCognitiva em termos dos elos de herança que se estabelecem entre as construções com formas e sentidos similares, de tal modo que uma construção motivada seja parcialmente especificada a partir de uma instância mais básica que lhe atribui elementos semântico-formais não-conflitantes.

A gramática assim engendrada constitui, pois, uma rede de construções interconectadas por elos de herança. São esses elos que nos permitirão captar tanto as generalizações sistemáticas quanto as sub-regularidades e exceções, instrumentalizando assim a descrição das propriedades semânticas, pragmáticas e gramaticais compartilhadas pelos padrões sintáticos que as relacionam.

Em seu estudo sobre as Construções de Estrutura Argumental (do Inglês), Goldberg (1995: 75-81) caracterizou quatro tipos possíveis de elos de herança:

- (i) *herança por polissemia* – ocorre quando uma construção estende o significado da construção-mãe. Para explicar este elo de herança, Goldberg alega que a Construção Ditransitiva possui um sentido central (X causa Y receber Z; por exemplo: *Joe gave Sally the ball*) e extensões desse sentido (por exemplo, X permite Y receber Z – *Joe permitted Chris an apple*). Sendo assim, não há necessidade de se estabelecer uma realização sintática para cada extensão.

- (ii) *herança por subparte* – verifica-se quando uma construção de existência independente se configura como parte da construção-mãe. A Construção Resultativa (instanciada, por exemplo, em *Douglas estourou a bola*) está relacionada à Construção Intransitiva Resultativa (instanciada em *A bola estourou*) por meio desse tipo de herança. Neste caso, as especificações semânticas e sintáticas da Construção Intransitiva Resultativa são uma subparte das especificações semânticas e sintáticas da Construção Resultativa.
- (iii) *herança por instanciação* – este elo é postulado quando uma construção se configura como um caso da construção-mãe. Como exemplo, Goldberg cita a relação entre um sentido especial do verbo *drive* e a Construção Resultativa.
- (iv) *herança por metáfora* – verifica-se quando a construção herdeira é uma extensão metafórica da construção-mãe. Por exemplo, a metáfora TRANSFERÊNCIA DE POSSE É TRANSFERÊNCIA FÍSICA (GRUBER, 1965; JACKENDOFF, 1972) envolve um entendimento de posse, em que a coisa possuída deve estar próxima ao possuidor, e a transferência dessa coisa para outro alguém implica movimento físico. Tal metáfora está na base da relação de herança entre a Construção de Movimento Causado e sua herdeira, a Construção de Movimento Causado com Transferência, instanciada em sentenças do tipo *João deu uma casa para seus pais* e *O juiz deu a custódia da criança para os avós*.

Além de postular elos de herança entre as construções, a GCCognitiva assume que esse tipo de relação também se sustenta para os constituintes internos de determinadas construções sentenciais. Por exemplo, o constituinte com função gramatical de objeto direto é passível de generalizações sobre a sua representação semântica e/ou gramatical que são captadas por relações de herança, de modo que a função gramatical de objeto direto de determinadas construções é herdada de uma construção de objeto direto mais esquemática (cf. GOLDBERG, 1995: 98).

Casos de herança múltipla também são contemplados e correspondem a situações em que a instância de uma construção é motivada por construções distintas, simultaneamente. Para Goldberg, a herança múltipla capta o fato de que as instâncias de alguns padrões construcionais parecem resistir a uma categorização natural.

Por fim, o modelo construcionista em foco assume que os elos de herança também são objetos do sistema (ou seja, são construções), o que nos permite verificar suas diferentes frequências de uso, aferidas com base na quantidade de construções que cada um deles relaciona. Aliás, esse tipo de investigação parece indispensável para qualquer descrição explanatória da linguagem, uma vez que “a frequência de determinado padrão de uso é tanto resultado como força modeladora do sistema linguístico” (BARLOW & KEMMER, 2000, tradução nossa).

Em relação ao presente estudo, cabe pontuar que a descrição tanto em termos de princípios de organização da linguagem (cf. subseção anterior) como em termos dos elos de herança será um dos procedimentos assumidos neste estudo (seção 5.5), de modo a sustentar a hipótese analítica de que a CHS constitui-se como um padrão de uso motivado cognitivamente e discursivamente.

Por fim, na próxima subseção, passamos à discussão do papel do **uso linguístico** na arquitetura cognitiva do léxico e gramática de uma língua. Este é o princípio fundamental ao enquadramento da GCCognitiva como um Modelo baseado no Uso.

2.5.7 A GCCognitiva como Modelo Baseado no Uso¹⁶

Goldberg (2006: 213-215) fornece um panorama contemporâneo da Teoria da Gramática das Construções, apresentando-a em quatro modelos que se agrupam ou divergem conforme as perspectivas que adotam. São eles: Gramática das Construções Unificada (FILLMORE, 1999; FILLMORE, KAY e O'CONNOR, 1988); Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987a, 1987b, 1988, 1990, 1991, 1992, 2003); Gramática das Construções Radical (CROFT, 2001) e Gramática das Construções Cognitiva (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006).

A linguista considera a relativa unidade teórica dos três últimos modelos, agrupando-os como Modelos Baseados no Uso, em dissonância com a Gramática das Construções Unificada (por exemplo, quanto ao relevo do uso, à noção de herança e aos dispositivos de formalização).

¹⁶ Algumas referências dos Modelos de Uso da Gramática das Construções: Goldberg (1995, 2006); Croft & Cruse (2004); Langacker (1999, 2007); Salomão (2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007).

A hipótese defendida é de que o sistema linguístico é adquirido, moldado e permanentemente influenciado pelo uso, de modo que a maior ou menor frequência de um determinado padrão construcional é capaz de refletir e influenciar a organização do conhecimento que o usuário tem de sua língua. Portanto, a linguagem é assumida nesta perspectiva como “prática social, e a gramática de uma língua é uma rede de símbolos que se ergue na cultura” (MIRANDA, 2009: 63).

A competência linguística da criança e do adulto se define como o domínio de um inventário estruturado de unidades simbólicas. Quando os falantes, em situação comunicativa similar, fazem uso reiterado de um mesmo símbolo linguístico, o que emerge, com o tempo, é um padrão de uso, armazenado na mente como um tipo de categoria ou construção linguística (MIRANDA, 2009: 66).

Como modelo de linguagem baseado em eventos de uso, a GCCognitiva utiliza dois coeficientes quantitativos (frequência de *types* e frequência de *tokens*) que revelam, respectivamente, o grau de produtividade e convencionalização de uma dada construção. Assim, será considerado produtivo o padrão construcional que apresentar uma frequência de *types* elevada.

No caso específico de uma Construção de Estrutura Argumental, o modelo interpreta sua produtividade em termos do seu potencial de se expandir para novos usos verbais. A Construção *Way*, estudada por Goldberg (1995: 199-218), é especialmente produtiva. Outro exemplo de CEA bastante produtiva (no PB) é a família de *Construções do Argumento Cindido* (SAMPAIO, 2010).

Por outro lado, a convencionalidade de um determinado padrão construcional está atrelada a uma frequência de *tokens* elevada, ou seja, à alta incidência com que esse padrão é instanciado na língua. São exemplos de construções convencionalizadas no PB: as *Construções Concessivas de Polaridade Negativa* (CARVALHO MIRANDA, 2008); a *Construção Superlativa de Expressão Corporal* (COSTA, 2010); as *Construções Superlativas Causais Nominais* (CARRARA, 2010); entre outras.

Enfim, a sensibilidade dos padrões construcionais da gramática e do léxico a parâmetros como frequência de *types* e frequência de *tokens* promoveram uma virada

metodológica no seio da Linguística Cognitiva, de modo que os projetos analíticos de viés construcionista passaram a adotar uma abordagem empirista da linguagem, com a operação de *corpora* naturais, dimensionando de modo mais efetivo o papel do uso na arquitetura cognitiva do léxico e da gramática.

A propósito do relevo dessa nova concepção do uso como constitutivo da arquitetura cognitiva do léxico e da gramática, vale pontuar que a Linguística Cognitiva, em termos metodológicos, tem uma longa história vinculada ao uso intuitivo da linguagem para sustentar os seus *insights*. Os próprios estudos construcionistas de Goldberg estiveram, na sua origem e até muito recentemente (antes de 2006 - *Construção Way*), longe das bases de dados linguísticos naturais.

Consequentemente, muitos *insights* relevantes e promissores da GCCognitiva – um modelo que se coloca como baseado no uso – começam a ser revisitados à luz de comprovações empíricas, em projetos investigativos baseados em *corpora*. Conforme anunciado, este é um dos compromissos do presente estudo.

No campo mais amplo da Ciência Cognitiva, tal visada teórica encontra confirmação empírica, por exemplo, no trabalho de Michael Tomasello sobre a aquisição da linguagem. Tomasello (2003) rebate a concepção inatista de que os seres humanos nascem com uma gramática universal, que contém os princípios abstratos norteadores do processo de aquisição da linguagem (solução apresentada por Chomsky para a conhecida *questão da pobreza de estímulo*), e dedica-se a demonstrar que o uso desempenha um papel central na aprendizagem e no processo de emergência da gramática na ontogênese.

Em sua obra intitulada *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition* (2003), o psicólogo estadunidense identifica convergências entre a hipótese teórica da Gramática das Construções e algumas descobertas realizadas anteriormente, a respeito da aprendizagem de padrões abstratos, que se processaria a partir da compreensão e uso de expressões lexicalmente especificadas.

Em especial, Tomasello postula dois conjuntos de habilidades particularmente importantes que se harmonizam com a hipótese de que a aquisição da linguagem se dá integrada à aquisição das capacidades cognitivas como um todo (e sociocognitivas também). Tais habilidades podem ser assim descritas (cf. TOMASELLO, 2003: 3, 4):

- i. habilidades para leitura de intenções (*intention-reading skills*), adquiridas entre 9-12 meses de idade, que permitem direcionar a atenção para objetos ou eventos e compartilhar a intenção de seus co-específicos em *frames* de atenção conjunta;
- ii. habilidades para encontrar padrões (*pattern-finding skills*), adquiridas precocemente (algumas em fase pré-linguagem), que permitem formar categorias perceptuais e conceptuais para objetos, eventos e funções de elementos, e também estabelecer esquemas sensório-motores e de comportamento.

Portanto, o pressuposto assumido por Tomasello (2003) é que a estrutura da linguagem emerge do acúmulo de usos linguísticos aos quais a criança é exposta, ou seja, a gênese da gramática e do significado parte da recorrência de construções específicas e segue na direção da abstração e da generalização.

Nessa perspectiva construcional, as crianças não aprendem as palavras primeiro, para depois combiná-las em sentenças a partir de regras sintáticas sem conteúdo (conforme orienta o gerativismo chomskyano), mas aprendem construções como padrões de uso que, investidos de uma dimensão simbólica e comunicativa, ganham relevo nos processos de atenção conjunta em que a criança se envolve com o adulto.

Em suma, a seção (e subseções) que acabamos de apresentar trazem os principais princípios de organização do conhecimento construcional reivindicados pela GCCognitiva de Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006). Em especial, chamamos a atenção para o modo como a motivação é concebida em termos de elos de herança, que interconectam as construções e promovem a tessitura de redes capazes de captar tanto as generalizações mais amplas quanto as idiossincrasias que se depreendem das relações entre os usos construcionais. Portanto, de acordo com a perspectiva construcionista apontada, a gramática emerge das relações de herança que se estabelecem entre as construções, sendo fortemente influenciada pela frequência dos padrões de uso (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2007).

Por fim, resta ainda saber que não há qualquer contradição inerente e sistemática quando se tratam dos diferentes princípios organizacionais adotados pelas abordagens construcionistas. As preferências resultam tão somente de interesses pessoais, uma vez que a *Teoria da Gramática das Construções* permite, de forma sedutora, que os gramáticos escolham seu método para descobrir e expressar seus *insights* linguísticos.

A GCCognitiva, por exemplo, opera com formalizações básicas, pautadas por explicações em prosa do fenômeno construcional, enquanto os adeptos da *Sign-Based Construction Grammar* (SAG, 2010) esforçam-se para fornecer uma notação rígida e detalhada das construções, deixando pouco espaço para qualquer outra interpretação que não seja aquela captada pelo seu formalismo particular. Segundo Boas (2010), são exatamente essas divergências que tornam a pesquisa construcional assim, tão vibrante.

Na próxima seção, estaremos discutindo outro pilar desse arcabouço teórico: a Semântica de *Frames*, apresentada nos termos de Fillmore (1968, 1977, 1982). De fato, é cada vez mais forte a confluência entre este modelo e os estudos construcionistas da gramática. A noção de *frame* que passamos a apresentar, assim como os construtos dela derivados no projeto lexicográfico FrameNet (subseção 2.6.1), falam em favor desta convergência.

2.6 A Semântica de *Frames*

Na verdade, a nós parece que a contribuição essencial da Semântica de *Frames*, pioneiramente proposta por Fillmore desde 1975, seja o de possibilitar esta mediação entre o conhecimento de mundo – acumulado como memória social (modelos culturais) e/ou pessoal – e a sua ativação numa perspectiva singular, definida para o evento comunicativo em desenvolvimento (SALOMÃO, 1997: 32).

A estratégia de recorrer a *frames* para definir o polo semântico das construções, sejam elas sintáticas ou lexicais, promove uma aproximação entre a Gramática das Construções Cognitiva e a Semântica de *Frames*, tal como postulada por Fillmore (1968, 1977, 1982). No entanto, antes de tratarmos propriamente dessa relação, achamos oportuno retomar o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado proposto por Lakoff (1987), que parece fundir-se com e até mesmo ampliar a noção de *frame* com a qual Fillmore trabalha.

A concepção lakoffiana de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) incorpora a tese de uma cognição integrada, resultante da atuação efetiva de agentes cognitivos na emergência do conhecimento em geral e do linguístico em particular. Lakoff descreve tais modelos como constructos mentais socialmente produzidos e culturalmente disponibilizados que organizam

os múltiplos domínios do conhecimento. Tais modelos resultariam, portanto, de uma conjunção entre a experiência humana individual, corporificada, e a experiência social, proveniente da interação com outros indivíduos inseridos em uma dada cultura (LAKOFF, 1987: 68).

Os MCIs são caracterizados por Lakoff (1987: 113, 114) como estruturas idealizadas, esquemáticas e gestálticas. Enquanto estruturas idealizadas, são somente representações internas abstraídas de uma realidade externa e, portanto, não necessitam ajustar-se perfeitamente ao mundo. Já sua natureza esquemática e gestáltica permite que esses modelos sejam operados por quatro princípios estruturadores que contribuem de modo específico para organizar a conceptualização das nossas experiências, seja no plano puramente conceptual ou no plano linguístico-conceptual:

- (1) Princípio da Natureza Proposicional: responsável pela especificação dos elementos, suas propriedades e relações que mantêm entre si (cf. *Frames Semânticos* – FILLMORE, 1982).
- (2) Princípio da Natureza Imagética: corresponde esquematicamente ao núcleo pré-conceptual (mais básico) do MCI (cf. *Image-schemas* – JOHNSON, 1987).
- (3) Princípio da Natureza Metafórica: opera a projeção da estrutura proposicional ou esquema imagético de um domínio conceptual para outro domínio (cf. *Metaphoric e metonymic mappings* – LAKOFF & JOHNSON, 1980).
- (4) Princípio da Natureza Metonímica: consiste em tomar um aspecto bem-entendido ou fácil de se perceber de alguma coisa e usá-lo para estar pela coisa como um todo (ou por algum outro aspecto ou parte dela) dentro de um mesmo domínio conceptual (cf. *Metaphoric e metonymic mappings* – LAKOFF & JOHNSON, 1980).

A postulação desses quatro princípios faz pressupor que os MCIs de Lakoff (1987) extrapolam a estrutura proposicional (linguística e semântica) dos *Frames* de Fillmore (1982) e captam outras estruturas conceptuais envolvidas, tais como: esquemas imagéticos, projeções metafóricas e ativações metonímicas. No entanto, embora se possam apontar singularidades, a

Linguística Cognitiva tem fundido os conceitos de MCI e *frame* e optado, preferencialmente, pelo emprego do segundo termo, para designar quaisquer estruturas de expectativa que norteiam as interações comunicativas.

Assim, sem negligenciar a concepção lakoffiana de MCI, o presente estudo emprega a noção de *frame* postulada por Fillmore (1982), em que se procura descrever a estrutura semântica das construções, a partir da caracterização de cenas abstratas, e analisar os padrões sintáticos nos quais as Unidades Lexicais (ULs) ocorrem, buscando a integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos do fenômeno linguístico. Em especial, nossas análises semânticas irão revelar a atuação do *frame* *Posição_máxima_em_uma_escala*, que traduz a CHS em termos dos seus Elementos Construcionais e das relações que esses ECs estabelecem entre si (cf. capítulo 5).

As abordagens construcionistas, desde as suas primeiras versões, se preocupam em descrever objetos gramaticais, estando, pois, sujeitas a uma organização taxonômica. Neste caso, Sampaio (2010) explica que, na concepção de Fillmore, essa taxonomia é válida e se faz necessária na medida em que possa fornecer uma organização conceptual convincente e reveladora das entidades ordenadas. Além disso, por se tratar de objetos gramaticais, sua descrição, identificação e classificação deve ser capaz de facilitar a formulação de generalizações sintáticas e semânticas.

Segundo a proposta de Fillmore (1977), os seres humanos possuem um aparato que lhes permite ter acesso a conjuntos conceptuais internamente estruturados, em vez de conceitos lexicais isolados. Essas estruturas cognitivas baseiam-se em crenças, ações, experiências ou imaginações, sendo chamadas de *scenes* (cenas). Daí, a premissa fillmoreana de que *meanings are relativized to scenes* (FILLMORE, 1977: 59)

O exemplo clássico de ilustração dessa proposta, utilizado por Fillmore (1977), é a cena de *transação comercial*, em que dois indivíduos diferentes estão envolvidos agentivamente. As ações de cada um dos dois fazem parte do nosso entendimento de qualquer item lexical que possa ser usado para descrever esse tipo de evento ou qualquer de seus aspectos: um dos indivíduos do evento comercial (o Comprador) entrega algum dinheiro e leva a mercadoria; o outro (o Vendedor) entrega a mercadoria e pega o dinheiro.

Uma descrição completa do evento comercial identifica o Comprador, o Vendedor, o Dinheiro e a Mercadoria. No entanto, Fillmore observou que, qualquer que seja a sentença que construímos para falar sobre esse tipo de evento, optamos necessariamente por

uma perspectiva em especial, ou seja, qualquer lexema verbal que identifique um aspecto específico do evento comercial irá nos obrigar a colocar em perspectiva uma ou mais entidades do evento. Consequentemente, a manifestação dessa escolha será a seleção de funções gramaticais que correspondam às noções de *sujeito* e *objeto direto* – observe os exemplos abaixo, facilmente encontrados em nossas interações cotidianas:

- (15) *João vendeu seu smartphone.*
- (16) *O smartphone custou novecentos reais.*
- (17) *Romário pagou ao João.*
- (18) *Até agora, Romário gastou três mil reais.*

Nas expressões acima, o lexema *vender* perspectiva o Vendedor e a Mercadoria; *custar* perspectiva a Mercadoria e o Dinheiro; *pagar* perspectiva o Comprador e o Vendedor e *gastar* perspectiva o Comprador e o Dinheiro. Assim, conforme já dissemos, embora a utilização de cada um desses lexemas verbais ative toda a cena de um evento comercial, os itens lexicais escolhidos impõem uma perspectiva particular, com o foco em determinados participantes.

O modo como a Semântica de *Frames* baseia suas análises tem reflexos na maneira como a Gramática é perspectivada. Sabemos, por exemplo, que a condição de elementos conceitualmente obrigatórios e superficialmente opcionais é tradicionalmente tratada com a postulação de uma estrutura gramatical subjacente da sentença, onde estão inseridos todos os elementos da cena, e uma estrutura superficial, em que alguns desses elementos são apagados (ou recebem representação zero). No entanto, a Semântica de *Frames* rejeita essa possibilidade e harmoniza-se com a hipótese de uma teoria monoestratal da Gramática, tal como assumida pela Gramática das Construções Cognitiva. Assim, ainda considerando uma cena do *evento de transação comercial*, a seguinte argumentação seria apresentada:

- (i) um lexema como *vender* ativa uma cena do evento de transação comercial;
- (ii) todos os que compreendem esse item lexical sabem quais são os vários componentes e aspectos do evento ativado;

- (iii) o conhecimento linguístico que o falante tem do verbo *vender* inclui o conhecimento das diversas formas de realizar as diferentes partes do evento na forma de um enunciado.

Diante disso, Sampaio (2010) esclarece que a conexão entre a Semântica de *Frames* e a Gramática das Construções Cognitiva é mais do que uma questão de representação, uma vez que esta última se preocupa tanto em descrever os padrões sintáticos quanto em interpretá-los semanticamente e verificar suas condições de uso.

Apresentaremos, a seguir, um dos frutos mais proeminentes da Semântica de *Frames*: a FrameNet, um projeto lexicográfico computacional que trata basicamente da identificação e descrição de *frames* semânticos.

2.6.1 A FrameNet

Coordenada por Charles J. Fillmore e Collin F. Baker junto ao *International Computer Science Institute* da Universidade de Berkeley (Califórnia), a FrameNet deve ser entendida como um recurso computacional de descrição lexicográfica que nos permite a pesquisa eletrônica de Unidades Lexicais (ULs) capazes de evocar *frames* semânticos. As principais informações acerca dos constructos deste projeto estão consolidadas no texto intitulado *FrameNet II: Extended Theory and Practice – The Book* (2010), disponibilizado no *site* do projeto (<<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>>). A seguir, discutiremos alguns desses constructos, mesmos que sucintamente.

As Unidades Lexicais (UL) são frutos de “pareamentos entre uma forma linguística e um sentido particular” (FILLMORE, JOHNSON & PETRUCK, 2003: 235). O lexema *beber*, por exemplo, funciona como UL ao evocar o *frame* *Ingestão* (*Ingestion*) e pode ser instanciado por palavras como: *bebemos*, *bebido*, *bêbado*, *bebida*, *bebia*, entre outras. Além disso, uma mesma forma pode evocar sentidos distintos, a depender do esquema conceptual em que se insere. Por exemplo, o lexema *cozinhar* evoca o *frame* *Criação_Culinária* (*Cooking_Creation*) quando instanciado em *A mãe cozinhou as batatas para o almoço*, mas também pode evocar o *frame* *Dificultar_o_Andamento* (*Hindering*) em *Precisando assegurar o resultado, o Corinthians cozinhou o jogo até o final*.

A descrição lexicográfica realizada pela FrameNet se dá em termos das valências das Unidades Lexicais, ou seja, das possibilidades de combinação sintática e semântica que elas apresentam, e ancora-se em evidências de *corpus*, garantindo assim que as diversas configurações gramaticais reflitam o uso efetivo que os falantes fazem da sua língua. Portanto, as instanciações de uso assumem um papel central e constitutivo na definição dos *frames*.

A valência semântica de uma Unidade Lexical inclui as entidades que participam da cena evocada, as quais são nomeadas “Elementos do *Frame*” (*Frame Elements*) – EF. Já a sua valência sintática é definida pelos Tipos Sintagmáticos (*Syntagmatic Types*) – TS e Funções Gramaticais (*Grammatical Functions*) – FG que os EFs participantes assumem.

Segue abaixo um exemplo de anotação da UL *visitar*, do *frame* Turismo (*Touring*), nas três camadas supracitadas (GAMONAL, 2011: 11):

Camadas	mais da metade dos americanos	VISITOU	uma biblioteca	em 2007
EF	Turista		Atração	Tempo
FG	Externo		Objeto	Dependente
TS	SN		SN	SP

Quadro 5: Valência da UL *visitar*, anotada em camadas¹⁷.

Na camada superior, está anotada a sentença onde se encontra a *palavra alvo*, grifada em caixa alta, fundo preto e fonte branca. Os demais constituintes da sentença estão etiquetados na camada abaixo (camada EF), diferenciados por cores para facilitar a análise. Nesta camada, tanto os EFs nucleares como os periféricos são anotados. Na camada FG, são anotadas as funções gramaticais dos EFs que, no caso em questão, atuam como Externo, Objeto e Dependente. Inclui-se na categoria de Dependente tudo aquilo que não pertence às outras duas categorias. Por fim, a camada TS identifica os tipos sintagmáticos dos EFs.

Os Elementos do *Frame* podem participar da cena como entidades, atributos, eventos, noções espaciais e temporais, e são classificados quanto à sua condição de centralidade no *frame*. Segundo Ruppenhoffer et al (2006), será central ou nuclear o EF que instanciar um componente conceptualmente indispensável ao *frame*, ou seja, um elemento que o particulariza e que é inferido por ele.

¹⁷ Há também a camada Outros, na qual se anotam elementos diretamente relacionados à UL em questão, no caso, um verbo. Estruturas com auxiliares, índices de indeterminação do sujeito, ou estratégias de relativização são marcadas nessa camada.

Um EF nuclear fornece informações semanticamente relevantes e, portanto, deve ser indicado mesmo que não esteja explicitamente lexicalizado. Por exemplo, na sentença *João vendeu seu relógio*, o lexema instanciado *vender* é uma UL que evoca o *Frame Comércio_Vender*, cujos EFs nucleares são o Vendedor (*João*), o Comprador (omitido) e a Mercadoria (*seu relógio*).

Na FrameNet, as omissões de EFs nucleares são tratadas como casos de Instanciação Nula e se dividem em três tipos:

- (1) Instanciação Nula Definida (IND): abrange os casos em que o EF pode ser recuperado anaforicamente pelo contexto. Por exemplo, o *frame Assassinar (Killing)* tem como EFs nucleares: Causa, Instrumento, Assassino, Método e Vítima. Em uma sentença do tipo *João matou friamente a mulher que tanto amou*, se o objeto do crime (EF Instrumento) puder ser recuperado pelo contexto (ou estiver explícito no co-texto), é entendido como IND.
- (2) Instanciação Nula Indefinida (INI): refere-se aos casos indefinidos ou existenciais, em que a omissão do EF é compreendida via convenções interpretativas, não sendo necessário recorrer ao contexto. Por exemplo, na sentença *Noite passada, João bebeu...*, a Coisa Ingerida é um EF nuclear não-lexicalizado, convencionalmente interpretado como uma bebida alcoólica (*frame Ingestão*).
- (3) Instanciação Nula Construcional (INC): abarca os casos em que a omissão de um EF nuclear é causada por uma imposição estrutural. É comum haver INCs envolvendo a omissão do Agente nas Construções Passivas, ou do Sujeito nas Construções Imperativas. Exemplos disto são também as Construções Prescritivas ou regras (por exemplo: *não bater; não xingar a professora*) que, em formas não-finitas com valor imperativo, caracterizam-se, em termos de propriedade de tal construção, por uma INC. Nos exemplos em questão, tanto o EF Lado 1 (Agressor) como o EF Lado 2 (Agredido) do *frame Encontro-hostil* que evocam, não são instanciados lexicalmente (FONTES, 2012).

Os EFs não-nucleares não distinguem o *frame*, mas atribuem características a ele. A FrameNet registra dois tipos de EFs não-nucleares: os Periféricos e os Extratemáticos. Os Periféricos são aqueles EFs que acrescentam características genéricas, as quais podem ser aplicadas a *frames* diversos. Embora possam ser instanciados em qualquer *frame* semântico que seja apropriado, sua interpretação irá variar de acordo com as especificidades semânticas de cada *frame*. Normalmente, são responsáveis pelas noções de Tempo, Espaço, Modo, Meio e Grau. Já os Extratemáticos são aqueles EFs que podem introduzir esquemas ou eventos adicionais que são independentes ou distintos do evento principal descrito pelo *frame* em destaque. São exemplos de EFs extratemáticos: Causa, Resultado, Razão e Iteração (cf. FILLMORE, JOHNSON & PETRUCK, 2003).

Os *frames* podem organizar-se hierarquicamente, interligando-se de forma assimétrica, de modo que um subframe – mais específico, mais dependente e menos abstrato – esteja conectado a um superframe – mais genérico, mais abstrato e menos dependente (RUPPENHOFER et al., 2006: 104).

A *Herança* é um tipo de relação entre *frames* em que tudo o que se afirma sobre a semântica do *frame* Pai deverá corresponder a um fato tão ou mais específico no *frame* Filho. Fillmore et al. (2003) ilustram a relação de *Herança* com os *frames* *Comunicação* e *Meios_de_Comunicação*, alegando que este último, por ser mais específico, é herdeiro do *frame* *Comunicação*, mais genérico. Outras relações semânticas entre *frames* observadas na Plataforma FrameNet são: *Perspectiva_em*; *Subframe*; *Precede*; *Incoativo_de*; *Causativo_de*; *Usando*; *Veja_também*.

O produto final da FrameNet é um *site* disponibilizado via Internet, no qual é possível pesquisar o acervo de *frames* e Unidades Lexicais descritos para o Inglês. Os relatórios disponibilizados por essa plataforma (gerados em termos de padrões de valência) estruturam as informações de forma interconectada, formando uma grande rede de significados (FILLMORE et al., 2003)

Desenvolvida inicialmente para o Inglês, a FrameNet tem se expandido para outras línguas, como o Alemão, o Japonês, o Chinês, o Sueco, o Espanhol e o Português do Brasil. O Projeto FrameNet Brasil (<<http://www.framenetbr.ujfj.br/>>), desenvolvido na Universidade Federal de Juiz de Fora, foi viabilizado a partir de 2007 e hoje se desenvolve a partir de três linhas de pesquisa, sendo uma delas “*Frames e Construções*” a que este estudo se integra (cf. Introdução).

Ao longo dos trabalhos da FrameNet, alguns desafios têm surgido em termos de anotação dos dados. Alguns casos têm sido equacionados nos limites da notação lexicográfica usada pela plataforma, o que significa dizer que nenhuma referência é feita a outros dados do contexto linguístico que, porventura, estejam afetando a UL anotada. Exemplos desses casos são as Construções Copulares, do tipo *Ela parece doente*, em que a cópula jamais será tratada como uma UL, já que o *frame* organizador dessa sentença é, na verdade, evocado pelo adjetivo *doente*; Construções de Verbo-Suporte, do tipo *Ela soltou uma risada*, em que a informação semântica principal é introduzida pelo Dependente *uma risada*; Nomes transparentes (*lata de cerveja*; *penca de bananas*); entre outras (cf. Salomão, 2009: 176).

Contudo, há muitos casos que não são equacionáveis via notação lexicográfica. Exemplo disto é o SN sem núcleo nominal (derivação imprópria), apontado por Fillmore et al. (2003: 3). Segundo Fillmore, na sentença *The skeptical are reluctant to believe that the unbelievable has happened/Os céticos relutam em acreditar que tenha ocorrido o inacreditável*, há dois SNs sem núcleo nominal, constituídos somente pelo determinante mais adjetivo: *os céticos* e *o inacreditável*. Embora se possa distinguir entre esses dois sintagmas (o primeiro concorda no plural e representa uma classe genérica de seres humanos; o outro concorda no singular e refere-se a uma situação caracterizada abstratamente), o fato é que nenhum deles pode ser interpretado somente a partir dos seus materiais lexicais e nem pode ser visto como uma expressão convencional composta de várias palavras.

A sentença *Most cars crawl along at fifteen miles an hour/A maioria dos carros move-se lentamente, a quinze milhas por hora* é outro exemplo que ilustra as limitações da FrameNet. Segundo Fillmore et al. (2010), a expressão inteira é utilizada para descrever um conceito complexo de velocidade (que envolve as noções de tempo e distância), e uma análise puramente lexicográfica não dá conta de revelar essa complexidade. É necessário reconhecer a existência de uma *Rate.speed Construction* para que se possa descrever adequadamente a semântica e a pragmática resultantes da conjunção entre as partes constituintes e o todo da expressão.

Enfim, os casos de anotação lexicográfica ineficiente deixam clara a necessidade de se expandir a noção de Unidade Lexical para objetos linguísticos com mais de uma palavra e que possuem uma estrutura interna descritível, como é o caso das construções gramaticais. É neste contexto que surge o *Constructicon*, um projeto anexo que propõe a anotação de construções, utilizando-se para isso de ferramentas desenvolvidas pela FrameNet (com

algumas adaptações), conforme veremos a seguir.

Interessam-nos, conforme já explicitado, as descrições e formalizações construcionais propostas por este projeto e, mais de perto, as Construções Modificadoras de Grau nele apresentadas, uma vez que estão diretamente vinculadas à CHS em estudo. Assim, nos limites de nossa agenda investigativa dentro do macroprojeto Construções Superlativas do Português (MIRANDA, 2008, 2010; cf. Introdução), estamos preocupados com a descrição de mais um nóculo periférico da rede de construções superlativas ou hiperbólicas do Português, sem ter em meta imediata a anotação da CHS no projeto FrameNet. De fato, nossas anotações não passam pelos *softwares* disponíveis na FrameNet¹⁸; são anotações manuais que levam em conta a composição da construção a partir da formulação de seu constructo, configurado conforme as regras do *Constructicon*.

2.6.2 O Projeto *Constructicon*

O *Constructicon* é um projeto linguístico-computacional recém-elaborado por Charles J. Fillmore, Russell Lee-Goldman e Russell Rhodes (UC – Berkeley, USA), que consiste basicamente em descrever as construções gramaticais da língua inglesa, disponibilizando relatórios *on-line* com um conjunto organizado de informações sobre as propriedades morfosintáticas, semânticas e pragmáticas de cada construção identificada. Segundo seus idealizadores, o *Constructicon* deve favorecer o desenvolvimento de pedagogias de linguagem, além de sugerir novos níveis de expectativa para as pesquisas relacionadas com o Processamento de Linguagem Natural.

Os procedimentos notacionais do *Constructicon* orientam-se por uma premissa básica: construções são regras que licenciam “novos” signos linguísticos com base em outros signos da mesma natureza (FILLMORE, GOLDMAN & RHODES, 2010: 9). Portanto, de acordo com essa perspectiva, os padrões construcionais são capazes de licenciar estruturas gramaticais simples ou complexas (denominadas “constructos”) que podem ser formalmente descritas em termos de uma Matriz de Valores de Atributos (mecanismo de formalização

18 A FrameNet Brasil está em processo de implantação do *software* que permite a anotação de construções no *Constructicon*, como já acontece na FrameNet de Berkeley.

utilizado por Boas & Sag (2010) na *Sign-Based Construction Grammar* – SBCG) ou apresentadas informalmente, em prosa – mas sempre uma anotação de constructos.

A elaboração de um *Constructicon* conjuga-se, em termos de objetivos e abordagem, com a pesquisa em lexicografia desenvolvida pela FrameNet. A mesma metodologia e base de dados originalmente criadas para as atividades do projeto lexicográfico foram estendidas para a análise de construções linguísticas, permitindo assim maior integração e melhor uso dos dois recursos. No entanto, foram necessárias algumas mudanças estruturais, com adaptações no *software* notacional da FrameNet, que o capacitaram para:

- (i) identificar o trecho da língua que instancia a construção, definindo-o como alvo da anotação, e bloquear (do restante do discurso) o constructo por ela licenciado;
- (ii) identificar os segmentos que equivalem aos Elementos Construcionais, internos ao constructo;
- (iii) identificar Elementos Contextuais, cujas propriedades são requeridas ou selecionadas por uma dada instância de construção.

Assim, para que uma determinada construção possa dar entrada no *Constructicon*, um esquema de representação deverá ser formulado, de modo que as segmentações linguísticas que instanciam essa construção sejam cercadas por chaves { } e colchetes [] e recebam as designações mnemônicas da Construção-Mãe (M) e de suas Filhas (F). A Construção *Rate-cost-time* (FILLMORE et al., 2010: 17), por exemplo, recebeu a seguinte formulação (do mais geral para o específico):

$$\{^M [^{F1} \text{ signo}_1] [^{F2} \text{ signo}_2]\}$$

$$\{\textit{Rate-cost-time} [^{\text{Numerador}} \text{ signo}_1] [^{\text{Denominator}} \text{ signo}_2]\}$$

$$\{\textit{Proporção_custo_por_tempo} [^{\text{Numerador}} \textit{quarenta reais}] [^{\text{Denominator}} \textit{uma hora}]\}$$

Também fazem parte das convenções notacionais, para a configuração de um Constructo: (i) uma descrição informal das propriedades da Construção-Mãe; (ii) uma descrição informal das propriedades das Construções-Filha e (iii) uma interpretação de como interagem as propriedades das Filhas, de modo a produzir as características do signo resultante em termos de suas dimensões sintáticas, semânticas e de conexão contextual (cf Ilustrações 4 e 5 – Constructos 1 e 2).

A descrição e análise de cada construção é validada por uma anotação constructicográfica que evidencia as propriedades do fenômeno construcional. Em nossa análise (capítulo 5), estaremos demonstrando como são realizadas essas anotações constructicográficas, utilizando instâncias da CHS extraídas do *subcorpus*).

As construções linguísticas podem ser classificadas de acordo com o constructo que licenciam. Até agora, o *Constructicon* identificou somente alguns tipos de construção no Inglês, listadas por Fillmore et al. (2010: 12-16) como: Construções que introduzem *frame* (*Frame-bearing Constructions*); Construções que aumentam a valência de uma UL (*Valence-augmenting Constructions*); Construções de “enchimento” (*Pumping Constructions*); dentre outras.

Dentre esses primeiros tipos construcionais reconhecidos, privilegiaremos neste estudo somente aqueles em relação de proximidade e de inclusão (nesta ordem) com o padrão construcional em foco (a CHS). A partir de tais tipos, as convenções notacionais que compõem o esquema de representação de cada constructo serão devidamente explicitadas.

Começamos então pelas Construções de Grau, que são capazes de modificar o grau de um adjetivo escalar de várias maneiras, conforme ilustrado pela Prof. Margarida Salomão, na apresentação (*slides*) deste conteúdo (disciplina: Tópicos Avançados), em dezembro de 2011.

(19) *Aqui está muito quente. Aqui está quentíssimo. Aqui está quente demais.*

(Modificação em uma escala)

(20) *Aqui está quente demais para ver o jogo.*

(Modificação de excesso / Modal de Impossibilidade)

(21) *Aqui está tão quente que eu vou sair.*

(Modificação de suficiência / Modal de possibilidade)

(22) *Aqui está menos quente que lá fora.*

(Modificação comparativa)

(23) *Aqui está tão quente quanto lá fora.*

(Idem)

Tais construções envolvem uma Propriedade Escalar, expressa pelo Adjetivo e um Valor de Referência explícito ou implícito. Independente da estrutura argumental do Adjetivo, o Modificador de Grau tem sua valência própria, podendo ser zero, como no exemplo (19), ou um outro argumento, como nos demais exemplos (cf. grifos). Cabe pontuar que, embora Construções de Grau possam ter como núcleo graduável também Advérbios (e mesmo Verbos, como veremos em nossa CHS), as descrições propostas na obra em discussão se limitam à escala promovida para Adjetivos.

O constructo proposto para as Construções Modificadoras de Grau é o seguinte (FILLMORE et al., 2010: 26):

{Modificação de grau [Modificador de grau_{sign1}]_{F1} [Adjetivo_{sign2}]_{F2}}_M

Nome	<i>Modificação de Grau</i>
M	Sintagma Adjetivo que combina as valências de F1 e F2.
F1	Modificador de grau com sua própria valência (<i>tão, mais... que</i>).
F2	Adjetivo, que pode ter sua própria valência, sem modificação de grau.
Interpretação	Um Valor em uma Escala é estabelecido com relação a um Valor de Referência que é especificado pelo Modificador de Grau particular.

Quadro 6: Constructo 1: descrição informal da Construção de Modificação de Grau

Conforme se observa na figura acima, a Construção-Mãe é um Sintagma Adjetival estruturado internamente por duas Filhas (F1 e F2): o Modificador de Grau – Elemento Evocador da Construção – com sua valência (F1) e o Adjetivo/Advérbio (F2). A primeira Filha (F1) é representada por uma classe especial de palavras que possui valência própria (*mais... que, tão... como/quanto, menos... que*), ao passo que a segunda Filha (F2) é um

Adjetivo sem modificação de grau e que também pode possuir seu complemento ou valência própria. As valências de F1 e F2 são combinadas para formar a valência da Construção-Mãe. A função de F1 é modificar o grau da propriedade escalar expressa por F2, ao passo que o valor dessa modificação é estipulado com relação ao valor escalar do padrão de comparação (valência da Construção-Mãe).

Interessam-nos, dentro do recorte de nosso objeto, as modificações de grau que promovem comparação (e excesso) através de uma classe lexical particular de Modificadores de Grau, quais sejam: mais/menos... que X; tão/tanto... como/quanto X; dentre outros, como ilustram os exemplos anotados a seguir:

- (24) [Item *O show*] *foi* {Modificação Comparativa [Modificador *mais*] [Adjetivo *longo*]} [Referência *que o esperado*].

(<http://blogs.estadao.com.br/musica-sertaneja/munhoz-e-mariano-atraem-90-mil-em-gravacao-de-dvd/>)

- (25) *Parece agora estar* {Modificação Comparativa [Modificador *tão*] [Adjetivo *cansado*]} [Referente *quanto eu*].

(Maurício – LEGIÃO URBANA, 1989)

Dada a natureza deste constructo de Modificação de Grau, que implica uma ampliação de valência da palavra graduável (Adjetivo) através do complemento do Modificador de Grau, tais construções são citadas como um subtipo das Construções de Ampliação de Valência (*Valence-augmenting Constructions*), as quais englobam tipos construcionais que compartilham a propriedade de aumentar a valência de um determinado signo (FILLMORE et al., 2010: 12).

Assim, para a efetivação de instâncias de gradação de diferentes naturezas (não só as comparativas), como as exemplificadas de (20) a (23), o *Constructicon* prevê a justaposição de duas construções: a Construção de Modificação de Grau e a de Realização do Qualificador de Grau, cujo constructo proposto é assim formalizado:

$\{SX \text{ [Escopo signo1] }_{F1} \text{ [Qualificador de Grau signo2] }_{F2}\}_M$

Nome	<i>Realização da Qualificação de Grau</i>
M	SX identificado com F1
F1	SX contendo um Marcador de Grau (<i>mais, menos, tão, tanto, muito...</i>). Fornece o escopo da Modificação de Grau, introduzida pelo Marcador de Grau.
F2	Qualificador de Grau: <i>quanto X, (do) que X</i> (para as Comparativas), <i>para Infinitivo</i> (para as Construções de Excesso), dentre outros.
Interpretação	O escopo da Modificação de Grau, estabelecida pelo Qualificador de Grau, inclui a significação completa de F1.

Quadro 7: Constructo 2: descrição informal da Construção de Realização da Qualificação de Grau.

(26) *Quando você for {[tão velho] [quanto Matusalém]}.*

(<http://pt.glosbe.com/pt/en/Matusal%C3%A9m>)

(27) *Ficou {[mais valente] [que um leão]}.*

(http://www.narradoresdoreconcavo.com.br/index/narrativas_contos/id-384/a_saga_de_toto)

(28) *Ainda é {[muito cedo] [para dormir]}.*

(http://fanfiction.com.br/historia/260704/Kuro_Kurono/capitulo/17)

Ancorados em tais constructos, iremos propor a formalização de nossa construção como um padrão específico, em uma rede de herança com a Construção de Modificação de Grau, o que implica a justaposição de modificação de grau e qualificação de grau.

Uma vez apresentado o escopo teórico sociocognitivist e construcionista que sustenta o presente estudo, passamos a apresentar alguns trabalhos realizados no Português, sobre estruturas comparativas e o fenômeno da superlativação.

3. ESTRUTURAS COMPARATIVAS E O FENÔMENO DA SUPERLATIVAÇÃO – PEQUENO PANORAMA SOBRE ESTUDOS DO PORTUGUÊS

A busca por estudos que, descrevendo a Língua Portuguesa, estabelecessem, de algum modo, relações de forma e significação entre os fenômenos – comparação e superlativação – envolvidos na arquitetura de nosso objeto, a Construção Hiperbólica por Símile, não teve um retorno muito produtivo. Da Tradição Gramatical à Linguística, via de regra, temos um tratamento descritivo de tais dimensões de gradação que, recorrendo a exemplares isolados, tem em foco privilegiado a dimensão formal ou apenas a dimensão central, canônica de seus usos. Da “periferia”, de onde recortamos nosso objeto, apenas pequenos comentários, alguns *insights* e poucos avanços descritivos capazes de recobrir, de modo efetivo, a gama de usos de tais recursos. Exceção significativa é o estudo de Fernandino (2003), de viés sociocognitivo, que traz uma contribuição relevante para o estudo da superlativação via estratégia comparativa e que, de diversos modos, se cruza com nosso estudo de caso.

De modo a apresentar o estado da arte promovido pelos estudos encontrados em nossa busca, o presente capítulo divide-se em duas partes: na primeira, fornece uma visão panorâmica de como as estruturas comparativas têm sido tratadas à luz da Tradição Gramatical e da Linguística, mais especificamente, do modelo funcionalista; a segunda parte traz as únicas contribuições encontradas (FONSECA, 1985; FERNANDINO, 2003) acerca do fenômeno da estruturas comparativas em sua relação com a superlativação.

Cabe lembrar ainda que as diferentes estratégias de superlativação usadas no Português e descritas pelo macroprojeto a que este estudo se vincula (Construções Superlativas do Português) também compuseram nossas buscas, fortalecendo nossos caminhos analíticos. Não integrarão este capítulo por já serem referenciadas à Introdução e ao longo de nossas análises.

3.1. As construções comparativas na Tradição Gramatical

Nas compilações da Tradição Gramatical, postas nas gramáticas normativas do Português (CUNHA & CINTRA, 2007; BECHARA, 2001; CEGALLA, 1989; SACCONI, 1999), as construções comparativas são tratadas no módulo dedicado à sintaxe, normalmente no capítulo que discute a estruturação e construção do período, seção sobre as orações subordinadas adverbiais. Informações complementares podem ser encontradas nos capítulos dedicados ao adjetivo e à conjunção, em seções sobre a flexão em grau dos adjetivos e sobre conjunções subordinativas adverbiais.

Regra geral, as subordinadas adverbiais são conceituadas como orações que, em sua forma desenvolvida, são introduzidas por locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas e exercem a função de adjunto adverbial da oração principal. Entre os tipos de orações subordinadas adverbiais, estão as comparativas, geralmente definidas como orações que estabelecem uma comparação com o fato indicado pelo verbo da oração principal. É o que se observa no exemplo dado por Cunha & Cintra, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2007: 621): *Começaste a correr que nem uma louca*, em que o fato indicado pelo verbo da oração principal (a corrida de alguém) é comparado com o modo de correr de uma pessoa louca, na oração subordinada.

Cunha & Cintra prosseguem com a sua explanação, argumentando que o verbo da oração comparativa é frequentemente omitido, certamente em decorrência de uma economia discursiva e consequente otimização do processo comunicativo. Em seguida, listam as conjunções comparativas (*mais (menos)... (do) que, maior (menor)... (do) que, (tal) qual, (tal) como, que nem*) e afirmam serem elas responsáveis pela classificação das orações que estruturam.

A hipótese de que a classificação das orações subordinadas adverbiais é determinada pelo tipo de conjunção que a conecta traz à baila a discussão sobre a possível autossuficiência semântica das conjunções ou locuções conjuntivas, tomadas isoladamente como norteadoras da sua análise e condutoras de um sentido único e transparente. Tal enfoque, conforme observado por Carvalho-Miranda (2008) em sua dissertação sobre as Construções Concessivas de Polaridade Negativa no PB, parece comungar com a visão formalista da suficiência do significante, segundo a qual a forma porta toda a informação

necessária para a compreensão dos enunciados.

Por outro lado, Bechara argumenta, em *Moderna Gramática Portuguesa* (2001: 261), que a classificação das orações deve ser pensada em termos de critérios semânticos, isto é, uma classificação baseada no tipo de circunstância que as subordinadas adverbiais acrescentam aos predicados com os quais se relacionam. Nesta perspectiva, uma mesma conjunção ou locução conjuntiva pode introduzir diferentes tipos de orações subordinadas adverbiais – é o que se verifica nos exemplos abaixo, em que a locução conjuntiva *sem que* introduz orações que exprimem circunstâncias de condição, consequência e concessão, respectivamente:

(29) *Não comecem a prova [sem que tenham entendido bem todas as orientações].*

(30) *Mamãe não pode assistir a um casamento [sem que se emocione].*

(31) *O filme teve uma grande bilheteria, [sem que a trama fosse lá grande coisa].*

Seguindo essa linha de raciocínio, Cegalla (1989: 341) define como comparativas as orações subordinadas adverbiais que exprimem uma circunstância de comparação, representando o segundo termo do cotejo. Em seguida, o autor acrescenta que as orações subordinadas adverbiais comparativas dividem-se em três grupos:

(a) com o verbo expresso – (32) *A preguiça gasta a vida [como a ferrugem consome o ferro].*

(b) com o predicado ou o verbo subentendidos – (33) *A luz é mais veloz [do que o som].*

(c) comparativas hipotéticas – (34) *O homem parou perplexo, [como se esperasse um guia].*

No encerramento deste tópico, Cegalla pondera sobre o modo como são tratados os exemplos que se encaixam no grupo (b) e chega à conclusão de que conceber tais estruturas como orações subordinadas adverbiais comparativas é fazer uma análise superficial, embora tradicionalmente aceita. Em seus termos,

seria preferível considerar os exemplos citados neste grupo como simples adjuntos adverbiais de comparação. Pela mesma razão, é melhor análise a que vê adjunto adverbial de comparação em estruturas de cunho popular, como: Luzia **que só espelho!**; É forte **como o diabo!**; Ficou vermelho **que nem brasa**. (CEGALLA, 1989: 341)

O tratamento sugerido por Cegalla no fragmento acima coincide parcialmente com o tipo de análise que estamos propondo para a CHS. De fato, é o único *insight* relevante em torno de nosso objeto presente nas gramáticas normativas do Português (daquelas investigadas, pelo menos). Conforme discutiremos no quinto capítulo, uma de nossas decisões analíticas é considerar os fragmentos em negrito (nas instâncias acima) como partes de um sintagma complexo, instituído pela ampliação da valência básica dos núcleos predicativos *luzia*, *forte* e *vermelho*, e não como orações, contrariando assim a tradição. Por outro lado, embora sejam instâncias estruturadas comparativamente, é fundamental para a análise bem-sucedida dessas instâncias construcionais reconhecer a sua natureza hiperbólica preponderante.

Quanto às orações comparativas hipotéticas, Cegalla observa que esse tipo reúne, ao mesmo tempo, as ideias de comparação e hipótese. Por isso, há quem subentenda o verbo e analise: *O homem parou perplexo / como pararia, / se esperasse um guia*. No entanto, o autor desaconselha esta análise e propõe considerarmos o conector *como se* uma locução comparativa. Tal concepção acerca das comparativas hipotéticas é compartilhada por Sacconi (1999: 384) e Bechara (2001: 261).

A *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2001: 262) acrescenta à abordagem tradicional das orações subordinadas adverbiais comparativas uma divisão entre:

(a) comparativas assimilativas: consistem em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida. Por exemplo:

(35) *Os governos tendem à monarquia como os corpos gravitam para o centro da terra.*

(b) comparativas quantitativas: consistem em comparar, em quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos.

Segundo Bechara, há três tipos de comparação quantitativa:

- de igualdade – (36) *Nenhum homem é tão bom como o seu partido o apregoa.*
- de superioridade – (37) *Dão-se os conselhos com melhor vontade do que geralmente se aceitam.*
- de inferioridade – (38) *A sabedoria humana bem ponderada vale sempre menos do que custa.*

Enfim, as análises fornecidas pelas gramáticas normativas a respeito das construções comparativas revelaram-se inconsistentes, restritas ao horizonte das sentenças e, não raras vezes, a uma classificação rígida. Os segmentos descritivo e normativo que norteiam essas análises prescrevem a forma como portadora de sentido e descartam, como objeto de investigação, os aspectos pragmáticos e semânticos do uso da língua, o contexto interacional e discursivo e a idiomatidade inerente às línguas humanas. Falta às abordagens tradicionais, o discernimento para reconhecer que as Línguas, em constante evolução, conjugam estabilidade e flexibilidade a um só tempo, permitindo diferentes e complexos graus de propriedade ou aceitabilidade.

Passamos, a seguir, aos estudos descritivos orientados pela abordagem linguística funcionalista. Nossa leitura crítica destes estudos se orienta pela premissa básica defendida por tal paradigma, qual seja, a consideração da dimensão do uso na descrição linguística. Assim, antes de procedermos à apresentação das descrições das estruturas comparativas, cabe-nos uma brevíssima apresentação dos fundamentos que, em tese, sustentam tais estudos.

3.2 A abordagem funcionalista

Os estudos de base funcionalista, rejeitando as abordagens formalistas que levam em conta somente os aspectos internos ao sistema da língua, postulam um sistema linguístico não-autônomo (ou parcialmente autônomo), inserido em um contexto de interação social. Nos termos de Givón,

a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução.(GIVÓN, 1995)

Ao assumir que a estrutura gramatical refere-se à situação comunicativa como um todo, nela considerados: o propósito do evento de fala, seus participantes e o contexto

discursivo, o modelo funcionalista ressalta o caráter dinâmico e multifuncional dessas estruturas, que passam a ser reconhecidas, principalmente, “pelo que representam de organização dos meios linguísticos de expressão das funções a que serve a linguagem, que por natureza é funcional” (NEVES, 2002: 14).

Portanto, no modelo funcionalista, o componente pragmático integra-se aos demais componentes (sintático e semântico), influenciando a formulação da estrutura complexa dos enunciados durante o intercurso discursivo. Segundo Neves (2006), essa intervenção pragmática é muito relevante, pois ocorre tanto no processamento quanto na “moldagem cognitiva” que relaciona aspectos cognitivos, semânticos e sintáticos. Enfim, as estruturas linguísticas são vistas aqui como configurações de funções, e estas são modos de significação do enunciado na busca pela eficiência discursiva.

Frente a tais pressupostos, conforme anunciado, buscamos localizar as contribuições de estudos descritivos do uso do Português identificados por tal viés paradigmático, incluindo as recentes publicações de gramáticas de uso de nossa língua (NEVES, 1997, 2000; CASTILHO, 2010, 2012; MIRA MATEUS, 2003; BRAGA, 2001). Assim, na sequência, apresentamos o modo como estruturas comparativas, vistas como cláusulas, são revisitadas à luz de postulados funcionalistas.

3.2.1 A visão funcionalista das Construções Comparativas

Dentro do paradigma funcionalista, a frase comparativa é definida semanticamente como aquela que estabelece uma relação de semelhança, igualdade ou desigualdade entre dois conceitos, tendo em vista o grau de intensidade da propriedade ou estado de coisas por elas compartilhado, ou mesmo a quantidade designada por essa propriedade (MATEUS et al., 2003: 732).

Já do ponto de vista estrutural, as comparativas clausais funcionam como segundo termo de uma relação que se estabelece entre a cláusula comparativa (introduzida por um articulador sintático) e a cláusula nuclear ou um dos constituintes desta, para ser mais específico.

De acordo com Neves (2000: 898-900), há dois tipos principais de Construção Comparativa Clausal: correlativas e não-correlativas. As correlativas clausais apresentam dois modelos de estruturação: em um deles, articulam-se uma cláusula principal que contém a intensificação relativa de um processo (verbo), qualidade (adjetivo) ou circunstância (advérbio), ou a quantificação relativa de um substantivo, e uma cláusula comparativa que expressa o segundo termo do confronto. Seguem abaixo ilustrações de cláusulas comparativas correlativas, com intensificação e quantificação, respectivamente:

(39) [*Vós a conheceis TÃO BEM*^{Principal com Intensificação}] [*QUANTO eu*^{Comparativa/Correlativa}].

(40) [*Tenho MAIS CORAGEM*^{Princ.. com Quantificação}] [*DO QUE muito homem safado*^{Compar./Correlativa}].

Segundo Mateus (2003: 733), construções desse tipo são estruturadas na Língua Portuguesa com um item lexical indicador de quantidade ou grau, situado no primeiro termo da comparação. *Tão* e *tanto/a/os/as* são usados para o comparativo de igualdade, *mais* para o comparativo de superioridade e *menos* para o de inferioridade. A forma *tão* coocorre com adjetivos e advérbios, *tanto* coocorre com nomes e com verbos.

No segundo modelo de estruturação de correlativas clausais, articulam-se uma cláusula principal, na qual um termo é destacado por uma marca formal como primeiro membro do cotejo, e uma cláusula comparativa que traz o segundo termo do cotejo também destacado por uma marca formal. Construções desse tipo são sempre de igualdade e implicam uma adição correlativa do tipo: *não só... mas também*, que se soma a uma comparação – segue uma ilustração desse tipo de estruturação:

(41) *TANTO Dozinho QUANTO Rodopião tinham morrido por vaidade.*

As construções comparativas não-correlativas, por sua vez, não apresentam nenhum elemento da cláusula principal marcado por quantificação relativa e têm a cláusula comparativa iniciada por conjunção ou locução conjuntiva indicadora de comparação de igualdade – seguem ilustrações da própria Neves (2000: 900):

(42) *Se nos bailes a Bandeirantes cometeu erros de imagem, no desfile das escolas esteve também, [COMO a Globo*^{Comparativa/Não-correlativa}], quase perfeita.

- (43) *A neurose, o sintoma, [ASSIM COMO o lapso e o sonho^{Comparativa/Não-correlativa}], apenas se tornam inteligíveis dentro da experiência vivida do sujeito, em que encontram seu sentido.*

Na *Gramática do Português Brasileiro* (2010) e na *Pequena Gramática do Português Brasileiro* (2012), Castilho propõe uma descrição em termos similares, tratando as estruturas comparativas como um tipo de sentença complexa correlata¹⁹, assim descritas: “a comparação correlativa pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais... (do) que*), uma inferioridade (*menos... (do) que*) entre duas realidades ou conceitos” (MÓDOLO, 2004). Uma tipologia baseada em padrões de estrutura é também proposta, abarcando cinco tipos de “construções”, como nomeia o autor:

- (i) Esquemas de igualdade com um só elemento em cada membro, como nestas combinações:
tal... como, tal... qual, tanto... como, tanto... quanto, etc.
- (ii) Esquemas com dois elementos no primeiro membro e um no segundo: *quanto maior... mais, quanto mais... mais, quanto mais... menos, tanto mais... quanto, etc.*
- (iii) Esquemas com um elemento no primeiro membro e dois no segundo (o esquema menos produtivo de todos): *mais... quanto mais, melhor... quanto mais, etc.*
- (iv) Esquemas de igualdade com tipos de membros pares: *bem como... assim também, quanto mais... tanto menos, quanto mais... tanto pior, etc.*
- (v) Esquemas de superioridade e de inferioridade: *mais... (do)que, menos... (do) que, etc.*

Em suma, a caracterização das construções comparativas como estruturas correlatas e não-correlatas pouco se afasta da visão tradicional, uma vez que se sustenta na aproximação dessas construções com as orações subordinadas adverbiais, postas pela tradição gramatical. Além disso, as tipologias propostas, ainda que mais bem elaboradas e sustentadas

¹⁹ As sentenças correlatas diferenciam-se das coordenadas por não haver independência sintática entre elas, e das subordinadas por não haver dependência de uma à outra. Assim, as correlatas distinguem-se por exemplificar uma relação de interdependência, em que a estrutura das duas sentenças correlacionadas está estreitamente vinculada por expressões conectivas. No caso das correlatas comparativas, Melo (1954: 121) acrescenta que, nesse processo de interdependência, “dá-se a intensificação de um dos membros da frase, intensificação que pede um termo (de comparação)”.

por exemplos ‘reais’ de uso, remetem a modelos de estrutura, sem contribuição efetiva à dimensão de uso de tais expressões de comparação. De fato, o que nos parece é que o gosto por tipologias parece ofuscar, de algum modo, o percurso das descrições funcionalistas do Português, privando-as de um olhar mais acurado sobre o uso, compromisso, aliás, que mobiliza, em tese, estes estudos. O fato de recorrerem a exemplares de uso real, retirados de *corpora*, não aproxima tais descrições do uso efetivo da língua, uma vez que se fixam em suas estruturas e, via de regra, nos usos canônicos.

O presente estudo, por sua vez, propõe uma análise alternativa para a estrutura comparativa que viabiliza gramaticalmente a CHS, análise esta que se baseia na valência de alguns núcleos predicativos e na sua representação enquanto um sintagma complexo, e não em um tipo clausal (cf. cap. 5). A dimensão de uso semântico-discursivo desta construção é, de igual modo, posta em relevo em nossas considerações, permitindo um olhar mais acurado do fenômeno linguístico, identificando as cenas em que se realiza, os *frames* que o organizam, os gêneros discursivos em que se atualiza, entre outras coisas.

A seguir, consideraremos algumas abordagens acerca do fenômeno da superlativação via estruturas comparativas, em especial, o estudo de viés enunciativo, realizado por Fonseca (1985) e o trabalho dissertativo de Fernandino (2003), delimitado pelas teses sociocognitivistas postas pela Linguística Cognitiva.

3.3 A superlativação via estruturas comparativas

O artigo intitulado *Sintaxe, Semântica e Pragmática das Comparações Emblemáticas e Estruturas Aparentadas – uma abordagem enunciativo-pragmática dos fenômenos verbais* (FONSECA, 1985) traz um interessante estudo sobre o fenômeno da superlativação via estruturas de comparação. Daí, uma exploração mais detalhada de seus achados.

Inicialmente, assumindo uma perspectiva enunciativa sobre a estruturação de uma língua e o seu efetivo funcionamento, o autor discorre sobre a noção intuitiva e imediata que temos da ênfase, que converge com a noção de expressividade no uso da língua:

Dizer de um dado enunciado que ele é enfático significa, na verdade, em termos correntes, reconhecer que nele se tornam perceptíveis ou notórios valores expressivos ou expressivo-apelativos que o afetam quer globalmente quer em algum ou alguns dos seus elementos constituintes. (FONSECA, 1985: 214)

Esta apresentação demasiado genérica da ênfase engloba todo o domínio da linguagem figurada, que está em sintonia com a intuição do falante. Isso significa que o falante reconhece nas metáforas, metonímias e noutras figuras de linguagem traços de expressividade que, de algum modo, dão relevo a um enunciado ou a alguns de seus termos. Tal perspectiva será, de certa forma, validada pelo presente estudo, uma vez que postulamos projeções figurativas (em especial, um Símile e uma Metonímia) como as responsáveis diretas pela condição hiperbólica da CHS (cf. cap. 5, subseção 5.1).

Segundo Fonseca, embora a ênfase se deixe apreender com relativa prontidão em um nível intuitivo e imediato, não é tarefa fácil caracterizá-la de maneira suficientemente rigorosa e explícita. Diante disso, o pesquisador tentou equacionar uma *norma de banalidade* baseada no estabelecimento de um ponto de referência neutro ou não-marcado, a partir do qual se pudesse avaliar a distância relativa das produções verbais sentidas como enfáticas. Infelizmente, sua estratégia conduziu a circularidades indesejáveis, fruto da multiplicidade de variáveis que entra em jogo na avaliação da ênfase, dentre as quais, ele cita (Ibidem: 214):

- (i) a pluralidade idiomática viva numa comunidade linguística;
- (ii) a diversidade de situações de comunicação e de finalidades que nelas persegue o locutor;
- (iii) a eventualidade da ocorrência de banalização de procedimentos em algum momento sentidos como expressivos.

Além disso, “desemboca na ênfase a criatividade individual, que explora o potencial linguístico disponível e multiplica os efeitos de sentido, convocando não raras vezes áreas específicas do saber cultural partilhado pelos falantes” (Ibidem: 215).

A ênfase tem uma incidência variável no enunciado, podendo manifestar-se: na seleção do léxico e de esquemas sintagmáticos, em combinações “anômalas” de elementos lexicais, em usos particulares de determinadas categorias gramaticais, na exploração de matéria fônica (por reforço articulatório, matizações de prosódia), entre outros. Fonseca

escolheu investigar a manifestação enfática de adjetivos cuja valorização se dá por quantificação indireta da propriedade por eles designada, conforme exemplificaremos mais adiante.

A quantificação somente se aplica a adjetivos graduáveis, ou seja, adjetivos cujas propriedades por eles designadas caibam no domínio das continuidades²⁰. Esse tipo de adjetivo, quando atualizado em discurso, traz consigo a indicação de intensidade e, portanto, uma comparação implícita com outro termo em relação à escala de grandeza que se mostre relevante. Nos termos de Fonseca (1985: 219-220), essa intensidade relativa se estabelece, tomando como norma:

- (a) uma escala de grandeza subjetiva, própria do sujeito enunciador ou
- (b) uma escala de grandeza estabilizada na comunidade para cada classe de entidades ou
- (c) uma escala de grandeza, igualmente estabilizada na comunidade, referida ao papel ou função marcadamente social que especificamente cabe a cada entidade ou classe de entidades.

A quantificação indireta pode realizar-se através de um confronto ou de uma correlação do tipo causa-consequência. Normalmente, o confronto se dá entre entidades distintas às quais é atribuída uma mesma propriedade, mas também pode ocorrer entre uma dada propriedade e outra, das quais participam entidades diversas ou uma mesma entidade – observem-se os exemplos abaixo, fornecidos pelo próprio pesquisador:

- (44) *João estava tão cansado que não conseguiu adormecer.*
- (45) *João é tão simpático quanto Pedro.*
- (46) *João é tão simpático quanto Pedro é inteligente.*
- (47) *João é tão simpático quanto inteligente.*

Em (44), ocorre uma correlação do tipo causa-consequência; em (45), duas entidades distintas são comparadas acerca de uma mesma propriedade; em (46), a comparação se dá entre entidades distintas, acerca de propriedades também distintas; em (47), a

²⁰ Vale citar o estudo que mostra a extensão deste uso no PB. Trata-se do estudo sobre as construções X-íssimo (Machado, 2011) em que X é uma forma (nome, adjetivo) não graduável que se funde com o operador de escala superlativa – o morfema -íssimo, mostrando que, dado ao fenômeno do desencontro/mismatch, formas não graduáveis servem de base a construções superlativas do tipo *casadíssimo, solteiríssimo, formadíssimo...*

comparação se dá entre propriedades distintas, relacionadas a uma mesma entidade.

Baseando-se nos processos comparativos ilustrados em (44-47), Fonseca (1985: 228) caracteriza os procedimentos de ênfase sobre o adjetivo no âmbito da quantificação indireta da propriedade por ele designada. Em princípio, ele propõe que a comparação emblemática assenta-se na congregação de dois enunciados do tipo:

- (i) B é muito X
- (ii) R é X em grau extremamente elevado/máximo

Sendo que, na comparação emblemática, a marcação de uma intensidade elevada é traço imprescindível, tanto no enunciado (i) como em (ii). Daí que o confronto estabelecido na congregação desses dois enunciados permita ao locutor fazer saber ao interlocutor, à laia de conclusão necessária, a que este acede,

- (iii) (Portanto), B é X em grau extremamente elevado/máximo

Tal formulação envolve os seguintes elementos:

- (a) B representa a base ou primeiro termo da comparação;
- (b) o adjetivo X enuncia uma propriedade que cabe no domínio das continuidades;
- (c) R é o elemento referencial situado no segundo termo da comparação.

Para Fonseca, esse mecanismo interpretativo pode ser visto como correspondendo, do lado do locutor, a um processo enunciativo que se formulará do seguinte modo:

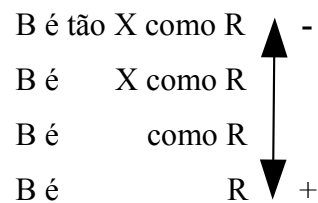
I – Eu constato: (i) B é muito X

Eu sei e pressuponho que tu saibas: (ii) R é X em grau extremamente elevado/máximo

II – Logo, eu posso enunciar: (iii) B é tão X como R é X,

para fazer saber: (iv) B é X em grau extremamente elevado/máximo

A forte interconexão semântica entre os elementos participantes do processo comparativo pode proporcionar a não explicitação da propriedade envolvida. Relacionando essas possibilidades, Fonseca (1985: 233) propõe um contínuo de integração que se baseia tanto na tensão que ocasiona a “descoberta” da propriedade, por parte do receptor, quanto na concentração semântico-sintática da construção:



Preenchendo as variáveis, B, X e R com designações triviais, teremos:

1. *Joana é tão venenosa como uma cascavel é venenosa.*
2. *Joana é venenosa como uma cascavel.*
3. *Joana é como uma cascavel.*
4. *Joana é uma cascavel.*
5. *Cascavel.*

O crescimento da integração corresponde simultaneamente ao aumento de economia discursiva e ao alargamento da ênfase. Note que os esquemas (i), (ii) e (iii) situam-se no domínio da comparação; (iv) apresenta um nível avançado de integração, em que ocorre o apagamento do conector *como* e, conseqüentemente, o estabelecimento de uma metáfora *in praesentia*; em (v) não há elementos do domínio alvo expressos no enunciado e, portanto, ocorre o estabelecimento de uma metáfora *in absentia*.

Não obstante a pertinência das observações de Fonseca a respeito do contínuo de integração que, em nível avançado, revelam o estabelecimento de metáforas, não se pretende, como ele mesmo afirma, oferecer o quadro da comparação enfática como definitivamente explicativo da metáfora, que se confundiria com uma comparação concentrada. O problema da metáfora, como se sabe, é bem mais complexo e mais amplo, como abordamos à seção 2.4, em que a confrontamos com as comparações por Símile.

Por fim, Fonseca (1985: 250) faz alusão ao conjunto de elementos referenciais (R) utilizados nas construções que ele chama de “comparativas emblemáticas”, reconhecendo neles um fundo cultural disponível nas comunidades, do qual também são parte integrante vivências e associações ligadas ao “conhecimento de mundo”. De nossa parte, também levantamos o sistema de referências usado na CHS (seção 5.5), fornecendo acesso a dimensões desse saber cultural e, conseqüentemente, uma melhor compreensão de como funcionam essas comunidades.

Insights e descrições oferecidos por este estudo acerca da semântica da escala comparativa apresentam convergências com as análises propostas para as bases semânticas da CHS. São exemplos disto, o reconhecimento da participação das projeções figurativas no estabelecimento da ênfase (o Símile, em nosso estudo de caso, é reconhecido como uma expressão de hipérbole); e o entendimento de que uma interconexão semântica mais forte entre os elementos participantes do processo comparativo pode proporcionar a não explicitação da propriedade envolvida (em nosso caso, uma ocorrência de Instanciação Nula Indefinida (cf. seções 5.4 e 5.5).

Outro intrigante estudo sobre o fenômeno da superlativação via estruturas de comparação foi realizado por Fernandino (2003), que explora o caminho aberto pela vertente sociocognitivista para a compreensão da idiomaticidade.

Fernandino faz uma análise bem elaborada do referido fenômeno em expressões do tipo *estar mais por fora do que umbigo de vedete* e propõe um tratamento unificado das construções idiomáticas e não-idiomáticas, reforçando algumas hipóteses sociocognitivistas acerca da construção de sentido nas línguas naturais, inteiramente convergentes com o presente estudo (cf. tais fundamentos no cap. 1).

A princípio, Fernandino revisa a questão da Hipótese Forte da Composicionalidade, destacando a relação implicatória, sustentada nos estudos semânticos tradicionais, entre as expressões idiomáticas e o sentido não-composicional. Em seguida, a pesquisadora remonta a Fillmore (1979) na sua contraposição a este ponto de vista, argumentando que se verifica, na linguagem, um ambiente bastante profícuo à incidência de fenômenos em que o sentido não-composicional se manifesta mais como regra do que como exceção.

Para Fernandino, essa mudança de foco torna possível a execução de um processo construcional do significado (em oposição à seleção do significado), nele incluídas as

contribuições provenientes do contexto de uso, do conhecimento de mundo e dos significados ditos figurativos, além daquelas proporcionadas pela natureza composicional do significado. É o que, do mesmo modo, nosso estudo de caso busca comprovar.

Diretrizes fixadas, Fernandino passa a desenvolver sua análise, com o intuito de desvelar a natureza construcional das expressões idiomáticas comparativas hiperbólicas, apropriando-se, para isso, dos constructos fornecidos pelo modelo construcionista de Goldberg (1995) e pela abordagem processual de Mandelblit (1997)²¹.

São postuladas três tipos de construção comparativa, as quais se dispõem em rede, estabelecendo entre si relações de herança. São elas: (i) Construção Comparativa Escalar Simples; (ii) Construção Comparativa Hiperbólica e (iii) Construção Comparativa Hiperbólica Idiomática.

A Construção Comparativa Escalar Simples configura-se como um caso de herança múltipla, derivando simultaneamente de dois núdulos dominantes: a Construção Atributiva e a Atributiva Relacional (chamadas por Fernandino de “Construções Estativas Básicas”). Seguem ilustrações dessas Estativas Básicas:

(48) *José é inteligente.* (Construção Estativa Atributiva)

(49) *José é esposo de Maria.* (Construção Estativa Atributiva Relacional)

O primeiro tipo de Estativa Básica caracteriza-se por uma construção exclusivamente atributiva, assim designada por apresentar um estado de coisas²² em que é atribuída uma propriedade não-dinâmica a uma entidade não-controladora. O segundo tipo apresentaria uma relação não-dinâmica em que a entidade não-controladora é situada relativamente a outra entidade (FERNANDINO, 2003: 43).

No domínio semântico, a Construção Comparativa Escalar Simples herdaria das Estativas Básicas a “atribuição de propriedade” e a “localização conceptual em relação a outra entidade”; no plano sintático, a formulação básica herdada [SN V^{lig} SAdj.] seria complementada pela inclusão de mais um SN à direita do SAdj., gerando [SN V^{lig}-SAdj SN'].

21 Em suma, Mandelblit investiga o processo de integração das diferentes estruturas conceptuais, associadas a diferentes estruturas simbólicas, durante a atividade cognitiva. Mais especificamente, ela analisa as operações de integração conceptual que subjazem a combinação de construções gramaticais com itens lexicais, assumindo que o processo de integração linguística é precedido por um processo de integração conceptual (MANDELBLIT, 1997: 2).

22 Estado de coisas designam situações em que nenhuma das entidades sofre qualquer alteração ou transição durante o intervalo de tempo em que tais estados de coisas têm lugar (MATEUS et al., 1989: 38).

Segue um exemplo desse padrão construcional:

(50) *José é inteligente como Maria.*

Neste ponto, Fernandino assume que a Construção Comparativa Escalar Simples mobiliza um *frame* de escala que fornece a posição de determinada entidade em relação à outra entidade, sendo esta a principal distinção entre esse padrão construcional e as Estativas que lhe servem de base (IBIDEM: 55).

A Construção Comparativa Hiperbólica, por sua vez, é sintaticamente idêntica à Construção Comparativa Escalar Simples que a domina mais diretamente e semanticamente muito próxima desta, uma vez que os dois casos trazem o posicionamento conceptual de uma entidade em relação a outra, com base em uma determinada escala. A diferença entre elas parece ter razões pragmáticas e baseia-se no fato de que somente na Construção Comparativa Hiperbólica ocorre a superlativação da propriedade escalar em jogo – segue um exemplo desse padrão construcional:

(51) *José é alto como um poste.*

Note que a segunda entidade selecionada para o confronto (*poste*) funciona como um ícone de determinada estrutura conceptual, fazendo com que a comparação produza um efeito pragmático específico de superlativar a propriedade escalar em jogo (*alto*).

O terceiro tipo de comparativa postulado por Fernandino é a Construção Comparativa Hiperbólica Idiomática, seu objeto de estudo. A pesquisadora argumenta que, a exemplo do padrão construcional anteriormente analisado, esse tipo de construção também informa o posicionamento conceptual de uma entidade em relação a outra e também se utiliza de ícones como segundo elemento confrontante, para promover a superlativação da propriedade escalar em jogo. No entanto, salienta que as Construções Comparativas Hiperbólicas Idiomáticas produzem um efeito pragmático jocoso/espirituoso, de cunho pejorativo, possivelmente vinculado à conversão de construções não-idiomáticas em idiomáticas. São exemplos desse padrão construcional dados cunhados por Fernandino:

(52) *João é mais gordo que o último rei momo.*

(53) *A política brasileira é mais suja que pau de galinheiro.*

A postulação de redes de herança para explicar como uma construção é motivada por outra é mais um ponto de convergência entre o estudo de caso apresentado por Fernandino (2003) e aquele que ora propomos. No entanto, conforme se poderá notar ao longo deste texto, nossa abordagem tem escopo mais específico na Gramática das Construções (e suas ferramentas analíticas) e na Semântica de *Frames*, que nos permitiu uma definição semântica mais refinada da CHS, pela identificação do *frame* que este padrão construcional evoca.

Enfim, embora pulsem no registro popular com ampla frequência e tipos variados, as construções que envolvem analogias como estratégias de superlativação receberam poucos estudos e ainda carecem de maiores explicações, principalmente, abordagens de viés sociocognitivo ou mesmo semântico/pragmático. Falta, por exemplo, reconhecer-lhes a natureza essencialmente superlativa que as define como Construções de Grau ou desvelar os *frames* e projeções figurativas que operam conceptualmente esses tipos construcionais. Tampouco há discussões aprofundadas sobre a necessidade de distingui-las gramaticalmente enquanto estruturas clausais ou sintagmas complexos que envolvem ampliação de valência, ou ainda, identificar os contextos discursivos em que esses padrões construcionais aparecem com maior ou menor frequência; tudo isso, é claro, fundamentado com evidências de *corpora*. O presente estudo, que tem como objeto um desses padrões construcionais (a CHS), tem a intenção de preencher essas lacunas.

No próximo capítulo, apresentamos metodologia utilizada para a realização desta pesquisa.

4. METODOLOGIA

Refletir sobre as potencialidades e limitações das metodologias adotadas em estudos que visam explicitar a dimensão sociocognitiva da linguagem é um desafio que tem sido sistematicamente aceito pelos pesquisadores na Linguística Cognitiva. As discussões baseiam-se, principalmente, na distinção entre uma pesquisa qualitativa ou quantitativa dos dados, ou mesmo, na possibilidade de fundir esses dois métodos, suas razões, benefícios e implicações.

Do ponto de vista epistemológico, tais abordagens tem sido tradicionalmente postas em termos de profundas dicotomias. Nesta polarização, enquanto o método quantitativo promove observações e generalizações úteis sobre o objeto através da verificação empírica de uma hipótese por dados estatísticos, a análise qualitativa abre espaço à interpretação, por diferentes caminhos de observação do fenômeno em foco, sem dar espaço à dimensão quantidade dos dados.

Postos como diferentes modos de conceber a realidade e o conhecimento, os dois métodos permanecem inconciliáveis sob a perspectiva de alguns. No entanto, cresce uma visão não dicotômica desses dois métodos de pesquisa – o que vem sendo chamado de “metodologia mista” – em que ocorre uma mistura de procedimentos, capaz de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos e confiabilidade dos resultados (cf. TASHAKKORI & CREWELL, 2007: 303-308). É a partir desta abordagem mista que delineamos nossos procedimentos metodológicos, buscando estabelecer coerência entre as questões que nos mobilizam em relação ao objeto recortado e o modelo teórico sociocognitivista e construcionista (cf. cap. 2) que sustenta esta agenda teórico-analítica.

Neste enquadre teórico, conforme amplamente discutido (cf. seção 2.2), concebe-se a linguagem como meio de conhecimento em conexão institutiva com a experiência humana (física, social e cultural) e advoga-se, como *locus* analítico, o jogo discursivo real, em que o fenômeno linguístico seja observado nas molduras presentes. Nesta perspectiva, toda a rede de construções que institui a gramática e o léxico de uma língua específica resulta de escolhas simbólicas dos falantes, reiteradas e convencionalizadas no uso (cf. seção 2.5).

Assim, no campo da Linguística Cognitiva e, em especial, de um dos modelos que a integra – os Modelos de GrC Baseados no Uso (cf. subseção 2.5.7), o interesse pela

diversidade das gramáticas teve como consequência uma grande virada metodológica dentro do paradigma. Bases de dados constituídas como *corpora* naturais passaram a ocupar o interesse dos analistas, colocando em foco os métodos quantitativos. Vista por tal ângulo epistemológico, a quantificação massiva de dados deixa de ter, portanto, um caráter positivista, de naturalização dos fenômenos sociais, e passa a indiciar, conforme já explicitado, parâmetros de produtividade (frequência de *types*), de convencionalização (frequência de *tokens*) e de evolução diacrônica dos fenômenos linguísticos em uso.

Argumentos construcionistas de natureza ontogenética ajudam a fortalecer tal escolha, uma vez que a aquisição da linguagem e a sua aprendizagem pela criança (e também pelo adulto) passa a se definir em termos de usos de construções e sua reiteração nos *frames* de atenção conjunta partilhados pelos falantes (cf. subseção 2.5.7).

Neste quadro conceitual definido por uma abordagem empirista – e, neste aspecto, coincidente com a perspectiva assumida pela nomeada Linguística de *Corpus* (Sardinha 2000: 350) –, a linguagem passa a ser vista enquanto sistema probabilístico, o que significa afirmar que, embora muitos traços linguísticos sejam teoricamente possíveis, as possibilidades de estrutura não se realizam todas com a mesma frequência. Dito de outro modo, o possível nem sempre acontece; nem sempre é provável.

Nestes termos é que se passa a optar pela não-trivialidade da investigação da frequência de tipos (*types*) e de ocorrência (*tokens*) de traços linguísticos de várias ordens (lexicais, sintáticos, semânticos, discursivos, etc.), uma vez que é pelo conhecimento da frequência atestada que se pode estimar a probabilidade teórica das construções e seu grau de convencionalização (SARDINHA, 2000: 352). Tais parâmetros de frequência são fundamentais à postulação de um padrão construcional em uma língua específica. É o que verificaremos em relação à CHS, uma construção singular do Português.

Cabe ainda realçar que a postulação de uma Linguística Cognitiva baseada em *corpus* não se coloca como uma escolha “pura”. As contribuições dadas pela introspecção e pela intuição do linguista na seleção, análise e interpretação dos fenômenos linguísticos mantêm, naturalmente, o seu valor neste processo investigativo. Também não é uma escolha única e definitiva do paradigma. Respeitada a possibilidade de se adequar o método científico ao objeto que o pesquisador escolhe privilegiar, aos objetivos previamente estabelecidos, a metodologia eleita pelo linguista ainda é uma escolha. Em sua *Introduction to methods and generalizations*, Fauconnier (2003) aponta na mesma direção quando discorre sobre os

benefícios e necessidade de uma diversidade metodológica no campo da Linguística Cognitiva, alegando que

the methods must extend to contextual aspects of language use and to non-linguistic cognition. This means studying full discourse, language in context, inferences actually drawn by participants in an exchange, applicable frames, implicit assumptions and construal, to name just a few (FAUCONNIER, 2003: 2)²³.

No caso do presente estudo, oferece vantagens a opção por uma metodologia mista, que traz consigo a possibilidade de observação da linguagem (e de toda a sua potencialidade de uso) em interações reais, o que garante plausibilidade à pesquisa de uma construção em uso.

O viés metodológico quantitativo encontra reforço no desenvolvimento tecnológico que se tem experimentado no campo da informática nas últimas décadas, promotor da sofisticação dos métodos investigativos aplicados aos estudos linguísticos baseados em *corpus*. A utilização de *corpora* e de ferramentas eletrônicas para a abordagem empírica da linguagem passa a ser um recurso analítico de relevo. É sobre tais questões que passamos a nos debruçar, explicitando, em primeiro lugar, algumas características basilares à constituição de *corpora* (seção 4.1). Em seguida, trataremos especificamente da natureza e constituição dos *corpora* que elegemos para fundamentar nossa investigação (seções 4.2 e 4.3) e, depois, discutiremos o processo investigativo propriamente dito (seção 4.3).

4.1 Características basilares à constituição de *corpora*

O estudo empírico baseado em *corpus* exige a compreensão de algumas características fundamentais e definidoras de como um *corpus* deve constituir-se.

23 Os métodos devem compreender tanto os aspectos contextuais do uso da linguagem quanto a cognição não-linguística. Isso implica o estudo do discurso em sua totalidade, da linguagem em seu contexto, das inferências realizadas de fato pelos participantes em uma interação, dos *frames* aplicáveis, dos pressupostos implícitos e do *construal*, dentre outras coisas (FAUCONNIER, 2003: 2, tradução nossa).

Transcrevemos abaixo a definição de *corpus* elaborada por Sanchez (1995: 8, 9) em seu *Curso de Español* e, em seguida, explicitamos alguns pré-requisitos concernentes à formação de um *corpus* computadorizado:

Corpus é um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SANCHEZ, 1995: 8, 9).

A definição de Sanchez relaciona características que são basilares à constituição de *corpora*, tais como: origem, propósito, composição, formatação, representatividade e extensão. Essas mesmas características encontram-se reunidas em quatro pré-requisitos que, segundo Sardinha (2000: 338-339), devem ser observados para a formação de um *corpus* computadorizado:

- (1) O *corpus* deve ser composto de textos autênticos, em linguagem natural. A autenticidade aqui é entendida em relação à origem e ao propósito do texto, ou seja, para que sejam autênticos, os textos devem ser construídos por falantes nativos²⁴ e não podem ser produzidos para fins de pesquisa linguística.
- (2) O conceito de linguagem natural contrapõe-se à possibilidade de textos criados artificialmente.
- (3) O conteúdo do *corpus* deve ser escolhido criteriosamente. Os princípios da escolha dos textos devem seguir, acima de tudo, as condições de naturalidade e autenticidade. Mas devem também obedecer a um conjunto de regras estabelecidas por seus criadores, de modo que o *corpus* coletado corresponda às características desejadas.

²⁴ Quando os textos não são construídos por falantes nativos, devemos qualificar o *corpus* como *learner corpus* (SARDINHA, 2000: 339).

- (4) O *corpus* possui uma função representativa, mas sua representatividade não pode ser enfocada no vácuo, ou seja, é importante compreendermos ‘do quê’ e ‘para quem’ o *corpus* é representativo.

A representatividade dos *corpora* está relacionada à questão da probabilidade (SARDINHA, 2000: 343). Como sistema probabilístico, a linguagem nos permite verificar a probabilidade de ocorrência de traços lexicais, estruturais, pragmáticos e discursivos. Assim, podemos estabelecer uma relação entre os traços que são mais comuns e os menos comuns em determinado contexto, proporcionando uma visão mais acurada do *corpus* em estudo e, principalmente, da sua representatividade.

Outra questão importante com a qual a representatividade está inter-relacionada é a extensão do *corpus*. Uma vez que não há uma definição clara dos critérios mínimos de extensão para a constituição de um *corpus* representativo, admite-se que quanto maior o *corpus*, mais se verifica sua representatividade.

No quadro abaixo, Sardinha (2000: 346) traz uma classificação do tamanho dos *corpora*, de acordo com o número de palavras:

Número de Palavras	Classificação
menos de 80 mil	pequeno
de 80 a 250 mil	pequeno-médio
de 250 mil a 1 milhão	médio
de 1 milhão a 10 milhões	médio-grande
de 10 milhões ou mais	grande

Quadro 8: Classificação do tamanho dos *corpora*

A extensão do *corpus* comporta três dimensões: número de palavras, número de textos e número de domínios discursivos e gêneros textuais (nas modalidades oral e escrita). Tais dimensões relacionam as seguintes informações, respectivamente: (i) quanto maior o número de palavras, maior a chance de o *corpus* conter palavras de baixa frequência; (ii) um número de textos maior garante que determinado domínio discursivo, gênero textual ou modalidade seja representado(a) mais adequadamente; (iii) a maior variedade de domínios discursivos e gêneros textuais nas duas modalidades permite maior abrangência do espectro genérico da língua.

A representatividade de um *corpus* também deve ser assegurada pela sua adequação, ou seja, é necessário que o *corpus* seja adequado à investigação do fenómeno linguístico que se pretende estudar. Assim, dependendo do objeto a ser pesquisado, é muito comum a “criação” de um *subcorpus* especializado, extraído de um *corpus* geral, em que o pesquisador se vale dos recursos já disponibilizados, como, por exemplo, a anotação e etiquetagem gramatical dos textos.

Conforme anunciado, apresentamos, a seguir, os dois *corpora* usados para evidenciar nossas hipóteses: o *Corpus* do Português (CdP) e o *Corpus* Legenda de Filmes (CLF) (acessível através do *Sketch Engine*).

4.2 O *Corpus* do Português

O *Corpus* do Português foi criado por Mark Davies (professor da *Brigham Young University* – BYU) e Michael Ferreira (professor da *Georgetown University* – Georgetown U) com o patrocínio da *US National Endowment for the Humanities* – NEH (2004-06) e está disponível em <http://corpusdoportugues.org>.

O material que constitui o *Corpus* do Português foi extraído de fontes variadas²⁵ e organizado de forma que pudesse atender aos critérios básicos de formação e utilização de *corpora*. O quadro abaixo informa o modo como foram distribuídas as 45 milhões de palavras que constituem o CdP, disponibilizadas de acordo com o Século, Dialeto e Registro.

25 *Corpus* Informatizado do Português Medieval: textos dos séculos XIV e XV; Tycho-Brahe *Corpus*: textos dos séculos XVI ao XVIII; LacioWeb: textos brasileiros do século XX; Floresta Sintáctica: jornais etiquetados do século XX (criado por Eckhard Bick e Diana Santos); Elisabete Ranchhod: o léxico básico para o português europeu; Jason Robinson: entradas de sinónimos (do MS Proofing Tools para português). Textos do século XIV ao XIX: *Corpus* Lexicográfico do Português da Universidade de Aveiro (Telmo Verdelho / João Paulo Martins Silvestre); *Corpus* electrónico de textos históricos do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga (Michael J. Ferreira e Brian F. Head); *Corpus* Electrónico do CELGA - Português do Período Clássico (CEC-PPC) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Evelina Verdelho); *Corpus* electrónico de forais de Vila Real e Bragança do Departamento de Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Olinda Santana).

Nº de palavras	Século	Dialeto	Registro
1.838.615	XIV	Português Europeu	
2.844.623	XV	Português Europeu	
4.333.175	XVI	Português Europeu/Brasileiro	
3.272.161	XVII	Português Europeu/Brasileiro	
2.189.415	XVIII	Português Europeu/Brasileiro	
9.736.533	XIX	Português Europeu/Brasileiro	
3.087.052	XX	Português Europeu	Acadêmico
3.271.328	XX	Português Europeu	Notícias
3.048.020	XX	Português Europeu	Ficção
1.100.303	XX	Português Europeu	Oral
2.816.802	XX	Português Brasileiro	Acadêmico
3.346.988	XX	Português Brasileiro	Notícias
3.028.646	XX	Português Brasileiro	Ficção
1.078.586	XX	Português Brasileiro	Oral

Quadro 9: Número de palavras do CdP, distribuídas por século, dialeto e registro.

As palavras que compõem o CdP estão assim distribuídas: 20 milhões no século XX, 10 milhões no século XIX, e 15 milhões dos séculos XIV ao XVIII. No século XX, há 6 milhões de palavras em textos de Ficção, 6 milhões em Noticiários, 6 milhões em textos Acadêmicos e 2 milhões em textos que pertencem à Modalidade Oral. As 20 milhões de palavras do século XX estão distribuídas, quase na mesma proporção, entre os Dialeto Português Brasileiro e Português Europeu.

Como se pode notar, somente o século XX disponibiliza informações sobre o domínio discursivo, gênero textual e modalidade de uso em que se inserem as palavras, frases ou construções, sendo este parâmetro denominado pelos organizadores do CdP de “registro”.

A propósito dessa denominação, fazemos aqui uma crítica ao CdP que, não obstante o cuidado dispensado à sua representatividade, não define com clareza o conceito de registro de que faz uso, chegando, inclusive, a misturar em um mesmo nível de representação categorias de naturezas distintas, como é o caso da modalidade de uso Oral, dos domínios discursivos Ficção e Acadêmico e do Gênero Noticiário. Neste sentido, uma reorganização das categorias utilizadas pelo CdP seria importante para a maior clareza no reconhecimento da procedência dos dados. A título de exemplo, a separação dos domínios discursivos presentes

no CdP entre modalidade Oral (domínios: Interpessoal e Jornalístico) e Escrita (domínios: Ficção, Jornalístico e Acadêmico) já facilitaria a leitura dos dados. Outro passo seria a organização dos gêneros em tela pelos domínios discursivos, nos seguintes termos: (i) Interpessoal (Gênero: Conversa espontânea) (ii) Jornalístico (Gêneros: Entrevista e Noticiário); (iii) Ficção (Romance, Crônica, Conto e Novela) e (iv) Acadêmico (Enciclopédia e Texto Científico).

Conforme já informamos, o CdP está disponível em <http://corpusdoportugues.org>. A interface do *site* proporciona ao usuário a pesquisa de palavras exatas, lemas (formas de uma palavra), frases e construções gramaticais (combinadas ou não com curingas²⁶), bem como a pesquisa de palavras vizinhas (*collocates*), com um máximo de dez palavras de cada lado – observe abaixo o *printscreen* da tela de busca:

CORPUS DO PORTUGUÊS

Michael Ferreira (Georgetown U) / Mark Davies (BYU)

listas | perfil | histórico

MOSTRAR

LISTA ☒ DIAGRAMA ☐ PCEC ☐ COMPARAR ☐

PESQUISAR

PALAVRA(S)

COLOCADOS

CAT GRAM

ALFABETICO

SECCÕES

1 2

1 2

ORDENAR E LIMITAR

ORDENAR

MÍNIMO MÁXIMO

VER OPÇÕES

PALAVRAS-CHAVE EM CONTEXTO (KWIC)

CLIQUE NO TÍTULO PARA MAIS CONTEXTO

SECCÕES: NO LIMITS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
190r:Br:Intrv:ISP	meio lá, numa época em que o grupo funcionava muito bem - o que nem sempre ocorre. Estado - De bailarina profissional, com carreira consolidada													
190r:Br:Intrv:ISP	desmistificá-los. Che Guevara morreu há 30 anos e hoje muitas crianças ou jovens que nem eram nascidos na época usam sua imagem nas roupas													
190r:Br:Intrv:ISP	Gerusa Camêes, que dirigia o Teatro Universitário, me convidou. Eu disse que nem estava na universidade, mas fui, mesmo assim, fazer A Dama													
190r:Br:Intrv:ISP	Fiz O Bofê, Vêu de Noiva, mas era tanta queimação de fumo que nem conseguia decorar o texto. Depois que fui embora para a TV Rio, as													
190r:Br:Intrv:ISP	mas ela fala (risos). Ela é totalmente free, com uma liberdade que nem cabe mais nos dias de hoje. Eu já fui muito livre nos meus 20													
190r:Br:Intrv:ISP	direito de preferência. Acho que isso aí foi um erro. Banheiro é que nem confessionário, tem que ouvir os pecados dos fiéis. E isso eles não fizeram													
190r:Br:Intrv:ISP	governadores em barrar a reforma tributária? Abrucio - Primeiro, a possibilidade, que nem será tocada, de ser mudada a composição dos tributos,													
190r:Br:Intrv:ISP	reforma agrária. Mas o que ele está fazendo é correr atrás de conflitos que nem precisavam acontecer. Estado - O que seria necessário para não i													
190r:Br:Intrv:ISP	não se inventa; ele se repete e nos distancia do público. Acho que nem politicamente ele se explica mais. Ele não é feito porque quer ser feito;													
190r:Br:Intrv:ISP	joint ventures. Coutinho - Eu não quero comentar a decisão do Cade, que nem conheço a fundo. Mas impedir a formação de grandes conglomerad													
190r:Br:Intrv:ISP	isso me deixava muito triste. Mas quando as portas se abriram, percebi que nem tantas coisas estavam ocorrendo. Apesar do isolamento, consegu													
190r:Br:Intrv:ISP	jogado contra os manifestantes e três pessoas morreram, Rose e mais dois, que nem eram sem-terra e sim pequenos proprietários. O motorista fi													
190r:Br:L:Redf	filho - que eu só pergunto - prova que você é deficiente mental - que nem a sua mente - sim - como sendo o os como você disse que era													
190r:Br:L:Redf	oito até até: - seis horas da noite eu tô fora de casa que nem almoçar eu vou em casa - pois é aí a gente aproveita - né?													
190r:Br:L:Redf	coisa assim...mas não eram lá muito muito muito boas - e: acho que nem sanduiches serviam no bar - e: à noite cinco horas jantar - de cinco													

PÁGINA: 1 / 30

AMOSTRA: 100 200 500 1000

Figura 3: *Printscreen* da tela de busca por lista no *Corpus do Português*

A busca pode ser feita para uma identificação simples do número de ocorrências. Basta selecionar a opção LISTA, em MOSTRAR (no topo da tela, à esquerda). A expressão

26 Os curingas permitem o refinamento das pesquisas. Por exemplo, a construção “mais [j*] que” possibilita a verificação da frequência e distribuição de adjetivos em construções comparativas de superioridade.

que nem, por exemplo, tem um total de 2.955 ocorrências. Note que, em PESQUISAR (abaixo de MOSTRAR, à esquerda da tela), não foram selecionados CONTEXTO nem CATEGORIA GRAMATICAL. Em SEÇÕES (mais abaixo, ainda do lado esquerdo da tela), a seleção de IGNORAR e a não marcação da FREQUÊNCIA MÍNIMA permitem que a pesquisa abarque todos os séculos listados e forneça todas as ocorrências da expressão, independente da sua frequência de ocorrência.

No espaço da tela à direita (abaixo da expressão pesquisada e do total de ocorrências que apresentou), encontramos as instâncias em que essa expressão funciona como PALAVRA-CHAVE EM CONTEXTO (KWIC). Cada página contém 100 instâncias (para a expressão *que nem*, há 30 páginas: 29 com 100 instâncias e a última com 55), que são indexadas segundo suas fontes. O primeiro exemplo da página em destaque: 19Or:Br:Intrv:ISP, pertence, como se vê, ao século XX (anos 19--), seu Registro indica a modalidade de uso Oral (Gênero Entrevista) e o Dialeto é o Português Brasileiro.

Há a possibilidade de se expandir o contexto em que se encontra a expressão. Para isto, basta clicar sobre a indexação da instância:

FONTE:

Data	(29 julho 1997)
Título	Regina Advento

Expanded context:

? Regina - Em absoluto. Pina estava sentada do lado oposto. De repente, ela botou a sua cadeira do meu lado. Escolheu três ou quatro rapazes e, depois, conversou comigo e me mostrou o ponto de interrogação que tinha escrito junto ao meu nome. Só mais tarde recebi o convite telefônico para ir estudar na Escola Folkwang, em Essen, e para integrar o grupo de dança da escola, ambos dirigidos por ela. Foi bárbaro. Fiquei dois anos e meio lá, numa época em que o grupo funcionava muito bem - o que nem sempre ocorre. Estado - De bailarina profissional, com carreira consolidada, você voltou a ser estudante. Regina - O grupo funciona como uma espécie de reserva para a companhia oficial. Há uma tensão todo o tempo, porque todos querem ser escolhidos, claro. E, às vezes, o tempo passa e você vai ficando. Mas na época em que fui, todos eram novos e já no nosso primeiro ano tivemos sete coreógrafos diferentes. Foi como folhear um livro de fotografias de artistas completamente diferentes.

Figura 4: *Printscreen* com informações sobre a fonte e o contexto expandido, no *Corpus* do Português.

No caso de uma pesquisa diacrônica, que permita constatar a incidência de determinada expressão, seleciona-se a opção DIAGRAMA em MOSTRAR e a opção IGNORAR em SEÇÕES (todas do lado esquerdo da tela) – observe o *printscreen* dessa tela:

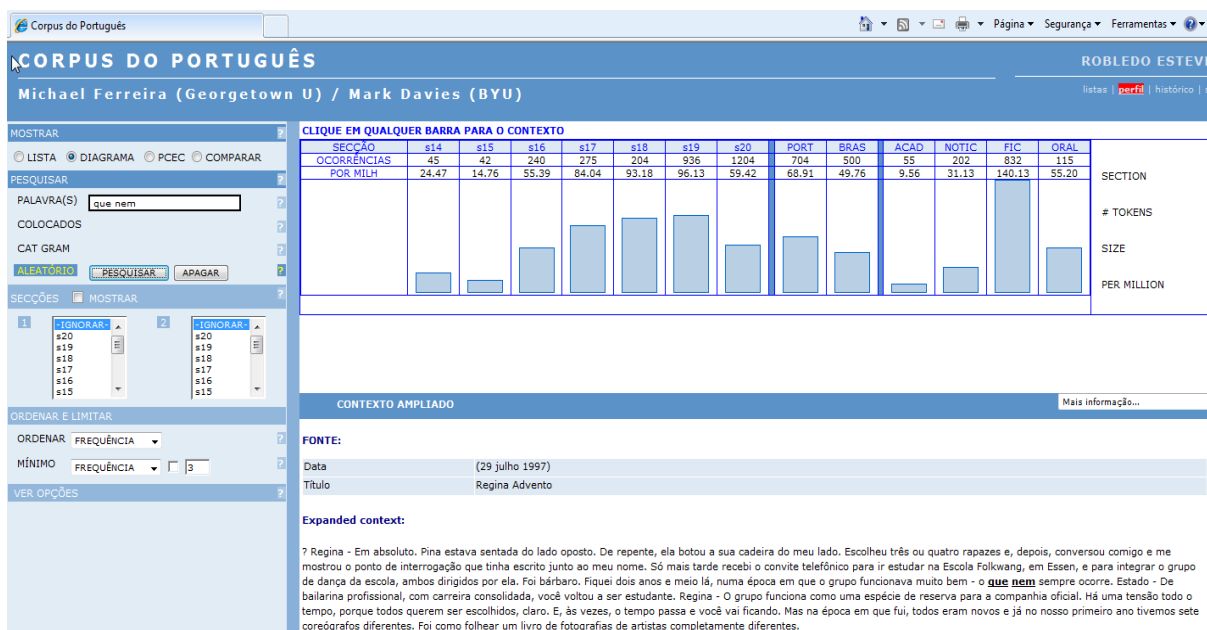


Figura 5: Printscreen da tela de busca por Diagrama, no *Corpus do Português*

Na presente pesquisa, estamos tratando da identificação da frequência de ocorrência da expressão *que nem*, aferida em relação ao total de palavras disponíveis para cada século:

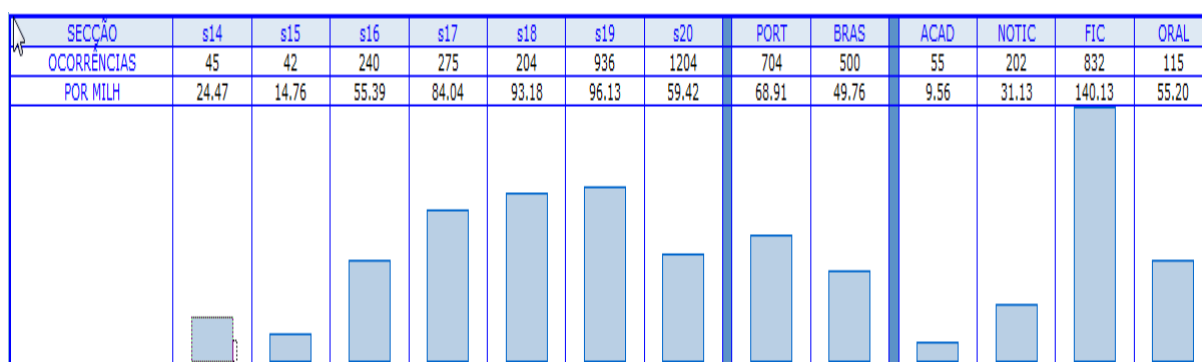


Figura 6: Frequência de ocorrência da expressão *que nem* ao longo dos séculos (no CdP).

O item SEÇÃO refere-se ao período histórico, ou seja, aos séculos em que são encontrados registros da expressão pesquisada. No século XX, como já mencionamos, o CdP apresenta a frequência de ocorrência distribuída por Dialetos (Português Brasileiro e Português Europeu) e por tipos de Registros, que equivalem aos Domínios Discursivos Acadêmico e Ficção, Gênero Noticiário (Modalidade Escrita) e ao Gênero Entrevista (Modalidade Oral).

O item OCORRÊNCIAS refere-se ao número absoluto de instâncias da expressão pesquisada. No século XIV, portanto, a expressão *que nem* tem 45 ocorrências, disponibilizadas visualmente quando se clica sobre a coluna referente ao período histórico. Neste caso, aparecerão no lado direito, parte inferior da tela, o Registro e a indexação das instâncias como PALAVRAS-CHAVE EM CONTEXTO:

1	13:Afonso:Partida1	. A ija rrazõ he por que tâ seruos erã os homês do diaboo que nem hũã ora que ffezessem bê nõ lhys ualia per que o inferno nõ fossẽ.
2	13:Afonso:Partida1	pode despienssar con elles saluo enos artigos da fe segundo he sobredito Outrossy por que nem hũũ estabelecemẽto que os homês façã nõ podẽ apremar saluo se caesse en ernessia conhuçuda
3	13:Afonso:Partida3	os ditos delas & os faça escreuer & seelar do seu Seelo de maneira que nem hũã das partes. nõ possa saber o que as outras disserẽ E depoyos que
4	13:Afonso:Partida3	dereitos hu os ouuer de dar & nõ sacando cousas uedadas do Reyno & que nem hũũ nõ seia ousado de lhi fazer torto. nõ força nõ enbargalo nõ penhoralo
5	13:CIPM:CGEsp	agora he Tolledo, vyo que aquelle logar era ã meo da Espanha mais que nem hũũ outro; e avya hy muy grãde montanha. E entendeu per seu saber
6	13:CIPM:CGEsp	por esto se tinha quando a guerrevã. E o seu açafra he melhor que nem hũũ outro de todollos d'Espanha, assy ã tintura como ã coor. Tolledo foy
7	13:CIPM:CGEsp	fontes ha nome Laxer; e esta Laxer deyta mais augua e mais doce que nem hũã das outras. E da segunda fõte nace muyto ahume e toda a augua
8	13:CIPM:CGEsp	os outros erã muytos e cercarõnos en derredor e tomarõnos aas mããos, assy que nem hũũ nõ ficou aa vyda. E morreron hy ambos os Cepiõões. E,
9	13:CIPM:CGEsp	logo seu camynho pera Spanha. E passou pello senhoryo de França tam esforçadamente que nem hũũ nõ se streveo a estorvalo. E, quãdo chegou aos montes Perineos,
10	13:CIPM:CGEsp	deles recebera e de como erã companhas bolçosas e levantadiças e matouhos todos, que nem hũũ nõ leixou a vyda de quantos tinha em poder. E esta deslealdade foy

Figura 7: Exemplos de uso da expressão *que nem* no século XIV (no CdP).

O item POR MILHÕES refere-se à frequência de ocorrência da expressão, considerado o universo total de palavras disponíveis no *corpus* para o século em questão. No século XIV, por exemplo, a frequência é de 24.47 por milhões de palavras armazenadas.

Complementarmente, um *thesaurus* com entrada para mais de 60 mil palavras foi integrado ao CdP, permitindo a investigação (por Registro, Dialeto ou Período Histórico) da frequência e distribuição de todos os sinônimos de determinada palavra, ou de todas as palavras que ocorrem nas adjacências dessa palavra. As listas de palavras com um parentesco semântico podem ser acrescentadas e armazenadas para consultas futuras.

Em suma, o CdP reúne um conjunto de dados linguísticos reais, autênticos, legíveis por computador e representativos da Língua Portuguesa. Sua representatividade e adequação ao nosso estudo são garantidas pela extensão (45 milhões de palavras – 57 mil textos), autenticidade (falantes nativos) e pluralidade de autoria. Além disso, os 57 mil textos disponibilizados são distribuídos conforme o Século e Dialeto (do séc. XIV ao XX) e conforme o Século, Dialeto e Registro (no séc. XX), fornecendo um conjunto variado e abrangente de informações.

4.3 O Corpus Legenda de Filmes

O *corpus* Legenda de Filmes²⁷ foi usado nesta pesquisa para fornecer evidências da CHS no século XXI, ausente nos dados do CdP. Criado pelo Projeto FrameNet Brasil (<http://www.framenetbr.ujfj.br/>), o CLF é constituído de legendas de filmes traduzidos para o PB. Tais legendas foram cedidas pelo portal OpenSubtitles.org, totalizando 86.107.010 *tokens*.

O acesso ao CLF é viabilizado pelo *Sketch Engine*, um sistema informatizado de organização e consulta de *corpus*, que permite a alocação de fragmentos textuais, páginas ou resumos, a partir dos quais, o usuário pode observar o comportamento de determinados itens lexicais e, por conseguinte, das construções gramaticais em que esses itens estão inseridos (cf. KILGARRIFF et al., 2004).

Para ilustrar como o *Sketch Engine* opera, apresentamos, a seguir, o *printscreen* de um resultado de busca acionado pela expressão *que nem*:

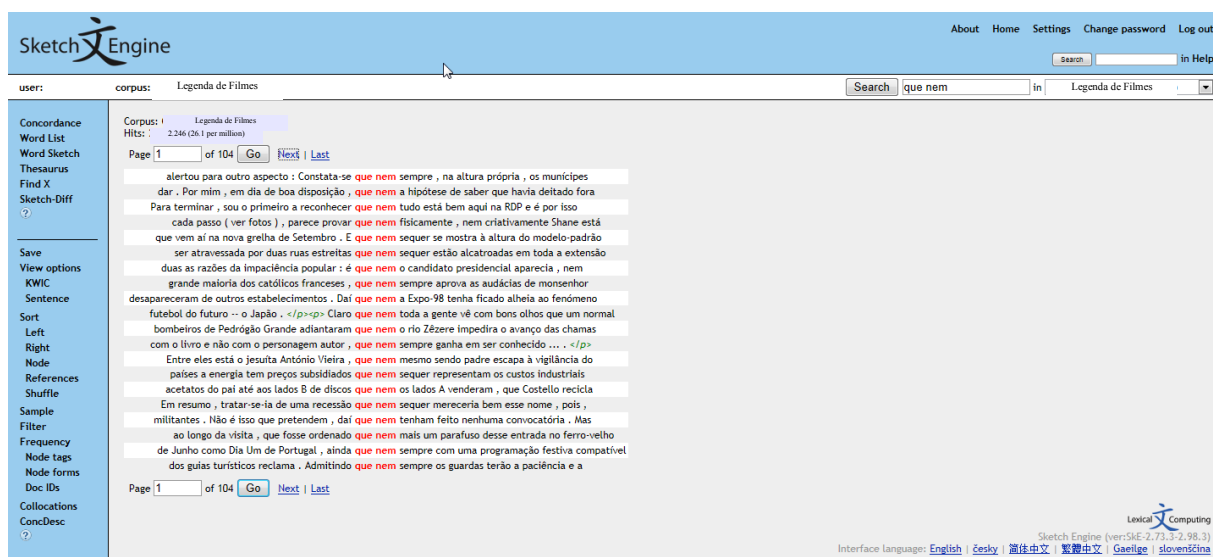


Figura 8: *Printscreen* de um resultado de busca executado no *Sketch Engine*, a partir da expressão *que nem*.

Passamos, a seguir, ao processo investigativo propriamente dito.

27 Disponível em <http://www.sketchengine.co.uk> (acesso em 16/junho/2011).

4.4 O processo investigativo

Conforme mencionado, as evidências de uso que fundamentam nossas hipóteses analíticas foram extraídas de dois *corpora*: o CdP (do séc. XIV ao XX) e o CLF (séc. XXI), devidamente apresentados nas seções anteriores.

Inicialmente, utilizamos o instrumental fornecido pelos *corpora* acima referidos para acessar as instâncias de CHS evocadas pela expressão *que nem* – conforme veremos no capítulo de análise, uma construção essencialmente hiperbólica estruturada por analogia (seção 5.1). Assim que efetuamos a busca, foram disponibilizados 5.201 fragmentos contendo a expressão *que nem* (2.955 no CdP e 2.246 no CLF). Verificamos, no entanto, que essa expressão se realiza em vários contextos sintáticos além daqueles que envolvem a construção em foco, e que os *corpora* investigados não dispunham de recursos para distinguir entre os possíveis contextos e destacar somente aqueles em que a expressão *que nem* funciona como articulador sintático comparativo. Os fragmentos abaixo ilustram alguns desses contextos sintáticos encontrados com a expressão *que nem*:

- (54) *Che Guevara morreu há 30 anos e, hoje, muitas crianças ou jovens que nem eram nascidos na época usam sua imagem nas roupas.*

(19Or:Br:Intrv:ISP/Corpus do Português)

- (55) *Eu era louca por uma "telelágrimas". Fiz O Bofe, Vêu de Noiva, mas era tanta queimação de fumo que nem conseguia decorar o texto.*

(19Or:Br:Intrv:ISP/Corpus do Português)

- (56) *Empero di-go vos que nem Sallomon en toda sua gloria foy cuberto assy como huí delles.*

(14:SantaMaria:Evangelhos)

- (57) – *É a livraria MacAdam, me mandou outro jogo completo dos livros, que nem os daqui. Exatamente iguais.*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

- (58) *O jardim estava em rosa ao pé do sol... deixando por tudo uma presença de água. Tudo limpo que nem toada de flauta.*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Como se pode notar, somente nos fragmentos (57) e (58), a expressão *que nem* evoca contextos sintáticos estruturados por comparação. Além disso, há uma diferença capital entre esses fragmentos que também não é detectada pelos instrumentais dos *corpora*, qual seja, o fato de que, enquanto o fragmento (57) instancia um tipo de construção comparativa simples, em (58) temos uma construção essencialmente hiperbólica (a CHS).

Diante de tais constatações, passamos a identificar, sem o auxílio do computador, todas as instâncias comparativas do *que nem* e, em seguida, relacionar somente aquelas que representativas da CHS, objeto do nosso estudo. O resultado foi a constituição de um *subcorpus* que manteve as mesmas propriedades organizacionais disponibilizadas pelos *corpora* de origem.

Seguem abaixo duas tabelas que informam, respectivamente, a frequência de ocorrência da expressão *que nem* em contextos sintáticos comparativos (tabela 1) (incluindo-se aí as instâncias de CHS e de Comparativas sem grau superlativo) e a frequência de ocorrência somente das instâncias de CHS (tabela 2). Em ambos os casos, a frequência foi aferida em relação ao número de *tokens* disponibilizado por cada século:

A expressão <i>que nem</i> realizada em contextos sintáticos comparativos (total de 941 ocorrências)															
séc. XIV		séc. XV		séc. XVI		séc. XVII		séc. XVIII		séc. XIX		séc. XX		séc. XXI	
1.838.615		2.844.623		4.333.175		3.272.161		2.189.415		9.736.533		20.264.203		86.107.010	
oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m
10	5,4	05	1,7	-	-	03	0,9	02	0,9	159	16,3	246	12,1	516	5,9

Tabela 1: Frequência de ocorrência da expressão *que nem* em contextos sintáticos comparativos.

Instâncias da CHS articuladas pelo <i>que nem</i> (total de 501 ocorrências)															
séc. XIV		séc. XV		séc. XVI		séc. XVII		séc. XVIII		séc. XIX		séc. XX		séc. XXI	
1.838.615		2.844.623		4.333.175		3.272.161		2.189.415		9.736.533		20.264.203		86.107.010	
oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m	oc.	p/m
-	-	01	0,3	-	-	-	-	-	-	120	12,3	165	8,1	215	2,5

Tabela 2: Frequência de ocorrência das instâncias de CHS articuladas pelo *que nem*.

Destaca-se, inicialmente, o primeiro registro de CHS, datado no séc. XV (tabela 2). No entanto, como se pode observar, é no séc. XIX que irá ocorrer uma explosão de usos da expressão *que nem* como articulador comparativo, tanto em contextos sintáticos puramente comparativos (tabela 1) quanto em instâncias de CHS (tabela 2). Nos séculos seguintes, nota-se certa desaceleração de uso desse articulador, apontada pelas frequências por milhão (tabelas 1 e 2).

Outro ponto relevante é a superioridade destacada das instâncias de CHS em relação às ocorrências de comparativas simples, nos séculos XIX e XX: são 120 ocorrências de CHS (75,5%) contra 39 comparativas simples (24,5%), no séc. XIX, e 165 ocorrências de CHS (67%) contra 81 comparativas simples (33%), no séc. XX. Esse índice elevado de instâncias de CHS em relação às comparativas simples sugere que o processo de gramaticalização da construção lexical *que nem* como articulador sintático comparativo ocorre, prototipicamente, nos domínios da CHS.

Os demais procedimentos de pesquisa fundem-se às análises do nosso objeto: a Construção Hiperbólica por Símile, cuja significação e uso envolvem uma complexa rede de mecanismos cognitivos, culturais e interacionais que se constituem como nosso desafio descritivo e explicativo.

5. A CONSTRUÇÃO HIPERBÓLICA POR SÍMILE

No presente capítulo, procedemos à descrição e análise de um padrão construcional que identificamos na Língua Portuguesa e estamos chamando de “**Construção Hiperbólica por Símile**” (CHS). A escolha da CHS como nosso objeto justifica-se, como evidenciaremos em nossas análises, pela complexidade conceptual e pelo relevo expressivo deste *type* de Construção de Modificação de Grau no jogo discursivo. Deste padrão, recortamos como nosso Estudo de Caso as ocorrências que trazem o conector *que nem* como Elemento Evocador da Construção (EEC), conforme ilustram os exemplos a seguir:

(59) – *A estrada está que nem um fiapo de capim manso.*

(18:Rocha:Dusá/Corpus do Português)

(60) – *Passamos pelo trânsito que nem uma bala de revólver.*

(Sketchengine/Corpus Lenda de Filmes)

(61) – *Tem um nariz brilhante. E se você o visse, diria que brilha que nem uma lâmpada!*

(Sketchengine/Corpus Lenda de Filmes)

A motivação para tal recorte do objeto envolveu a tentativa inicial de não só descrever a CHS, como também proceder à explicitação do processo de gramaticalização da expressão articuladora *que nem*. Contudo, a falta de evidências claras e comprovadoras nos *corpora* investigados frustraram nossos esforços neste sentido²⁸. Em virtude dessa delimitação analítica, permaneceram fora do nosso rol de evidências as instâncias de CHS com outros EECs, tais como: *como*, *igual*, *feito*, *tal qual* (exemplos 62 a 65, abaixo). Tal exclusão decorre, simplesmente, do *frame* de pesquisa de que esse estudo é elemento – uma tese delimitada por tempo e por condições insuficientes de constituição de *corpus* (cf. cap. 4 – Metodologia).

²⁸ Estaremos assumindo, mesmo que intuitivamente (e esperamos comprovar em uma próxima oportunidade), que o conector *que nem* é resultado de um processo de mudança linguística que causou a opacidade do item lexical *nem* como marcador de negação, bem como a sua reanálise semântica e formal, ao lado do *que*, como uma unidade lexical gramaticalizada com o valor de *como*, em um contexto de equivalência.

(62) *Agora a carruagem cortou a estrada **como** um raio.*

(19:Fic:Br:Rego:Fogo/Corpus do Português)

(63) – *Virou marido excelente, trabalhava **igual** um mouro.*

(19:Fic:Br:Abreu:Santa/Corpus do Português)

(64) – *Mas quem disse que Zezito acordou? Dormia **feito** pedra.*

(19:Fic:Br:Cavalcante:Inimigos/Corpus do Português)

(65) *Queria ser livre **tal qual** um passarinho.*

(<http://pensador.uol.com.br/frase/MTAyMDk1Mw/>)

A observação de ocorrências como as acima ilustradas em nossos *corpora*²⁹ permite-nos formular a hipótese (intuitiva) de que tais exemplares são pares de forma-sentido que integram a CHS, nas mesmas condições semântico-formais das ocorrências com o EEC *que nem*. A diferença na escolha do EEC estaria vinculada apenas ao grau de convencionalização destes conectores: *como*, *igual* e *tal qual* são formas inteiramente convencionalizadas, enquanto *feito* e *que nem* são formas mais periféricas, pouco citadas, inclusive, nas listas e descrições que envolvem conectores comparativos. Em decorrência disto, nossa hipótese, para uma agenda investigativa futura, é de que todos estes EECs circulariam livremente nas variantes mais informais, mas *que nem* e *feito* teriam uma restrição de uso nos contextos linguísticos mais formais.

Durante nosso percurso analítico, estaremos sempre revisitando os pressupostos teóricos que fundamentam nossa proposta e que estão explicitados no primeiro capítulo. Quando necessárias, pequenas inserções teóricas serão acrescidas; são constructos e categorias que, devido à sua aplicação mais pontual, não integraram o capítulo teórico deste estudo. Quanto às expressões analisadas, sua origem está identificada e justificada no capítulo que discorre sobre a metodologia empregada (capítulo 3), devendo sempre aparecer com referência à fonte.

Conforme explicitado na Introdução desta tese, o presente estudo integra um macroprojeto de viés sociocognitivista e construcionista, nomeado “Construções Superlativas do Português” (MIRANDA, CNPq 2008, 2010). Ao longo de uma década, pesquisadores

²⁹ A observação empírica de pesquisador que passa a “ouvir” a sua construção nas interações cotidianas também foi considerada aqui.

vinculados a este macroprojeto têm investigado uma rede de construções periféricas (lexicais e gramaticais) que expressam valores na ponta de uma escala de graduação e são usadas pelos falantes do Português para marcar sua força expressiva e avaliativa no embate discursivo.

A partir deste enquadre investigativo, definiu-se a questão que nos mobiliza e que orienta a escolha do nosso objeto de estudo: **quais recursos formais e semântico-pragmáticos são capazes de desenhar a riqueza expressiva da CHS?** É o que buscaremos responder a partir do conjunto de supostos e caminhos analíticos que passamos a anunciar.

O rótulo atribuído à Construção Hiperbólica por Símile justifica-se a partir da hipótese analítica central que será sustentada neste capítulo, a saber:

1. Postula-se, em primeira mão, **a existência de um padrão construcional** identificado como um par de forma-sentido, com valor/função semântico-pragmático específico na Língua Portuguesa.

Tal hipótese implica afirmar que, atendidas as condições definidas em seu constructo (cf. FILLMORE et al., 2010 e capítulo 2), o sentido construcional da CHS estará assegurado, independente do preenchimento lexical de seus *slots* em cada instância. Este Constructo será definido (subseção 2.6.2) e descrito a partir do seguinte conjunto nuclear de sub-hipóteses analíticas:

- a) **Trata-se de uma construção hiperbólica – um nódulo dentro da rede de Construções de Modificação de Grau** (cf. FILLMORE et al., 2010). Uma vez concebida de modo não estritamente composicional em sua dimensão semântico-pragmática (pois o todo é maior ou mais complexo que a soma de suas partes), a CHS caracteriza-se por ser essencialmente uma construção hiperbólica, que evoca o topo de uma escala de gradação, em seu grau máximo, exagerado, distinguindo-se inclusive de outros tipos de construções superlativas que não implicam essa noção de extremidade.

Contraponto: A categorização do padrão construcional em foco como uma construção hiperbólica afasta-se das descrições propostas pela Tradição Gramatical e pelas análises funcionalistas, que a tratam como uma cláusula essencialmente comparativa (cf. cap. 3).

- b) **A CHS é um sintagma complexo que envolve a ampliação da valência básica de um escopo/núcleo graduável**, seja ele um SADJ, um SADV ou um SV.

Contraponto: Novamente, a Tradição Gramatical e o Funcionalismo optam por tratar o sintagma hiperbólico como uma estrutura oracional/clausal, em que o verbo ou predicado está subentendido (cf. capítulo 3).

- c) **A CHS utiliza um Símile (com base metonímica) como estratégia de graduação hiperbólica**. Uma conexão inesperada de similaridade entre duas entidades pertencentes a domínios distintos é motivada pela capacidade que a segunda entidade confrontante possui de ativar uma característica saliente (com valor hiperbólico), a partir da qual se instancia tal similaridade.

Passamos, pois, à organização do presente capítulo, que discute inicialmente as decisões analíticas acima apontadas, reconhecendo a CHS como uma **Construção de Modificação de Grau com valor hiperbólico** (seção 5.1), instituída em termos formais por **ampliação de valência** (seção 5.2). Essa ampliação de valência do item lexical ou escopo/núcleo graduável na CHS **gera um sintagma complexo** que, por sua vez, irá compor uma estrutura de similaridade entre duas entidades que pertencem a domínios distintos (seção 5.3). Vale lembrar que estaremos assumindo o processo de superlativação hiperbólica como principal característica desse padrão construcional.

Baseados em uma perspectiva monoestratal da Gramática, mostraremos que as relações predicativas estabelecidas pelo escopo/núcleo graduável da CHS e seus argumentos identificam três subpadrões construcionais que serão devidamente descritos e analisados conforme as especificidades do *Constructicon* (seção 5.4) – um projeto linguístico-computacional, cujos princípios básicos foram apresentados no capítulo teórico (subseção 2.6.2).

Uma vez cumpridas as tarefas analítico-notacionais supracitadas, apresentaremos nossa proposta de configuração de parte de uma rede de construções superlativas, que se organiza radialmente na Língua Portuguesa e que tem a CHS como nódulo central, a partir do qual se irradiam três subpadrões construcionais, motivados por elos de herança (seção 5.5). Essa proposta analítica justifica-se pela hipótese (central aos modelos construcionistas) de que

o conhecimento gramatical e lexical não se constitui como uma lista aleatória e sim como uma rede de signos/construções vinculados, em termos formais e semânticos, por motivação e herança.

Em seguida (seção 5.6), nos ocuparemos da dimensão figurativa da CHS, caracterizada pela evocação de um *Símile* motivado por um processamento metonímico (relação PARTE-TODO). O desenho das Relações Vitais que instituem a rede de integração conceptual promotora do *Símile* é apresentado de modo a configurar sua distinção cognitiva em relação à *Metáfora*.

Na última parte deste capítulo (seção 5.7), traremos as reflexões sobre a dimensão discursiva da CHS, em especial aquelas que estruturadas com o conector *que nem*. Nossa investigação nesse domínio baseou-se, principalmente, em um detalhamento disponibilizado pelo *Corpus do Português*, que relaciona as instâncias desse padrão construcional inscritas no século XX, distribuindo-as conforme sua variação em termos de registro e dialeto.

5.1 A primeira decisão analítica: um nóculo hiperbólico dentro da rede de Construções de Modificação de Grau

Os dados de uso fornecidos pelo *Corpus* do Português e pelo *Corpus* Legenda de Filmes (*Sketchengine*), acionados a partir do conector *que nem* (palavra-chave), revelaram diferentes conjuntos de ocorrências (cf. capítulo 4). Desses conjuntos, recortadas apenas as Construções de Modificação de Grau que figuram em contextos comparativos, passamos a considerar os dois grupos abaixo ilustrados:

Grupo A: Construção Comparativa Simples (sem *Símile*):

(66)– *Não era muito forte essa dor. Era que nem dor de menstruação.*

(19:Fic:Br:Cavalcante:Inimigos/*Corpus do Português*)

(67)– *Hoje em dia, homem é que nem mulher: faz lipo, depila, tira ruga dos olhos, peeling, botox, tudo o que imaginar.*

(*Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes*)

- (68) *Ou se não esses automóveis estrangeiros que acabam de chegar, movidos à gasolina, que nem o Ford de Arnaud Coelho, ou o outro de Manuel Costa da Silva.*

(19:Fic:Br:Dantas:Cartilha/Corpus do Português)

Grupo B: Construção Hiperbólica por Símile

- (69) *Daí a pouco, tudo ficava escuro que nem breu.*

(19:Fic:Br:Teixeira:Rua/Corpus do Português)

- (70) – *Passamos pelo trânsito que nem uma bala de revólver.*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

- (71) – *Inocência enrubesceu que nem uma romã.*

(18:Taunay:Inocência/Corpus do Português)

Na superficialidade e infrequência com que são analisadas pelas gramáticas tradicionais e pelos estudos funcionalistas, as instâncias acima são consideradas, em um só bloco, como orações/cláusulas Comparativas, colidindo assim com a nossa decisão analítica de distinguir entre esses dois grupos.

Como se pode observar, as instâncias construcionais de ambos os grupos compartilham o mesmo tipo de estruturação formal, em que X (SN) está ligado a Z (SN) por meio de Y (SAdj., SAdv. ou SV), e Z é introduzido por um conector:

$[X^{SN}]$ (verbo) $[Y^{SAdj., SAdv. SV}]$ [*que nem* Z^{SN}]

No entanto, não há sinonímia semântico-pragmática entre as instâncias dos diferentes grupos (A e B), o que nos leva a propor a existência de dois pares de forma-sentido, ou seja, de diferentes construções: aquela puramente Comparativa (instanciada no Grupo 1) e a que é essencialmente Hiperbólica (instanciada no Grupo 2). Portanto, nossa hipótese é que há um *continuum* de identidade/diferença entre esses dois padrões construcionais, configurando-se assim um caso de herança polissêmica (GOLDBERG, 1995), em que a construção hiperbólica é uma expansão de sentido da construção puramente comparativa (nuclear, prototípica em relação a ela).

Vale lembrar que, no modelo goldberiano de análise, a polissemia construcional é captada em termos de uma rede de sentidos distintos (porém relacionados) que se irradiam, motivados por um sentido central, prototípico, do qual herdam sua estrutura sintática. Portanto, de acordo com essa perspectiva cognitivista, a gramática de uma língua é o conjunto de todas as suas construções, interconectadas por elos de herança (cf. seção 5.5).

Nossa decisão por distinguir entre esses dois padrões construcionais (aquele puramente comparativo e o hiperbólico) encontra respaldo em uma investigação pormenorizada dos contextos discursivos em que se inserem as instâncias de CHS com o *type que nem*, presentes nos *corpora*. Tais contextos só fazem confirmar a natureza essencialmente hiperbólica desse padrão construcional, como ilustram os excertos abaixo:

- (72) *Mas nisto um estardalhaço de formidáveis pranchadas estrugiu no portão da estalagem. O portão abalou com estrondo e gemeu. - Abre! Abre! reclamavam de fora. João Romão atravessou o pátio, como um general em perigo, gritando a todos: - Não entra a polícia! Não deixa entrar! Aguenta! Aguenta! - Não entra! Não entra! repercutiu a multidão em coro. E todo o cortiço ferveu **que nem uma panela ao fogo**. - Aguenta! Aguenta! Jerônimo foi carregado para o quarto, a gemer, nos braços da mulher e da mulata. - Aguenta! Aguenta!*

(18:Azevedo:Cortiço/Corpus do Português)

- (73) – *Estou muito contente com o que há, protestou com sinceridade Cirino. E, de fato, pelo modo por que começou a comer, repetindo animadas vezes dos pratos, deu evidentes mostras de que falava inteira verdade. – Maria, disse Pereira para a escrava, que se fora colocar a alguma distancia da mesa com os braços cruzados, traz agora mel e café com doce. – Ah! exclamou Cirino com patente satisfação estirando os braços, fiquei **que nem um ovo**. O feijão estava de patente. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, que me deu este bom agasalho. – Amém! respondeu Pereira.*

(18:Taunay:Inocência/Corpus do Português)

- (74) – *Oh, por favor! Você ainda cheira a sexo, mas dessa vez... um pouco de Jeffrey Coho. Está drogado? Está dormindo com a Denise, Jeffrey?*
 – *Ele não está... o que ele queria...*
 – *Quem? Shore, eu vi ele lá.*
 – *As besteiras de sempre.*
 – *Se ajuda, a Sally disse que ele não aguenta inversão de papéis.*
 – *O que isso significa?*
 – *Que quando a mulher se torna o caçador, ele foge **que nem um coelhinho**.*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Outro tipo de evidência de que estamos tratando de dois padrões construcionais distintos foi fornecido por um teste de interpretação com elaboração de paráfrase, aplicado por nós a 55 estudantes de nível médio do IF Sudeste de Minas Gerais.

Na ocasião, foram apresentadas aos estudantes três instâncias de construção hiperbólica similares àquelas que compõem o Grupo B (acima) e pedido a eles que as interpretassem, parafraseando, de modo aproximado, cada uma delas. Os resultados, como havíamos previsto, corroboram a tese de que, marcada por uma paráfrase que assinala uma leitura hiperbólica, a CHS é mesmo uma construção distinta da Comparativa Simples (Grupo A) e, possivelmente, constitui-se a partir de uma irradiação polissêmica desta construção – veja a tabela abaixo, em que o percentual de ocorrência é aferido em relação aos 55 estudantes (em a, b e c – 100%), revelando, de modo majoritário, uma leitura hiperbólica (98,2%, 80% e 83,6%).

Instâncias da CHS	Paráfrases	Nº e % de oc.
(a) <i>João é forte que nem um touro.</i>	interpretação hiperbólica <i>João é muito/extremamente forte.</i> <i>João é forte demais.</i> <i>João tem uma grande força.</i>	54oc / 98,2%
	interpretação comparativa <i>João é um homem forte.</i>	01oc / 1,8%
(b) <i>Passamos pelo trânsito que nem um raio.</i>	interpretação hiperbólica <i>Passamos pelo trânsito muito rápido.</i> <i>Passamos pelo trânsito em alta velocidade.</i> <i>Passamos pelo trânsito correndo muito.</i>	44oc / 80%
	interpretação comparativa <i>Passamos pelo trânsito rapidamente</i>	11oc / 20%
(c) <i>Aquela espada brilha que nem uma estrela.</i>	interpretação hiperbólica <i>Aquela espada brilha muito.</i> <i>Aquela espada é muito brilhante.</i> <i>Aquela espada tem um brilho muito forte.</i>	46oc / 83,6%
	interpretação comparativa <i>Aquela espada é brilhante</i> <i>Aquela espada é reluzente</i>	09oc / 16,4%

Tabela 3: Resultados do teste de interpretação das instâncias de CHS.

Considerada a definição teórica deste estudo pela *Linguística Cognitiva* e pelos *Modelos Baseados no Uso* (cf. subseção 2.5.7), não podemos ceder à tentação de postular uma generalização única e “econômica” que não leve em conta a dinamicidade dos

significados em uso. É fato teoricamente nuclear para tais modelos que léxico e gramática emergem do uso e que a conceptualização é um processo que, operando entre estabilidade e flexibilidade, implica dinamicidade e renovação para a significação linguística. Portanto, para que possamos proceder a uma categorização bem-sucedida desses dois tipos construcionais, devemos antes observar a flexibilidade desencadeada pelas distintas perspectivas instauradas no uso.

Há, na significação semântico-pragmática de cada tipo ou padrão, **um jogo de perspectiva instaurado sobre a cena**, o que leva a um alinhamento diferenciado de FIGURA/FUNDO em tais construções. Neste caso, a relação de assimetria que se estabelece coloca em proeminência uma ou outra cena: comparação/similaridade *versus* superlativação em nível hiperbólico, de modo que, **se o significado central (Figura) muda, muda também o *frame* evocado**.

Compreender tais construções implica, portanto, reconhecer os *frames* que elas evocam. Assim, do mesmo modo que um único lexema pode constituir-se como distintas Unidades Lexicais, definidas como um par forma-sentido (por exemplo, o lexema *discutir* nos *frames* Comunicação e Encontro_hostil), um mesmo padrão formal sintático (constituindo distintas construções) também pode evocar diferentes construções e distintos *frames*.

Enfim, nossa proposta de enquadramento envolve, neste caso, a postulação de dois subtipos de Construção de Modificação de Grau, dispostos nos seguintes termos:

Grupo A (Construção Comparativa Simples):

- Comparação/similaridade como FIGURA;
- Evocação do *frame* Similaridade (Similarity)³⁰, como descrevemos a seguir (versão completa: Anexo 1):

30 Plataforma FrameNet: <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/index.php?q=frameIndex>

Frame Similaridade

Definição: Duas ou mais entidades distintas, que podem ser objetos concretos ou abstratos, são postas em relação de similaridade. Dependendo da relação FIGURA/FUNDO, as entidades podem ser expressas como dois EFs distintos (EF Entidade_1 e EF Entidade_2) ou como um único EF (EF Entidades). A similaridade pode basear-se na aparência, propriedades físicas ou outras características compartilhadas pelas duas entidades; porém, nenhuma dimensão (EF Dimensão) necessita ser especificamente explicitada. O grau (EF Grau) de similaridade entre as entidades (EF Entidade_1 e EF Entidade_2 ou EF Entidades) pode variar para mais ou menos. Em vez de especificar a dimensão da diferença, um fato diferenciador (EF Fato_diferenciador) pode ser mencionado.

EFs Nucleares:

- EF Fato_diferenciador: Fatos sobre o EF Entidade_1 ou sobre o EF Entidades que revelam como o EF Entidade_1 é similar ou diferente das outras entidades.
Por exemplo: *O homem DIFERE do macaco por ser capaz de um comportamento simbólico.*
- EF Dimensão: Este EF marca os constituintes que expressam uma propriedade em relação a qual a similaridade das entidades é evocada.
Por exemplo: *O Messi é tecnicamente PARECIDO com o Maradona.*
- EF Entidades: Este EF marca os constituintes que expressam as entidades em relação de similaridade.
Por exemplo, *Os problemas são SIMILARES em toda a América do Sul.*
- EF Entidade_1: (requer o EF Entidade_2 e exclui o EF Entidades) Quando há uma assimetria, o EF Entidade_1 é caracterizado pela sua similaridade com o EF Entidade_2, cujas propriedades já são conhecidas. O EF Entidade_1 é frequentemente um argumento externo.
Por exemplo, *A mão da Maria é COMO a de sua mãe.*
- EF Entidade_2: (requer o EF Entidade_1 e exclui o EF Entidades) Quando as entidades são expressas separadamente, o EF Entidade_2 é aquele cujas características já são conhecidas; ele serve de base para o estabelecimento das características do EF Entidade_1.
Por exemplo, *Minha criação não foi IGUAL à sua.*

Quadro 10: Frame Similaridade

Note que, embora a similaridade pressuponha a noção de avaliação para quem a acessa, tal julgamento não faz parte do *frame* Similaridade – segue abaixo a anotação de uma instância e a tentativa de representação do que acabamos de afirmar:

(75) *Esses automóveis estrangeiros (...), movidos à gasolina, QUE NEM o Ford de Arnaud Coelho.*

(19:Fic:Br:Dantas:Cartilha/Corpus do Português)

Paráfrase: “Ent.1 é movida à gasolina *que nem* Ent.2 é movida à gasolina”

O diagrama a seguir busca representar o tipo de relação semântica de escala posta na Construção Comparativa Simples em foco (relação de igualdade entre Entidade 1 e Entidade 2);

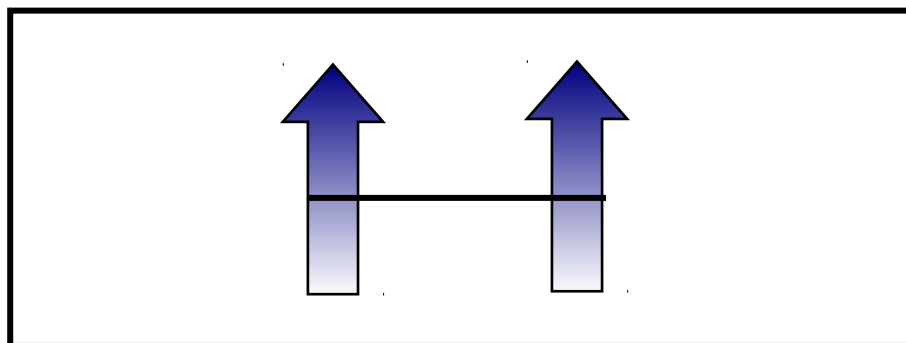


Figura 9: Ent.1 e Ent.2 em relação comparativa simples.

Grupo B (Construção Hiperbólica por Símile – CHS):

- Superlativação hiperbólica como FIGURA;
- Evocação do *frame* Posição_máxima_em_uma_escala (apresentado a seguir), que não está descrito na FrameNet e que estamos postulando como um herdeiro do *frame* Posição_em_uma_escala/Position_on_a_scale (Anexo 2):

Frame Posição_máxima_em_uma_escala

Definição: Este *frame* descreve o posicionamento de uma entidade-alvo (EF Item) no ponto máximo de uma escala, em relação a um escopo/núcleo graduável (EF Variável) que, por sua vez, é modificado por um item de polaridade (EF Valor_hiperbólico).

EFs Nucleares:

Item: O EF Item identifica a entidade-alvo a qual o escopo/núcleo graduável (EF Variável) é relacionado.

Por exemplo: *João não bebe DE JEITO NENHUM.*
Meu coração está leve como UMA PLUMA.

Variável: O EF Variável é o escopo/núcleo graduável atribuído ao EF Item. Na CHS, o EF Variável pode ser explícito ou não (INI).

Por exemplo: *Notícia ruim corre rápido, feito UM RELÂMPAGO.*
Já tinha a cara que nem O SANTO SUDÁRIO. (marcada)

Valor_hiperbólico: O EF Valor_hiperbólico, implícito na UL, é o item de polaridade responsável pela hipérbole
 Tipo Semântico: do EF Variável.

Grau
 Por exemplo: *Morrerei MIL VEZES se preciso for.*
Paixão é que nem FOGO EM PALHA SECA.

EF Não-Nuclear:

Domínio: O EF Domínio descreve o espaço ou circunstância em que o EF Variável ativa o grau hiperbólico.

Por exemplo: *Sua presença me consola que nem COPO D'ÁGUA no meio do deserto.*

UNIDADE CONSTRUCIONAL EVOCADORA:

Construção Hiperbólica Por Símile (CHS)

Quadro 11: Frame Posição_máxima_em_uma_escala

É neste grupo, portanto, que se inserem as instâncias de CHS. O grau superlativo hiperbólico (FIGURA) de um escopo/núcleo graduável (EF Variável), em relação a uma entidade-alvo (EF Item), é convencionalmente ativado por meio de projeção figurativa – mais especificamente, um SÍMILE com bases metonímicas que atuam no domínio da segunda entidade confrontante (EF Valor_hiperbólico).

Note que, neste caso, a relação de similaridade (FUNDO) atua somente como estratégia para que a superlativação hiperbólica seja consumada na construção como um todo – desta vez, a paráfrase e o diagrama de representação do Valor Hiperbólico da CHS são os seguintes:

(76) *Maria do Carmo trabalhara que nem BESTA DE CARGA para, no fim das contas, ganhar o quê?*

(18:Caminha:Normalista/Corpus do Português)

Paráfrase (aproximação): Maria do Carmo trabalha demais/excessivamente.

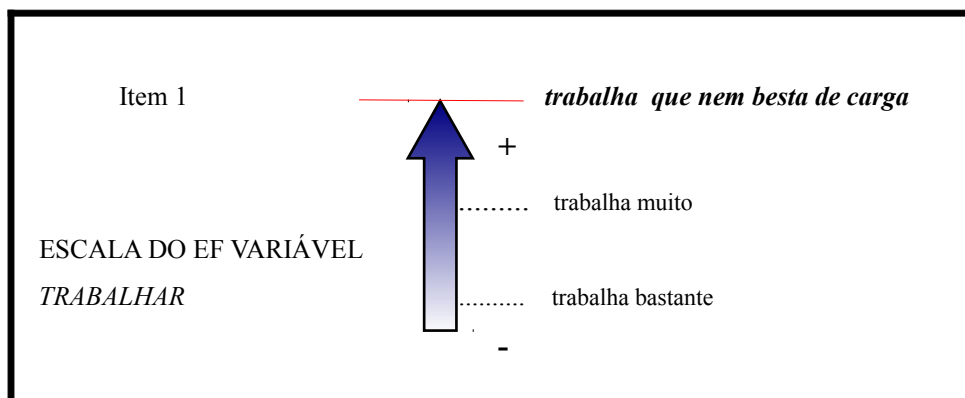


Figura 10: Item1 na ponta da escala - superlativação hiperbólica viabilizada por um Símile.

Cabe ainda justificar a definição de nossa construção como o ponto máximo da escala, nomeando-a como hiperbólica em vez de superlativa, o que nos obriga à inserção de um pequeno parêntese teórico sobre a hipérbole.

Nos termos de Claridge (2011), a intensificação hiperbólica se define pelo ponto extremo, máximo de uma escala; sejam escalas semânticas (gostar › amar › adorar) que envolvem, via de regra, contrastes linguísticos no léxico; sejam escalas pragmáticas e argumentativas, em que ordenações escalares são construídas contextualmente, baseadas nas assunções e expectativas do falante sobre o conhecimento do mundo (uma escala entre as capitais *top* do mundo; entre os artistas de prestígio, por exemplo).

Como o ponto extremo, maximizado de uma escala, a hipérbole implica um ponto de intensidade maior que a superlativação, o que, em termos de nossa construção, significa dizer que *ele é muito alto/ altíssimo* (superlativo) está abaixo da escala em relação a *Ele é alto que nem uma torre*, que permite inferir o exagero. Daí a definição de nosso objeto como uma construção hiperbólica.

Dentre as formas de expressão da hipérbole, Claridge (2011) lista palavras simples, frases, cláusulas, ordenações numéricas, repetições e **a comparação por Símile** – reconhecida como a estratégia de intensificação na construção em estudo – Construção Hiperbólica por Símile.

O processo de Símile (e sua base metonímica) que viabiliza essa hiperbolização será discutido mais detalhadamente, quando tratarmos da dimensão figurativa da CHS (seção 5.6). Por ora, cabe salientar que um fato linguístico amplamente observado em diferentes línguas é que Construções Modificadoras de Grau/Intensidade são muito abertas à criação de novos tipos/*types*. Se estamos neste domínio da escalaridade semântica, em que o nível de graduação/intensidade é naturalmente expresso por estratégias lexicais (*muito bonito, feio demais, trabalha pra caramba...*) ou mórficas (*feíssimo, superfeio, megafeio...*), é de se esperar que, em nível sintático, também ocorra a disponibilização de recursos para expressar essa escala em suas sutilezas de nível e saliência. Este é o caso da nossa CHS.

5.2 A segunda decisão analítica: uma Construção de Ampliação de Valência

Guiando-nos pela diretriz analítica apontada por Fillmore, Goldman & Rhodes (2010: 12), podemos afirmar que a descrição da CHS passa pelo seu enquadramento como uma *Construção de Modificação de Grau* essencialmente hiperbólica, articulada pela ampliação da valência básica de um núcleo predicativo/EFVariável (SAdj., SAdv ou SV), o que também nos permite classificá-la como um tipo de *Construção de Ampliação de Valência/Valence-Augmenting Constructions*.

Segue abaixo uma ilustração de como um núcleo predicativo relaciona seus argumentos em uma instância de CHS, utilizando-se como recurso elucidativo um dos procedimentos notacionais adotados por Fillmore et al. (2010), que consiste em identificar (com isolamento por colchetes) e rotular as entidades linguísticas que realizam os Elementos Construcionais, bem como delimitar (por chaves) aqueles ECs que integram o constructo licenciado pela construção (cf. subseção 2.6.2):

- (77) – *Vamo-nos embora, que [a noite^{Item/SN/Externo}] está {[negra^{Variável/SAdj./Predicador}]
[que nem uma alma pecadora^{Valor_hiperbólico/SNcomplementar/Dependente}]}*.

(19:Fic:Br:Lopes:Intrusa/Corpus do Português)

Note que o predicador adjetival *negra* tem o SN *a noite* como seu argumento Externo e o Sintagma Complementar *que nem uma alma pecadora* como um Dependente

adicionado, conferindo-lhe assim o Valor hiperbólico. Maiores detalhes sobre os contextos sintáticos forjados e sobre os Elementos Construcionais que compõem a CHS serão fornecidos mais adiante, quando procedermos à descrição dos Constructos e à análise dos subpadrões relacionados a essa construção (seção 5.4).

Por enquanto, cabe saber que é a partir desses sintagmas (SAdj., SAdv. e SV) – cujas valências são ampliadas e que, constituindo predicacões relacionais³¹, servem de escopo à gradação escalar imposta – que se definem os três subpadrões da família da CHS, como mostra o quadro abaixo, devidamente ilustrado:

SUBPADRÃO	EXEMPLOS
CHS Adjetiva	(78) – <i>Roletes de cana! Quem se habilita? Estão {[doces]} [que nem mel]}. (SAdj. resultante)</i>
CHS Adverbial	(79) <i>Aparecem os primeiros ventos gerais, {[doidamente]} [que nem um bando solto de demônios travessos e brincalhões]}. (SAdv. resultante)</i>
CHS Verbal	(80) <i>Inocência {[enrubesceu]} [que nem uma romã]}. (SV resultante)</i>

Quadro 12: Definição dos subpadrões da família da CHS, com ilustração.

Identificados os subpadrões construcionais que compõem essa família de Construções Hiperbólicas, passamos à nossa proposta de descrição do constructo licenciado pela CHS (em seu *type* com o EEC *que nem*), guiando-nos, conforme anunciado, pelos caminhos de formalização fornecidos pelo *Constructicon* (cf. subseção 2.6.2).

Antes, gostaríamos de salientar que as informações sobre as relações de herança que interconectam as construções ligadas à CHS serão fornecidas quando apresentarmos nossa proposta de configuração dessa rede construcional (seção 5.5). Nossa hipótese é que o constructo licenciado pela CHS resulta da conjunção de propriedades estruturais e semânticas herdadas (por subparte) de dois padrões construcionais já postulados pelos idealizadores do *Constructicon*, quais sejam: a *Construção de Modificação de Grau* e a *Construção de Realização do Qualificador de Grau*. Tais padrões, supostamente ascendentes da CHS, já foram devidamente apresentados no capítulo teórico, quando tratamos do Projeto *Constructicon* (subseção 2.6.2).

A seguir, temos a descrição informal do constructo licenciado pela CHS (em seu *type* com o EEC *que nem*), conforme havíamos anunciado:

³¹ Segundo Langacker (1987), as predicacões relacionais estabelecem interconexões entre os elementos que as compõem, perfilando um deles em relação aos demais.

$$\{SX [Escopo Signo_1]_{F1} [Qualificador_de_grau Signo_2]_{F2}\}_M$$

Nome	<i>Construção Hiperbólica por Símile</i>
M	SX: F1 com valência ampliada por F2.
F1	SX (SAdj., SAdv. ou SV), como Escopo ou núcleo graduável (EF Variável).
F2	Qualificador_de_grau: extensão da valência de F1. Valor de Referência hiperbólico. Introduzido pelo EEC (<i>que nem</i>).
Interpretação	A Qualificação de Grau promovida por F2 estabelece um valor hiperbólico para F1. A CHS evoca o <i>frame</i> <u>Posição máxima em uma escala</u> .

Quadro 13: Descrição do constructo licenciado pela CHS.

A expressão entre chaves corresponde à construção-mãe (M). As construções-filhas (F1 e F2), cercadas por colchetes, são Elementos Construcionais (ECs). As marcas mnemônicas de cada segmentação (SX, Escopo, F1, Qualificador de Grau, F2, M) associam-se na descrição da construção (cf. subseção 2.6.2).

Como se pode notar, a natureza hiperbólica da CHS é assegurada por uma relação de similaridade entre duas entidades distintivas. Portanto, há que se considerar a relevância do EF Item (SN/Externo) que integra o *frame* Posição máxima em uma escala como um elemento do **contexto sintático** exigido pela CHS, mesmo que não faça parte do constructo licenciado por esta construção. A instância de CHS abaixo ilustra essa configuração sintática necessária à construção:

(81) – *Não preciso de remédio, [eu^{Item}] sou {[forte^{Escopo}] [QUE NEM uma bezerra^{Qualificador_de_Grau}]}*.
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Destacam-se nesta configuração os seguintes elementos:

- (*eu*) EC Item (= EF Item): entidade-alvo do confronto; não pertence ao constructo; funciona gramaticalmente como argumento externo do predicador adjetival (*ser*) *forte*.
- (*forte*) EC Escopo: núcleo graduável representado por um núcleo predicativo adjetival;
- (*que nem*) Elemento Evocador da Construção (EEC); introduz a qualificação de grau; conecta as entidades confrontantes.
- (*que nem uma bezerra*) EC Qualificador_de_grau: dependente sintático instituído pela ampliação da valência básica do adjetivo *forte*.

Note que há uma restrição aplicada ao EC Qualificador_de_grau (EF Valor_hiperbólico) da CHS, qual seja, a sua condição de entidade culturalmente situada e convencionalmente usada para referenciar, em grau superlativo hiperbólico, a propriedade escalar (EC Escopo/EF Variável) em jogo. Falaremos mais sobre essa condição quando tratarmos do processamento metonímico que dá suporte ao Símile e permite tal referência (seção 5.6). A seguir, passaremos à nossa terceira decisão analítica, que vê a CHS como um sintagma complexo, e não como uma oração subordinada.

5.3 A terceira decisão analítica: um sintagma complexo

No capítulo 3, apresentamos alguns estudos já realizados a respeito das construções comparativas e sobre o fenômeno da superlativação. Naquela ocasião, vimos que as expressões que instanciam a CHS são tratadas pelas Gramáticas Normativas e nas descrições de viés funcionalista como cláusulas comparativas, com função de adjunto adverbial. Do ponto de vista estrutural, essas supostas orações seriam introduzidas por um conector e representariam o segundo termo da comparação estabelecida com um constituinte da oração nuclear/principal a qual se subordinam.

Nossa proposta analítica contrapõe-se a esse arranjo estrutural tradicionalmente assumido para instâncias que identificamos como parte da CHS. Na descrição que fizemos do constructo licenciado por esse padrão construcional (seção 5.2), optamos por considerá-lo como um tipo de **sintagma complexo**, instituído pela ampliação da valência básica de um núcleo predicativo – comparem-se as análises abaixo:

- (82) (a) [*Fadas de pano e plástico vendem*^{Oração Principal}]
 [*que nem mamão em fim de feira*^{Oração Subordinada Adverbial Comparativa}].

(19N:Br:SP/Corpus do Português)

Paráfrase: *Fadas de pano e plástico vendem que nem mamão em fim de feira vendem.*

- (b) [*Fadas de pano e plástico*^{Item}]{*[vendem*^{Escopo}]
 [*que nem mamão em fim de feira*^{Qualificador_de_grau}]^{Sintagma Complexo} }.

(18:Azevedo:Cortiço/Corpus do Português)

A representação (82a) é tradicionalmente analisada como uma estrutura composta por duas orações que estabelecem entre si uma relação de dependência sintática. A oração principal (com o verbo *vender* expresso) é aquela cujo sentido é completado/modificado pela sua subordinada. No caso em questão, a subordinada atua como uma oração adverbial comparativa e apresenta um caso de elipse do verbo *vender*, conforme demonstra sua paráfrase.

Em contrapartida, na análise que estamos propondo (82b), não há lugar para elipses verbais ou de cláusulas. Os padrões construcionais devem ser considerados em seus próprios termos, operando em um único nível de representação. Não há, pois, derivações e transformações como nos termos da Gramática Gerativa. Trata-se da adoção de uma Teoria Monoestratal da Gramática, tal como postulada por Goldberg (2006), para explicar a relação entre as representações semânticas e as expressões sintáticas das sentenças a partir das formas de superfície das construções (cf. subseção 2.5.4).

Assim, ao abraçar essa Hipótese da Generalização de Superfície – “*what you see is what you get*”³² –, definimos o SV *vende* (EC Escopo) como núcleo predicativo bivalente, que seleciona o SN *Fadas de pano e plástico* (EC Item) como argumento externo e o Sintagma Complementar *que nem mamão em fim de feira* (EC Qualificador_de_grau) como um dependente sintático que lhe amplia a valência básica.

As singularidades pontuadas nas duas últimas seções sobre a estrutura gramatical da CHS, que anunciam o constructo licenciado por esse padrão construcional como um Sintagma Complexo instituído por ampliação de valência, abrem caminho para a próxima seção, em que identificamos e descrevemos a família dos subpadrões construcionais relacionados à CHS.

5.4 A CHS e seus subpadrões

Conforme anunciado na seção 5.2, a CHS apresenta três subpadrões construcionais – CHS Adjetiva, CHS Verbal e CHS Adverbial – caracterizados em termos da sua composição semântica (Elemento Construcional - EC), natureza sintagmática (Tipos de Sintagma - TS) e funcionalidade gramatical (Função Gramatical – FG).

32 “o que se vê é o que se tem” (GOLDBERG, 2003: 219, tradução nossa)

Foram identificadas nos *corpora* 499 instâncias construcionais (*tokens*) que evidenciam esses subpadrões, além de duas outras que se particularizam por apresentarem uma *relação atributiva de quantificação hiperbólica* com um SN, ou seja, por terem um Nome (EC Escopo) como núcleo do sintagma que instancia o EC Qualificador_de_grau, conforme ilustram as anotações dos exemplos abaixo:

(83) – *Vêm aí* {[soldados^{Escopo/SN}] [*que nem terra*^{Qualificador_de_grau}]}.
(18:Távora:Cabeleira/Corpus do Português)

(84) – *Os efeitos colaterais negativos seriam a perda da minha voz de cantora e* {[cabelos^{Escopo/SN}] [*que nem macaco*^{Qualificador_de_grau}]}, *da cabeça ao dedão*.
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Embora essas instâncias de CHS possam apontar a existência de um quarto subpadrão construcional, optamos por não considerá-lo nesta análise, dada a frequência de ocorrência mínima que o evidencia.

Cabe explicitar a estratégia analítica de que nos valem para reconhecimento de tais subpadrões que consistiu no estabelecimento de paráfrases capazes de elucidar o Escopo do Qualificador_de_grau na CHS, como ilustramos abaixo:

Subpadrão 1 – *Chato que nem carrapato*.

- Paráfrase: muito chato/chato demais
- CHS Adjetiva: {[chato^{Escopo}] [*que nem carrapato*^{Qualificador_de_grau}]}

Subpadrão 2 – *Passou que nem uma bala*.

- Paráfrase: Passou muito (?)
- Paráfrase: Passou {muito rapidamente/rápido demais}
- CHS Adverbial: {[*(rapidamente)*^{Escopo/IN1}] [*que nem uma bala*^{Qualificador_de_grau}]}

Subpadrão 3 – *Fala que nem cachoeira*.

- Paráfrase: fala muito/demais
- CHS Verbal: {[fala^{Escopo}] [*que nem cachoeira*^{Qualificador_de_grau}]}

Assim, a paráfrase aproximada nos permite identificar o Escopo em cada caso (SAdj., SAdv. e SV), inclusive quando ocorre INI, conforme exemplificado no Subpadrão 2 (CHS Adverbial), em que o EC Escopo não pode ser o verbo *passar*, uma vez que a intensidade promovida pelo EC Qualificador_de_grau *que nem uma bala* não incide sobre tal categoria e sim sobre o SAdv. inferido. Nossa hipótese analítica, neste caso, é que o SAdv. (explícito ou não) promove uma predicação em nível superior, isto é, com escopo na sentença e não no verbo (cf. subseção 5.4.2).

Feitas essas considerações preliminares, apresentamos abaixo uma tabela que identifica os três subpadrões construcionais que serão descritos e analisados, com ilustrações dos seus contextos sintáticos e informações sobre seus percentuais de frequência de ocorrência, permitindo-nos assim uma visão panorâmica daquilo que será discutido nesta seção:

Construção Hiperbólica por Símile:				
Construção de Modificação de Grau instituída por Ampliação de Valência.				
Subpadrão	Escopo	Exemplos	oc.	%
CHS Adjetiva (subpadrão 1)	Sintagma Adjetival	(85) – <i>Este palhaço está {<u>bêbado</u> que nem um gambá}.</i>	268	53,7%
		(86) – <i>Deixou os corpos {<u>moles</u> que nem geleca}.</i>		
		(87) – <i>Tinha a cara {<u>preta</u> que nem carvão}.</i>		
		(88) – <i>Quando a defunta Maria Angu morreu {<u>pobre</u> que nem Jó}...</i>		
CHS Adverbial (subpadrão 2)	Sintagma Adverbial	(89) – <i>Aparecem os primeiros ventos gerais, {<u>doidamente</u>, que nem um bando solto de demônios travessos e brincalhões}</i>	196	39,2%
CHS Verbal (subpadrão 3)	Sintagma Verbal	(90) – <i>Elmer, esse cachorro {<u>fede</u> que nem o diabo}.</i>	35	7,1%
TOTAL			499	100%

Tabela 4: Subpadrões da família da CHS, com ilustrações dos seus contextos sintáticos e informações sobre seus percentuais de frequência de ocorrência.

Nossas investigações iniciais foram intuitivamente direcionadas para o subpadrão construcional 1 (CHS Adjetiva), o que é muito natural ou esperado, pois aquele que parecia ser o padrão construcional geral revelou-se, de fato, o subpadrão com mais *tokens* ou frequência de ocorrência (268oc./53,7%), ou seja, o membro mais convencionalizado e, portanto, mais familiar dessa construção.

O segundo subpadrão construcional (CHS Adverbial) somou 196 ocorrências (39,2%), mostrando-se também bastante profícuo, ao contrário do subpadrão construcional 3 (CHS Verbal), responsável por somente 35 (7,1%) das 499 ocorrências totais.

5.4.1 CHS Adjetiva – subpadrão construcional 1

O subpadrão construcional que traz um SAdj. como EC Escopo é o mais convencionalizado, respondendo por 268 (53,7%) das 499 instâncias de CHS consideradas para análise. Em geral, esse Escopo é lexicalmente instanciado, mas pode haver casos de Instanciação Nula deste EC (cf. cap. 2, subseção 2.6.1) – comparem-se os exemplos abaixo:

(91) – *Eu a dei esse nome Winter, porque [ela^{Item}] é {[pura^{Escopo}] [que nem a neve^{Qualificador_de_grau}]}*.

(Sketchengine/Corpus Lenda de Filmes)

(92) – *É bom ser famoso?*

– *Não sei, mas eu acho que fama é bom, né?*

– *Cara, meu brother, tô {[famoso]^{Escopo/IND}} [que nem cachorro em porta de açougue^{Qualificador_de_grau}]}.*

(Sketchengine/Corpus Lenda de Filmes)

(93) – *Casamento é isso, merda de neném.*

– *E [merda de neném^{Item}] é {[grudenta]^{Escopo/INI}} [que nem areia movediça^{Qualificador_de_grau}]}.*

(Sketchengine/Corpus Lenda de Filmes)

Em (91), o Escopo *pura* aparece lexicalizado no interior do constructo licenciado pela CHS Adjetival, ao contrário do que acontece com os demais, nos exemplos subsequentes, ou seja, em (92), o adjetivo *famoso* é expresso anteriormente ao emprego da CHS, devendo ser recuperado cotextualmente, ao que chamamos “Instanciação Nula Definida” (IND). Por outro lado, no exemplo (93), o Escopo é convencionalmente inferido (*grudenta*, *pegajosa* – ou outro predicador com sinonímia aproximada), não sendo necessária sua explicitação na sentença, configurando-se assim um caso de Instanciação Nula Indefinida (INI).

A tabela abaixo informa os percentuais de frequência de ocorrência das instâncias de CHS Adjetival, aferidos em relação ao fato de terem seu Escopo (ou núcleo graduável)

sintaticamente explícito ou constituírem casos de IND ou INI, com a identificação dos *corpora* em que essas 268 instâncias foram encontradas:

	Ocorrências de CHS Adjativa <i>Corpus do Português</i>	Ocorrências de CHS Adjativa <i>Corpus Legenda de Filmes</i>	Total (%)
EC Escopo expresso	98	77	175oc / 65,3%
INI do EC Escopo	49	42	91oc / 33,9%
IND do EC Escopo	01	01	02oc / 0,8%
Total de instâncias de CHS Adjativa	148	120	268oc / 100%

Tabela 5: Percentuais de frequência de ocorrência da Variável (expressa, IND e INI) nas instâncias de CHS Adjativa.

Conforme havíamos anunciado, a expressão do Escopo é predominante na CHS Adjativa (175oc/65,3%), e essa superioridade mantém-se em ambos os *corpora*. Por outro lado, quando há Instanciação Nula deste EC, quase sempre são casos de INI (91oc/33,9%), o que se justifica pela natureza simbólica e convencionalizada com que esse padrão construcional articula seu processo de superlativação hiperbólica. Voltaremos a esta questão, quando apresentarmos a dimensão figurativa da CHS (seção 5.2).

Os procedimentos notacionais das instâncias de CHS Adjativa (assim como dos outros *types*) são os mesmos utilizados na FrameNet e no Constructicon (cf. subseções 2.6.1 e 2.6.2, respectivamente). As informações são disponibilizadas em camadas que identificam: (i) a natureza semântica dos elementos que participam da construção – EC; (ii) suas funções gramaticais – FG; (iii) os tipos sintagmáticos em que se inserem – TS; (iv) o elemento evocador da construção – EEC e (v) o tipo sintagmático do Constructo – TSCstr.

A seguir, disponibilizamos um quadro que ilustra a anotação constructicográfica do exemplo (29):

(94) – [*Este palhaço*^{Item}] *está* {[*bêbado*^{Escopo}] [*que nem um gambá*^{Qualificador_de_grau}]}.
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Camada	<i>Este palhaço</i>	<i>está</i>	<i>bêbado</i>	<i>que nem</i>	<i>um gambá</i>
EC	Item		Escopo	Qualificador de Grau	
FG	Externo	Cópula	Predicador	Dependente	
TS	SN		SAdj.	SN complementar	
EEC				EEC	
TSCstr			SAdj. Hiperbólico		

Quadro 14: Anotação constructicográfica de uma instância de CHS Adjativa.

Iniciaremos nossas observações pela camada mais baixa (TSCstr), que reconhece a sequência *bêbado que nem um gambá* como um constructo do tipo Sintagma Adjetivo Hiperbólico, formado pela combinação de dois Elementos Construcionais: o EC Escopo e o EC Qualificador_de_grau. Em termos do Constructo descrito à seção 5.2 (Quadro 13), temos a Construção-mãe M {*bêbado que nem um gambá*} integrada pelas construções-filhas F1 [*bêbado*] e F2 [*que nem um gambá*].

A camada medial do quadro acima (camada TS) traz informações sobre o tipo sintagmático de cada um dos Elementos Construcionais da CHS Adjetiva, que é constituída por um SAdj. e por um SN complementar que amplia a valência básica do adjetivo *bêbado*. Compondo o contexto sintático exigido pela CHS, e sem fazer parte integrante dela, temos o SN instanciado por *este palhaço*.

Ascendendo um nível, encontramos a camada FG, que identifica a função gramatical dos constituintes relacionados pela CHS Adjetiva. O adjetivo *bêbado* é identificado como um Predicador bivalente, com escopo sobre o SN *este palhaço* (seu argumento Externo) e o sobre o SN complementar *que nem um gambá* (um tipo de Dependente sintático).

Normalmente, os pesquisadores engajados no *Projeto Constructicon* não realizam anotações a respeito das relações gramaticais que ocorrem internas ao constructo, alegando que esse tipo de informação quase sempre se mostra irrelevante. Por exemplo, para se anotar a Construção inglesa *Rate.speed*, instanciada em *a speed of {[two miles] [per hour]}*, parece desnecessário saber quais dos dois constituintes sintagmáticos internos ao constructo é dependente ou núcleo do outro.

No entanto, a relação sintática que se estabelece entre o Predicador Adjetival (*está*) *bêbado* e o SN que o complementa é especialmente relevante para nossa análise, uma vez que essa relação inscreve a CHS Adjetiva no grupo das construções instituídas por Ampliação de Valência (*Valence-augmenting Constructions*), conforme já analisado (cf seção 5.2).

Além da *Predicação Estativa* instanciada em (94), a CHS Adjetiva também se apresenta (de modo menos frequente) em outros contextos sintáticos, conhecidos na literatura³³ como: *Minioração (Small Clause)*, *Predicado Secundário Orientado para o Objeto* e *Predicado Secundário Orientado para o Sujeito* – o gráfico a seguir informa o

33 Rothstein (1995); Luís Felipe Cunha (2004); Maria José Foltran (2007); entre outros.

percentual de frequência de ocorrência das 268 instâncias de CHS Adjetiva, aferidas conforme o contexto sintático em que figuram:

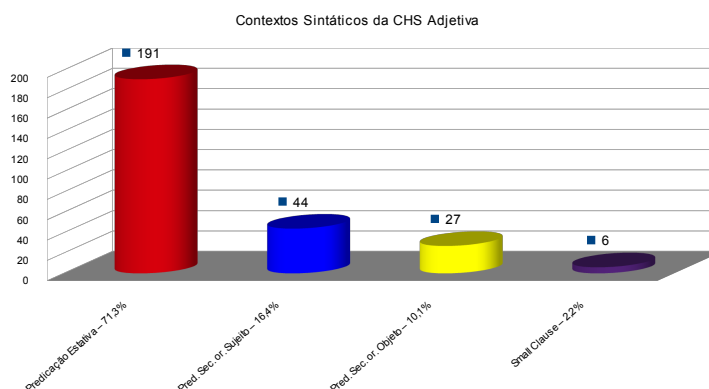


Figura 11: Gráfico de distribuição dos contextos sintáticos da CHS Adjetiva.

As *Small Clauses* que operam na CHS Adjetiva são estruturas complementares internas à predicação matriz/primária. Portanto, seu núcleo predicativo não é a matriz verbal, mas um escopo adjetival que atua independentemente. As instâncias abaixo exemplificam esse contexto sintático:

- (95) – *Quebrou a unidade de refrigeração. Foi ar quente a noite inteira.*
Deixou [os corpos^{Item}] {[moles^{Escopo}] [que nem geleca^{Qualificador_de_grau}]}. Absurdo!
 (Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

- (96) – *Escove-a, escove-a! Que [a^{Item}] porá {[macia^{Escopo}] [que nem veludo^{Qualificador_de_grau}]}. Absurdo!*
 (18:Azevedo:Cortiço/Corpus do Português)

Como se pode notar nas ilustrações acima, o constructo licenciado pela CHS Adjetiva (delimitado por chaves) integra-se a uma estrutura resultativa, composta pela sobreposição de duas predicações: a matriz verbal e uma predicação adjetival que lhe é intrínseca. Em (95), por exemplo, os constituintes sintáticos *os corpos*, *moles* e *que nem geleca* fazem parte da estrutura argumental do verbo *deixar*, atuando conjuntamente, na posição de argumento interno desse predicador. Ao mesmo tempo, esses constituintes complementares estabelecem entre si uma relação predicativa nucleada pelo adjetivo *moles*,

revelando assim toda a complexidade de uma *Small Clause*.

Os Predicados Secundários são contextos sintáticos análogos àquele instituído pela *Small Clause*, ou seja, em ambos os casos ocorre a justaposição de duas relações predicativas: a matriz verbal e uma predicação adjetival. No entanto, os Predicados Secundários distinguem-se pela relação adjuntiva (e não predicativa) que o Sintagma Adjetivo estabelece com o núcleo da predicação matriz, conforme ilustrado abaixo:

- (97) – *Quando [a defunta Maria Angu^{Item/sujeito da matriz}] morreu {[pobre^{Escopo}] [que nem Jó^{Qualificador_de_grau}]}*.
(18:Azevedo:Filha/*Corpus do Português*)

O predicado acima delimitado (entre chaves) não faz parte da estrutura argumental do verbo *morrer*, uma vez que este núcleo predicativo seleciona somente um argumento: *a defunta Maria Angu*. Trata-se, pois, de uma predicação secundária, que se desenvolve independentemente, em adjunção com a matriz verbal, embora compartilhe com esta predicação seu argumento externo. Note que, neste caso, a orientação do Predicado Secundário se dá para o sujeito da matriz.

O quarto contexto sintático apontado no gráfico acima (Figura 11) também remete a uma Predicação Secundária, mas voltada para o objeto da matriz, e não para o sujeito, como no caso anterior. Segue abaixo uma ilustração desse contexto sintático:

- (98) *Havia artigos sisudos, cheios de citações, Léon Say, Leroy-Beaulieu, versos de Racine; havia [epigramas^{Item/objeto da matriz}] (...) {[venenosos^{Escopo}] [que nem uma cascavel^{Qualificador_de_grau}]}*.
(19:Fic:Br:Barreto:Caminha/*Corpus do Português*)

Em (98), o SN *epigramas* realiza-se sintaticamente como objeto da predicação matriz, ao mesmo tempo em que figura como argumento externo do núcleo predicativo *venenosos*.

Enfim, as instâncias de CHS Adjetiva que envolvem predicações estativas constituem um grupo amplamente majoritário (191oc./71,3%), o que pode ser explicado pelo simples fato de que esse tipo de contexto sintático é menos complexo que os demais.

5.4.2 CHS Adverbial – subpadrão construcional 2

O subpadrão construcional que traz um sintagma adverbial como Escopo/Núcleo Graduável responde por 196 (39,2%) das 499 instâncias de CHS consideradas para análise, mostrando-se também muito útil às interações discursivas em Língua Portuguesa – seguem abaixo algumas ilustrações desse subpadrão construcional:

- (99) *Aparecem [os primeiros ventos gerais^{Item}], {[doidamente^{Escopo}], [que nem um bando solto de demônios travessos e brincalhões^{Qualificador_de_grau}]}*.

(18:Azevedo:Mulato/Corpus do Português)

- (100) – *[O Sindicato^{Item}] caiu {[facilmente^{Escopo/INI}] [que nem um patinho^{Qualificador_de_grau}]}*.

(Sketchengine/Corpus Lengenda de Filmes)

- (101) – *É uma loucura! Não sabia que tinha te passado, [Sofie^{Item}]. Está vestida {[despudoradamente^{Escopo/INI}] [que nem uma puta^{Qualificador_de_grau}]}*!

(Sketchengine/Corpus Lengenda de Filmes)

No *subcorpus* investigado, são pouquíssimas as instâncias de CHS Adverbial em que o *slot* equivalente ao SAdv. é lexicalmente explícito, como em (99). Na grande maioria dos casos, esse Escopo/núcleo graduável é trazido à cena por convenções interpretativas, configurando-se casos de INI (exemplos 100 e 101).

Segundo Castilho (1994), predicções qualificadoras envolvendo núcleos adverbiais nos permitem interferir nas propriedades intencionais da classe modificada, **resultando em ênfase**. No caso das instâncias de CHS Adverbial, o SN que amplia a valência básica do núcleo predicativo adverbial (EC Escopo) gera o Símile das entidades confrontantes e tem efeito potencializador dessa ênfase, assegurando uma dimensão hiperbólica no sentido construcional.

Disponibilizamos, a seguir, a anotação constructicográfica de uma instância de CHS Adverbial, em que optamos por transcrever a INI (entre parênteses), proporcionando melhor visibilidade à estrutura sintagmática e ao contexto sintático em que esse subpadrão construcional se insere:

(102) – [*O Sindicato*^{Item}] *caiu* {[*(facilmente)*^{INI}]^{Escopo}} [*que nem um patinho*^{Qualificador de Grau}].

(Sketchengine/Corpus Lenda de Filmes)

Camada	<i>O Sindicato</i>	<i>caiu</i>	<i>(facilmente)</i> ^{INI}	<i>que nem</i>	<i>um patinho</i>
EC	Item		Escopo	Qualificador de Grau	
FG	Externo	Vintr.	Predicador	Dependente	
TS	SN		SAdverbial	SN complementar	
EEC				EEC	
TSCstr			SAdv. hiperbólico		

Quadro 15: Anotação constructicográfica de uma instância de CHS Adverbial.

As camadas FG e TS, que particularizam esse subpadrão construcional, informam a ocorrência de uma predicação adverbial que se relaciona por adjunção com o núcleo verbal da predicação matriz, mas com escopo sobre uma propriedade que esse núcleo atribui ao seu sujeito. Trata-se, pois, de uma **predicação em grau superior** (embora no nível da sentença), tal como postulada por Ilari (1990: 89). No evento descrito em (102), por exemplo, “*facilmente/inocentemente*” (inferível no contexto do Símile (INI)) predica a sentença enunciada, incidindo sobre o verbo *cair* e sobre o sujeito *Sindicato*. Do mesmo modo, em (101), o advérbio inferível *despudoradamente* (outro caso de INI) incide sobre o adjetivo na forma participial (*vestida*) e sobre o sujeito *Sofie*. A predicação adverbial em grau superior promovida pela CHS Adverbial demarca, assim, sua diferença em relação ao subpadrão CHS Verbal, em que o EC Escopo é o verbo.

Outra tendência implicada neste subpadrão é a preferência por estruturas de situação dinâmicas, caracterizadas por eventos de Transição não-durativos, télicos (cf. discussão na próxima subseção), por isso, não passíveis de qualificação, isto é, de graduação em uma escala de intensidade, como ilustra o exemplo (102), em que *cair* é um evento pontual não-graduável (outro exemplo: *Vamos deixar que eles nos ataquem que nem abutres?*)³⁴.

Uma questão a justificar-se, em caráter complementar, é que alguns ECs Escopo, presentes nas instâncias de CHS Adverbial, situam-se em uma zona dita fronteiriça, em que se definem, de acordo com as discussões em curso na literatura linguística, ora como adjetivos,

34 Tal discussão, embora merecedora de ampla atenção, não pôde, dada a complexidade do tema, ser adequadamente explorada neste estudo limitado pelo tempo. Uma agenda de pesquisa interessante a ser cumprida em nova etapa.

ora como advérbios, ora como adjetivos em função adverbial:

(103) – [*Você*^{Item}] *bate* {[*fraco*^{Escopo}] [*que nem uma vadia!*^{Qualificador_de_grau}]}.
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

(104) – *Deve dormir* {[*pesado*^{Escopo}] [*que nem uma pedra*^{Qualificador_de_grau}]}.
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Abordagens mais tradicionais³⁵ assumem que, nesses casos, o adjetivo passa a desempenhar uma função adverbial, ou seja, torna-se invariável e comporta-se como um modificador de evento, com valor específico de advérbio de modo. Por outro lado, abordagens como a de Lobato (2005), preferem assumir os adjetivos adverbiais como “verdadeiros adjetivos em uso adjetival”, alegando que eles predicam uma propriedade nominal relacionada: ao ato verbal (*o bater* (103)), ao produto do evento (por exemplo: *a fala* em falar ou *o canto* em cantar) ou ainda, uma propriedade nominal que está presente na estrutura léxico-funcional do verbo (*o sono* (104)).

Não obstante a importância de uma discussão sobre a classe gramatical desses elementos invariáveis aqui denominados “adjetivos adverbiais”, o que se faz relevante para o presente estudo é o entendimento da sua função adverbial e predicativa em grau superior, conforme já mencionado.

Enfim, até aqui vimos que adjetivos e advérbios atuam nas instâncias de CHS como operadores semânticos de graduação. No entanto, essa noção de escalaridade pode ser projetada diretamente da semântica lexical do verbo – este é o enfoque da próxima subseção.

5.4.3 CHS Verbal – subpadrão construcional 3

O subpadrão construcional cujo EC Escopo é representado por um verbo com propriedades escalares responde por 35 (7,9%) das 442 instâncias de CHS consideradas para análise. Ao contrário do que se viu em relação ao subpadrão anteriormente apresentado, esse Elemento Construcional vem sempre expresso na CHS Verbal, conforme ilustrado abaixo:

³⁵ Dentre essas abordagens, cito a de Cunha e Cintra (2007: 279).

- (105) – *Elmer*, [*esse cachorro*^{Item}] {[*fede*^{Escopo}] [*que nem o diabo*^{Qualificador_de_grau}]}.
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)
- (106) – [*Eu*^{Item}] *estava duro feito pedra e* {[*tremia*^{Escopo}] [*que nem bambu*^{Qualificador_de_grau}]}.
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)
- (107) – *Só digo que* {[*trabalho*^{Escopo}] [*que nem um cavalo*^{Qualificador_de_grau}]}.
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)
- (108) – [*Larry*^{Item}] {[*fuma*^{Escopo}] [*que nem uma chaminé*^{Qualificador_de_grau}]}.
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Disponibilizamos, a seguir, a anotação constructicográfica de uma instância de CHS Verbal retirada dos exemplos acima:

- (109) – *Elmer*, [*esse cachorro*^{Item}] {[*fede*^{Escopo}] [*que nem o diabo*^{Qualificador_de_grau}]}.
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Camada	<i>esse cachorro</i>	<i>fede</i>	<i>que nem</i>	<i>o diabo</i>
EC	Item	Escopo	Qualificador de Grau	
FG	Externo	Predicador	Dependente	
TS	SN	SV	SN complementar	
EEC			EEC	
TSCstr		SV hiperbólico		

Quadro 16: Anotação constructicográfica de uma instância de CHS Verbal.

As anotações realizadas na primeira camada revelam, sobretudo, a atuação do EC Qualificador de Grau sobre uma propriedade escalar que se projeta diretamente da semântica lexical do verbo *feder* (EC Escopo), causando a superlativação em grau hiperbólico dessa propriedade.

A relação de similaridade entre a entidade-alvo *esse cachorro* (EC Item) e a entidade-referente *o diabo* (no EC Qualificador_de_grau) extrapola o constructo licenciado por este padrão construcional (camada TSCstr), atuando complementarmente, como contexto sintático necessário, de modo a assegurar o posicionamento de ambas as entidades na ponta da escala designada pelo EC Escopo em questão.

A contraparte gramatical dessas proposições é uma relação predicativa em que ocorre a expansão da valência básica do verbo *feder* pelo SN complementar *que nem o diabo*, identificado como Dependente sintático na camada FG. Como se pode notar, esse SN complementar é introduzido por um conector (neste caso, o *que nem*) que funciona como Elemento Evocador da Construção (camada EEC).

Uma questão ainda mobilizou nossa pergunta em relação a este subpadrão verbal: qual seria a estrutura de situação/evento requerida por este EC Qualificador_de_grau/EF Valor_hiperbólico? Cabe aqui um pequeno parêntese para definir, ainda que de modo muito sucinto, a estrutura de evento que estamos considerando neste estudo.

Tomamos tais categorias nos termos de Pustejovsky (1992, 1995). Partindo da ideia central de que eventos são compostos de pequenos subeventos articulados por uma forma sintática, o autor postula aqueles que seriam os três principais tipos de eventos: **Estados** (eventos simples, não avaliados em relação a nenhum outro evento – verbos estativos, como: *entender, amar, feder, brilhar*); **Processos** (sequências de eventos identificando a mesma expressão semântica – verbos como: *cantar, nadar, caminhar, fumar, tremer, sangrar*) e **Transições** (eventos identificando uma expressão semântica que é avaliada em relação à sua oposição – *abrir, fechar, construir, cair, morrer*). Nos termos de outros linguistas, e em meio a muitos rótulos e tipologias, podemos sintetizar a diferença entre Processo e Transição da seguinte forma: Processos são estruturas de evento dinâmicas durativas, podendo ser télicas ou atélicas (processos culminados ou não); Transições são estruturas dinâmicas pontuais, télicas.

Encontramos nas instâncias do subpadrão CHS Verbal estruturas de evento não-dinâmicas (Estados) e dinâmicas (Processos), conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (110) *e [a espada^{Item}] {[luzia^{Escopo}] [que nem um brilhante^{Qualificador_de_grau}]}. (Estado)*

(18:Pimentel:Avozinha/Corpus do Português)

- (111) – *Sabes o quê? {[Adoro^{Escopo}] esta tenda [que nem um bicho^{Qualificador_de_grau}]}. (Estado)*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

- (112) – *Ele acaba com você.
[Você^{Item}] {[sangra^{Escopo}] [que nem um porco^{Qualificador_de_grau}]}. (Processo)*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

- (113) – *Só falta* {[*encher a cara*^{Escopo}] [*que nem um louco*^{Qualificador_de_grau}]}. (Processo)
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

- (114) – *Só digo que* {[*trabalho*^{Escopo}] [*que nem um cavalo*^{Qualificador_de_grau}]}. (Processo)
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Nossa observação dos EC Escopos graduáveis destas instâncias de CHS Verbal revelou que as estruturas de evento são predominantemente usadas para expressar aspecto durativo no significado global do enunciado. Naturalmente, que não há espaço neste estudo para a consideração em profundidade de questão tão complexa envolvida nestas estruturas de evento, como a noção de aspecto. Contudo, cabe demarcar que, desconsiderando a visão léxico-semântica que atribui exclusivamente ao radical verbal a noção aspectual, estamos assumindo a noção de aspecto como um fenômeno complexo expresso por diferentes recursos linguísticos que incluem, além da raiz verbal, perífrases verbais, uso dos tempos/modos verbais, alguns adjuntos adverbiais, a predicação como um todo, e mesmo as condições discursivas que favorecem sua emergência.

O que importa demarcar é que – em contraposição ao subpadrão CHS Adverbial em que **prevalecem** as Transições (pontuais, télicas) e em que o EC Escopo recai sobre o SAdv. em nível de predicação superior – temos na CHS Verbal a prevalência de Processos durativos, não télicos, e, por isso, passíveis de graduação em termos de escala de intensidade. Ainda que nossas análises não ofereçam o aprofundamento devido na questão, conforme já explicitado e justificado, configuram, por certo, uma tendência significativa, merecedora de atenção.

5.5 A s relações de Herança da CHS

Conforme discutido à subseção 2.5.6, um dos pressupostos da GrC é de que os signos que integram o léxico e a gramática de um língua não se constituem como listas aleatórias, estando vinculados por elos de motivação e herança. Este é, pois, o foco analítico desta seção. Buscaremos delinear a rede **parcial** de construções à qual se vincula a CHS,

valendo-nos da tipologia proposta por Goldberg (1995: 75-81), composta de quatro tipos de herança (*herança por polissemia*, *herança por subparte*, *herança por instanciação* e *herança por metáfora*), além das heranças múltiplas (situações em que a instância de uma construção é motivada por construções distintas, simultaneamente). O fluxograma a seguir desenha a rede que estamos postulando:

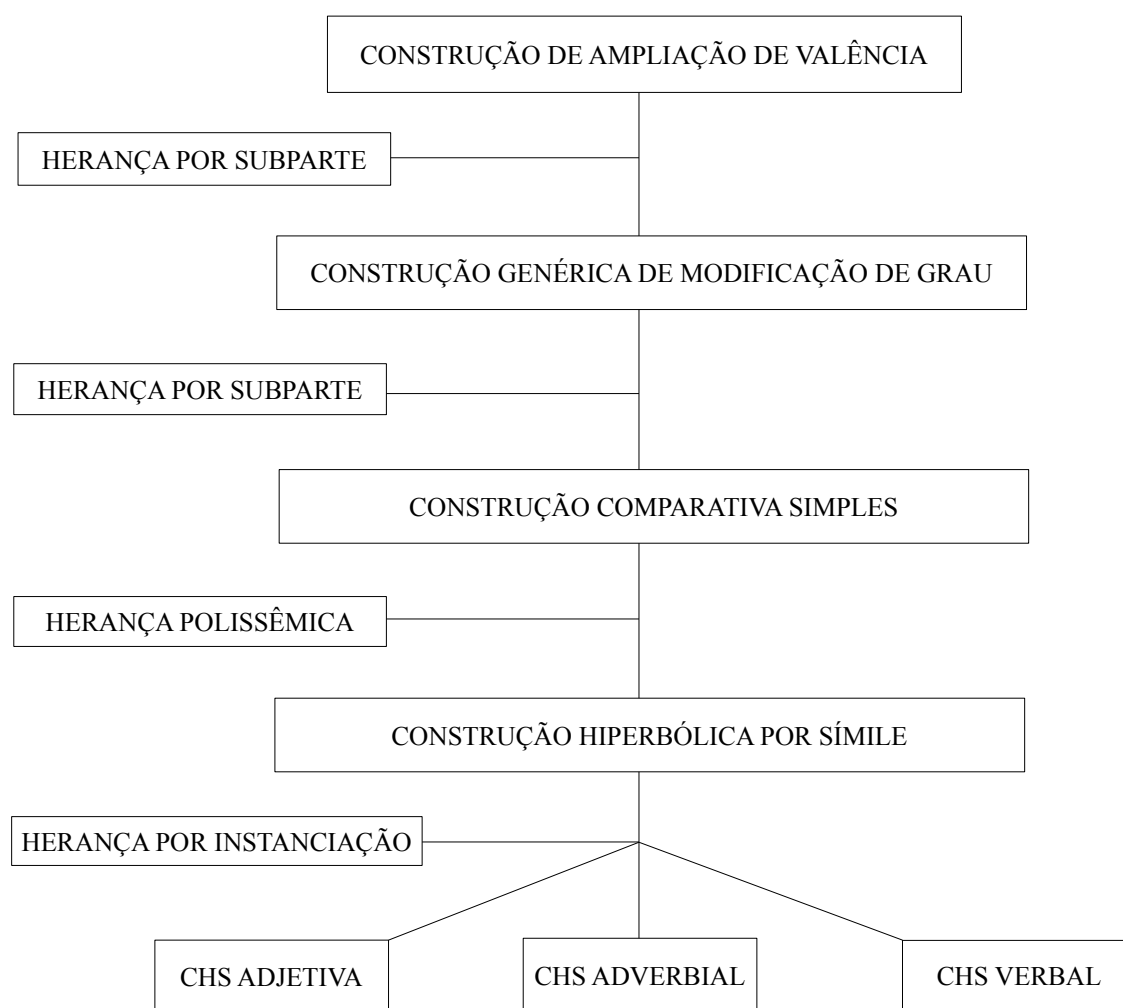


Figura 12: Fluxograma da rede parcial de construções à qual se vincula a CHS.

Os dois primeiros elos na hierarquia de herança se dão por Subparte, uma vez que as especificações sintáticas da Construção Genérica de Modificação de Grau são uma subparte das especificações da Construção de Ampliação de Valência, e as especificações semânticas e sintáticas da Construção Comparativa Simples são uma subparte das especificações da Construção de Modificação de Grau (cf. subseções 2.5.6. e 2.6.2). A CHS,

por sua vez, é uma construção de base comparativa que envolve a ampliação de valência de seu EC Escopo e, mediante projeção por Símile (e consequente hipérbole deste EC), estende o significado da Construção Comparativa Simples, instituindo-se assim um elo polissêmico entre elas. Por fim, os subpadrões CHS Adjetiva, CHS Adverbial e CHS Verbal são casos da construção-mãe CHS e, como tal, configuram-se a partir de elos por Instanciação.

Passamos então às próximas seções deste capítulo, que discutem, respectivamente, a dimensão figurativa e as características discursivas da CHS.

5.6 A dimensão figurativa da Construção Hiperbólica por Símile

A CHS, objeto deste estudo, caracteriza-se conceptualmente por proporcionar uma graduação hiperbólica que se projeta no estabelecimento de uma relação de analogia entre duas entidades distintas. Três mecanismos cognitivos operam diretamente nesse processo de conceptualização: (i) o *frame* Posição_máxima_em_uma_escala, que perfila a natureza hiperbólica da construção; (ii) uma projeção figurativa por Símile, que estrutura a relação de analogia com um item de polaridade e (iii) uma Metonímia, responsável pela ativação de um protótipo no domínio evocado pela EF Variável em jogo. Os dois últimos itens integram a discussão da presente seção.

Em relação ao item (i), já discutido à subseção 5.1, cabe lembrar que o *frame* Posição_máxima_em_uma_escala, herdeiro do *frame* Position_on_a_scale, perfila três EFs nucleares que se combinam para marcar o posicionamento de uma entidade-alvo (EF Item) no ponto máximo de uma escala, em relação a um escopo/núcleo graduável (EF Variável) que é modificado por um item de polaridade (EF Valor_hiperbólico). O item de polaridade é, nesta construção, uma entidade confrontante socioculturalmente marcada e consolidada pelo uso. Com vistas ao avanço na discussão do caráter projetivo da CHS, ilustrações anotadas a seguir retomam a distribuição dos EFs na CHS:

(115) – *Eu não preciso de remédio, eu sou forte que nem UMA BEZERRA.*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

(116) *Todos os dois tinham amor por uma cabocla cheirosa que nem A FLOR DO MANACÁ.*

(19:Fic:Br:Barreto:Urbana/Corpus do Português)

(117) – *O que quer beber?*

– *Vinho! Vinho tinto que nem SANGUE!*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Nas instâncias de CHS acima, os itens de polaridade *uma bezerra*, *a flor do manacá* e *sangue* (EFs Valor_hiperbólico), responsáveis pelas hipérboles dos escopos/núcleos graduáveis *forte*, *cheirosa* e *tinto* (EFs Variável), estão dispostos em relações de analogia com as entidades-alvo *eu*, *uma cabocla* e *vinho* (EFs Item), respectivamente.

Conforme mencionamos no capítulo teórico (subseção 2.4.2), as analogias que se configuram na CHS são formas explícitas de comparação essencialmente figurativas, conhecidas na literatura como *Símiles*. Esse tipo de estrutura permite a realização de inesperadas conexões entre entidades que pertencem a domínios distintos (Fonte e Alvo), como, por exemplo, entre pessoas e veículos (*Ela veio que nem uma locomotiva*), brinquedos e animais (*Bicicleta boa é que nem bezerro bravo*), doenças e instituições sociais (*Tuberculose é que nem casamento*), etc.

Sabemos que uma locomotiva é um veículo pesado, muito difícil de se conter quando atinge certa velocidade, ou que bezerros bravos pulam freneticamente quando montamos neles, ou ainda, que o sucesso de um casamento depende de muitos cuidados. Portanto, conforme observa Miller (1993), para que possamos interpretar os motivos não-óbvios pelos quais a similaridade é concebida nos Símiles, é necessário a realização de inferências que se baseiam em informações contextuais e/ou na experiência de vida.

De fato, estamos assumindo neste estudo que, embora constituam formalmente uma estrutura de comparação, os Símiles instanciados na CHS não só descrevem as entidades-alvo, mas também (e principalmente) conferem um valor hiperbólico aos EF Variáveis em jogo, funcionando, assim, como uma estratégia argumentativa de relevo no embate discursivo. Neste caso, é lícito afirmar que a figuratividade das expressões em Símile converge com a noção de ênfase veiculada pelo padrão construcional em foco.

Considerada a natureza projetiva do Símile, uma nova questão mobilizou nossa investigação, qual seja, **a natureza semântica das categorias que preenchem os slots disponíveis pela CHS, configurando os domínios-fonte e alvo**. Começando pelo domínio-

alvo, disponibilizamos, a seguir, uma pequena ontologia (com suas hierarquias) das categorias conceptuais que contemplam os diferentes tipos de entidade-alvo (EF Item) instanciados no ambiente sintático requerido pela CHS, com a frequência de ocorrência aferida em relação ao total de representações desse padrão construcional no *subcorpus* constituído para este estudo (total de 501 ocorrências).

CHS: CATEGORIAS CONCEPTUAIS DO DOMÍNIO-ALVO			EXEMPLOS	oc.	
SLOT: EF ITEM					
Entidade concreta (470 oc.)	Entidade viva (407 oc.)		Pessoa	<i>mãe, Heitor, criança</i>	334
		Humano (384 oc.)	Parte do corpo	<i>cabelo, cara, pulso</i>	39
			Personagem	<i>gelicais</i>	01
			Povo	<i>argentino, americano</i>	02
			Profissão	<i>palhaço, comandante</i>	08
		Animal (16 oc.)	Terrestre	<i>cachorro, porco</i>	12
			Aéreo	<i>cotovio, mosca</i>	04
		Vegetal (7 oc.)	Planta	<i>Cogumelo, cana,</i>	03
			Árvore	<i>Sobreiro, árvore</i>	02
			Fruto	<i>ameixa, pêra</i>	02
	Entidade imaginária (02 oc.)			<i>boitatá, diabo</i>	02
	Alimento (08 oc.)	Bebida	<i>cerveja, vinho</i>	03	
		Comida	<i>tofu, espaguete</i>	05	
	Substância (4 oc.)	Orgânica	<i>Merda, sangue</i>	03	
		Artificial	<i>cerol</i>	01	
	Localização (16 oc.)	Moradia	<i>quarto, cortiço, casa</i>	09	
		Local público	<i>estrada, largo, rua</i>	06	
		Povoado	<i>Chitato</i>	01	
	Artefato (21 oc.)	Ferramenta	<i>pena</i>	01	
		Brinquedo	<i>bicicleta, fadas de pano</i>	02	
		Veículo	<i>carro, trator</i>	08	
		Vestuário	<i>vestido, brinco</i>	06	
		Arte	<i>disco</i>	01	
Armamento		<i>bala, espada</i>	03		
Entidade da natureza (09 oc.)			<i>ar, sol, cobre, mica</i>	09	
Som (03 oc.)			<i>salva, voz</i>	03	
Entidade_abstrata (22 oc.)	Estado (15 oc.)	Sentimento	<i>amizade, amor, bondade</i>	11	
		Doença	<i>tuberculose</i>	01	
		Qualidade	<i>agilidade, sutileza</i>	02	
		Condição	<i>pobreza</i>	01	
	Instituição (03 oc.)			<i>sindicato, casamento</i>	03
	Tempo (01 oc.)			<i>ano</i>	01
	Notícia (03 oc.)			<i>comentário, epigrama</i>	03
Eventos (9 oc.)	Ação (04 oc.)			<i>olhar, repuxo, safanão</i>	04
	Fenômeno da natureza (05 oc.)			<i>nevoeiro, noite, vento</i>	05

Tabela 6: Categorias Conceptuais que instanciam o EF Item na CHS.

Em relação à ontologia acima, destaca-se a abundância da conceptualização do EF Item em vários domínios, sendo contemplado por nada menos que 36 subcategorias conceptuais, que vão de entidades vivas a artefatos, de localizações concretas a instituições sociais e de estados emocionais a fenômenos da natureza, em uma exposição que revela a riqueza semântica e a quase ausência de restrição de seleção do EF Item (FG: Externo) no cenário eleito pela CHS – seguem abaixo algumas ilustrações:

- (118) **Os argentinos** *dormem que nem pedra.* (Humano)
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)
- (119) **A espada** *luzia que nem um brilhante.* (Artefato)
(18:Pimentel:Avózinha/Corpus do Português)
- (120) **E todo o cortiço** *ferveu que nem uma panela ao fogo.* (Localização)
(18:Azevedo:Cortiço/Corpus do Português)
- (121) **O sindicato** *caiu que nem um patinho.* (Instituição)
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)
- (122) **A bondade** *é que nem chuva no Sertão.* (Sentimento)
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)
- (123) **Um nevoeiro** *espesso que nem sopa de ervilhas.* (Fenômeno da natureza)
(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Dentro desta multiplicidade, contudo, ganha relevo a forte incidência do EF Item na subcategoria conceptual ‘Pessoa’ (são 334 ocorrências, que respondem por 67% dos usos da CHS presentes no *subcorpus*). De fato, a subcategoria ‘Humano’ que engloba a subcategoria ‘Pessoa’ responde por 384 ocorrências, aproximadamente três quartos do percentual de uso desse padrão construcional. Essa presença marcante de seres humanos como representativos do EF Item na CHS parece fundamentar-se na predisposição e habilidade humana para construir identidades e aprender em termos de projeções entre contrapartes, tal como observado por Tomasello (1999), não só reconhecendo-se como os da sua própria espécie, mas também em relações de semelhança com outras entidades.

Em relação ao preenchimento lexical do domínio-fonte, nossa investigação levou, de igual modo, a uma ampla rede de categorias semânticas que ocupam o *slot* promovido pelo EF Valor_hiperbólico (EC Qualificador_de_grau), como se observa na ontologia abaixo:

CHS: CATEGORIAS CONCEPTUAIS DO DOMÍNIO-FONTE SLOT: EF VALOR_HIPERBÓLICO			EXEMPLOS	oc.	
Entidade concreta (469 oc.)	Entidade viva (298 oc.)	Pessoa	criança, irmão, mãe, velho	24	
		Parte do corpo	cabelo, traseiro, nariz	03	
		Humano (106 oc.)	Marginalizado	negro, idiota, menino de rua,operário	30
		Personagem	Zangado, Kobe, Tyson, Jó	11	
		Povo	mouro, saloia, japonês,	07	
		Prof./tít./voc.	político, puta, rainha, freira	31	
		Animal (154 oc.)	Terrestre	porco, gambá, pato, cascavel	125
			Aéreo	canário, abelha, abutre, inseto	19
			Aquático	Tubarão, ostra, muçu	10
		Vegetal (38 oc.)	Planta	baunilha, vara verde, fumo	15
	Árvore		pinheiro, oliveira, pessegueiro	08	
	Fruto		romã, jenipapo maduro, cereja	13	
	Flor		flor do manacá, cravo	02	
	Entidade imaginária (18 oc.)	Místico	diabo, demônio, capeta	08	
		Mito	moira, olharapo, zumbi	10	
	Alimento (30 oc.)	Bebida	mel, vinho, caldo, azeite	06	
		Comida	ovo, pimenta, baguete, pipoca	24	
	Substância (13 oc.)	Orgânica	sangue, unto, breu, merda	10	
		Artificial	grude, lixo, droga	03	
	Localização (13 oc.)	Local público	capela, cemitério, avenida	04	
		Construção	boca de fofnalha, esgoto, chaminé	05	
		Local imaginário	inferno, paraíso	02	
		Natureza	colmeia, pântano,	02	
	Artefato (66 oc.)	Ferramenta	sonda, navalha, lápis, faca	06	
		Brinquedo	geleca, bola, pião, pipa	05	
		Dinheiro	nota de 3	01	
		Veículo	locomotiva, torpedeiro, foguete	04	
		Vestuário	santo sudário, veludo, luva	12	
		Arte	livro, bandeira	03	
		Utilitário	fuso, pilha, enceradeira, esponja	27	
		Armamento	flecha, bala de revólver , bomba	08	
	Entidade da natureza (29 oc.)		cachoeira, fogo, rio, lua	29	
	Som (2 oc.)		toada de flauta, trompa enferrujada	02	
Entidade abstrata (7 oc.)	Estado (5 oc.)	Doença	câncer, urticária, lepra	04	
		Condição	miséria	01	
	Instituição (1 oc.)		casamento	01	
	Tempo (1 oc.)		século	01	
Eventos (25 oc.)	Ação (6 oc.)		feitiço, obra do Sujo	06	
	Fenômeno da natureza (19 oc.)		raio, neve, saraiva, furacão, vento	19	

Tabela 7: Categorias conceituais que instanciam o EF Valor_hiperbólico na CHS.

A presença marcante de EFs Valor_hiperbólico que contemplam a categoria 'Entidade Viva' (298oc./59,5%) repete, em parte, o resultado obtido na ontologia do domínio-alvo (407oc./81,2%). Todavia, enquanto o EF Item (domínio-alvo) é amplamente representado por Entidades Humanas (384oc./76,6%), o EF Valor_hiperbólico (domínio-fonte) privilegia a categoria Animal (154oc./30,8%), como ilustram os exemplos a seguir:

(124) *Todos os Lindon comem que nem* **porcos**.

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

(125) *Little Felix cantava para mim que nem* **um canário de olhos esbugalhados**.

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

(126) *Eles andam te cercando que nem* **tubarões**.

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

Ao que parece, na mesma (alta) frequência com que conceptualizamos metaforicamente PESSOAS em termos de ANIMAIS (LAKOFF & JOHNSON, 1980; ALBERGARIA, 2008), entendendo assim que traços de animais são projetados em características humanas, o Símile PESSOAS SÃO COMO/QUE NEM ANIMAIS, que seleciona especificamente um desses traços compartilhados e que mantém as identidades dos seres em confronto (conforme discutiremos mais adiante, subseção 5.5.1), também constitui uma importante forma desse tipo de conceptualização na Língua Portuguesa, amplamente utilizada em nossas interações discursivas.

Quanto às categorias que preenchem o EF Variável, ou seja, o núcleo graduável (EC Escopo) da CHS, nossa investigação revelou que mais da metade delas (276oc./55%) não aparece lexicalizada na construção, ou seja, são casos de INI atualizados por convenções interpretativas. De fato, há uma relação inversamente proporcional entre a não lexicalização do EF Variável/EC Escopo e o potencial emblemático de determinadas entidades (EF Valor_hiperbólico) para referenciar a Variável em grau superlativo hiperbólico. São exemplos desse tipo de convencionalização: *o patinho pela sua inocência, o touro pela sua força, a besta pela sua incapacidade de raciocinar, o porco pela falta de higiene ou pela sua capacidade de comer, a vara verde pela sua flexibilidade, a pedra pelo seu peso, imobilidade ou rigidez, o carvão pela sua coloração, o ovo pela sua repleção, o fuso/relogio pela sua correção, o raio ou o vento pela sua velocidade, o ouro pela sua capacidade de reluzir, o*

capeta pela sua feiura, entre outros.

A tabela abaixo apresenta as categorias em questão, organizadas de modo que nos permitam captar generalizações fundadas na nossa capacidade motora, percepção sensorial, reações físicas, capacidade cognitiva e situação em que nos encontramos. Tais categorias vêm acompanhadas de alguns ECs Quantificador_de_grau ilustrativos, capazes de evocá-las, bem como da frequência de ocorrência e percentual de cada uma, aferidos em relação às 501 ocorrências totais deste padrão construcional no *subcorpus*.

	EF Variável	EC Quantificador_de_grau	oc.	%
CAPACIDADE MOTORA	VELOCIDADE (rapidez, lentidão)	<i>que nem um rabo de vento; lesma</i>	46	9,2%
	AGILIDADE	<i>que nem um cabrito montês</i>	14	2,9%
	FORÇA	<i>que nem uma bezerra</i>	10	1,9%
	RESISTÊNCIA (trabalhar, falar, cantar, girar, apanhar, reclamar, grudar)	<i>que nem mouro; enceradeira; canário; boi-ladrão; grude</i>	20	3,9%
	INCONTINÊNCIA	<i>que nem uma locomotiva</i>	01	0,2%
	PRECISÃO	<i>que nem relógio</i>	08	1,6%
	EQUILÍBRIO	<i>que nem japonês</i>	01	0,2%
	PROXIMIDADE	<i>que nem irmãos</i>	06	1,2%
	IMOBILIDADE	<i>que nem uma ostra narcoléptica</i>	07	1,3%
	INGESTÃO (embriagar-se, comer, fumar)	<i>que nem gambá</i>	16	3,3%
	FACILIDADE	<i>que nem um patinho</i>	14	2,9%
	DESTRUTIBILIDADE	<i>que nem um câncer</i>	12	2,4%
	CRESCIMENTO	<i>que nem roça de milho</i>	02	0,3%
	SUTILEZA	<i>que nem sombra</i>	02	0,3%
	TREINAMENTO	<i>que nem o Kobe</i>	01	0,2%
	CERCAMENTO	<i>que nem tubarões</i>	01	0,2%
	AGUERRIMENTO	<i>que nem cão e gato</i>	01	0,2%
	CAPRICHOS	<i>que nem campanha de publicidade</i>	01	0,2%
	PENETRAÇÃO	<i>que nem uma sonda</i>	01	0,2%
PERCEPÇÃO SENSORIAL	VISÃO (cor, brilho)	<i>que nem carvão; lâmpada</i>	33	6,5%
	AUDIÇÃO	<i>que nem trovoada</i>	09	1,8%
	OLFATO (cheiro ruim, perfume)	<i>que nem esgoto; baunilha</i>	07	1,3%
	TATO (maciez, consistência, rigidez, espessura, fragilidade, escorregadio)	<i>que nem penugem de rôla; geleca; cerdas de javali; alfirmes; azeite...</i>	26	5,2%
	PALADAR	<i>que nem mel</i>	04	0,8%
	MÚLTIPLOS SENTIDOS (tamanho, peso, repleção, quantidade, estreiteza, altura)	<i>que nem ratazanas; ovo; chumbo; terra; fiapo de capim; pinheiro...</i>	34	6,8%

	EF Variável	EC Quantificador_de_grau	oc.	%
REAÇÕES FÍSICAS	CALOR	<i>que nem boca de fornalha</i>	12	2,4%
	TREMEDEIRA	<i>que nem vara verde</i>	10	1,9%
	OFEGÂNCIA	<i>que nem um touro</i>	01	0,2%
	TRANSPIRAÇÃO	<i>que nem operários</i>	04	0,8%
	CEGUEIRA	<i>que nem filhote de rato</i>	01	0,2%
	SOLTAR PÊLO	<i>que nem cachorro</i>	01	0,2%
	SANGRAMENTO	<i>que nem pipa espichada</i>	01	0,2%
CAPACIDADE COGNITIVA	ATENÇÃO	<i>que nem uma águia</i>	07	1,3%
	MALÍCIA	<i>que nem um saloia de Fontanelas</i>	06	1,2%
	COMPETÊNCIA	<i>que nem gerente de banco</i>	02	0,3%
	IGNORÂNCIA	<i>que nem um burro</i>	09	1,8%
	SERIEDADE	<i>que nem abadessa de convento</i>	03	0,6%
	DISPLICÊNCIA	<i>que nem uma cabra estavanada</i>	02	0,3%
	COMPLEXIDADE	<i>que nem casamento</i>	02	0,3%
	ALUCINAÇÃO	<i>que nem drogas</i>	01	0,2%
	CERTEZA	<i>que nem moira</i>	01	0,2%
SITUAÇÃO	DIFERENÇA	<i>que nem noite e dia</i>	04	0,8%
	CONDIÇÃO (deserção, prestígio, pobreza, riqueza, abandono, reclusão, raridade, insignificância, liberdade)	<i>que nem cemitério; rainha; jó; negra cativa; passarinho; cachorro; monstro do Lago Ness...</i>	43	8,6%
	ESTADO (aflição, timidez, desânimo, mal-estar, envelhecimento, surpresa, mansidão, despudor, humilhação, sofrimento, inconveniência, tranquilidade, comodidade)	<i>que nem asas de passarinho; seminarista; boi castrado; choque; cordeiro; puta; bicho; burro de carga; criança; uma luva...</i>	51	10,3%
	QUALIDADE (vendabilidade, pureza, elegância, beleza/feiúra, limpeza, mau gosto, masculinidade, sujeira, afiação, gordura, avareza, venenosidade, marca)	<i>que nem pão; neve; cavalo de circo; o diabo; toada de flauta; machões; merda; navalha; uma vaca; cascavel; o santo sudário...</i>	32	6,9%
	SENTIMENTO (alegria, raiva, desejo, insensibilidade, caridade, consolo)	<i>que nem crianças; fera; boi magro à vaca; abutres; copo d'água...</i>	31	6,3%
TOTAL			501	100%

Tabela 8: Categorias conceituais que instanciam o EF Variável/EC Escopo na CHS.

Em primeiro lugar, destacamos a prevalência do EF Variável mais vinculado ao domínio físico; são 307oc./61,3% distribuídas entre Capacidades Motoras, Percepções Sensoriais e Reações Físicas, contra 194oc./38,7% que pertencem ao domínio abstrato das Capacidades Cognitivas, Condições, Qualidades, dos Estados e Sentimentos. Tal constatação faz sentido para a Linguística Cognitiva, uma vez que, de acordo com essa perspectiva, os

sistemas conceptuais humanos ancoram-se universalmente “em nossa experiência sensório-motora e nas estruturas neurais que lhes dão origem” (LAKOFF & JOHNSON, 1999: 77). Assim, os padrões ou *gestalts* emergiriam da experiência direta de nossos corpos no mundo, caracterizando uma continuidade básica entre biologia, cultura, língua e cognição.

Também é notória a incidência elevada de três dessas categorias: Velocidade (46oc./9,2%), Visão (33oc./6,5%) e Tato (26oc./5,2%). Não coincidentemente, essas categorias estão profundamente arraigadas à natureza humana e ao modo como nos comportamos socioculturalmente: a velocidade (ou melhor, a alta velocidade) parece ser uma compulsão; impulsionada pela tecnologia, ela é experimentada atualmente em parâmetros e domínios sem precedentes, modelando comportamentos e redefinindo conceitos. A Visão e o Tato, ao que parece, são os sentidos mais proficientes na nossa interação com a realidade que nos cerca.

5.6.1 O Símile como uma rede de integração conceptual

De modo a facilitar o percurso analítico desta subseção, cabe retomar os principais pontos demarcados na definição do Símile e/ou na consideração da sua diferença em relação à Metáfora (cf. seção 2.4). Em síntese, são estes os pontos consensuais na bibliografia visitada: (i) o Símile é uma forma de comparação; (ii) esta comparação é explícita e (iii) envolve entidades que não são normalmente consideradas comparáveis, o que implica, de algum modo, o seu caráter figurativo. Estes pontos nos parecem já garantidos em nossas análises.

Um ingrediente novo nesta discussão decorreu dos estudos de Shibata et al. (2012) sobre o funcionamento cerebral envolvendo a compreensão de Símile e Metáforas, em que se comprovaram diferenças quanto às regiões cerebrais ativadas e quanto ao tempo de reação para se processar a interpretação, sugerindo maior elaboração neural em relação às Metáforas. Neste aspecto, cabe-nos apenas juntar mais este argumento de autoridade ao nosso discurso; não temos, em nossas discussões linguísticas, como ir além.

A tais achados soma-se a hipótese formulada neste estudo acerca da diferença de natureza entre a rede de integração conceptual (processamento em *blending*/mesclagem – cf. subseção 2.4.2) da Metáfora e do Símile. É nesta direção que passamos a argumentar, tendo a CHS como nossa evidência.

Tomemos uma instância da CHS para desenhar seu processamento em mescla:

(127) *Vi à minha frente um homem alto que nem uma torre.*

(19:Fic:Pt:Redol:Fanga/Corpus do Português)

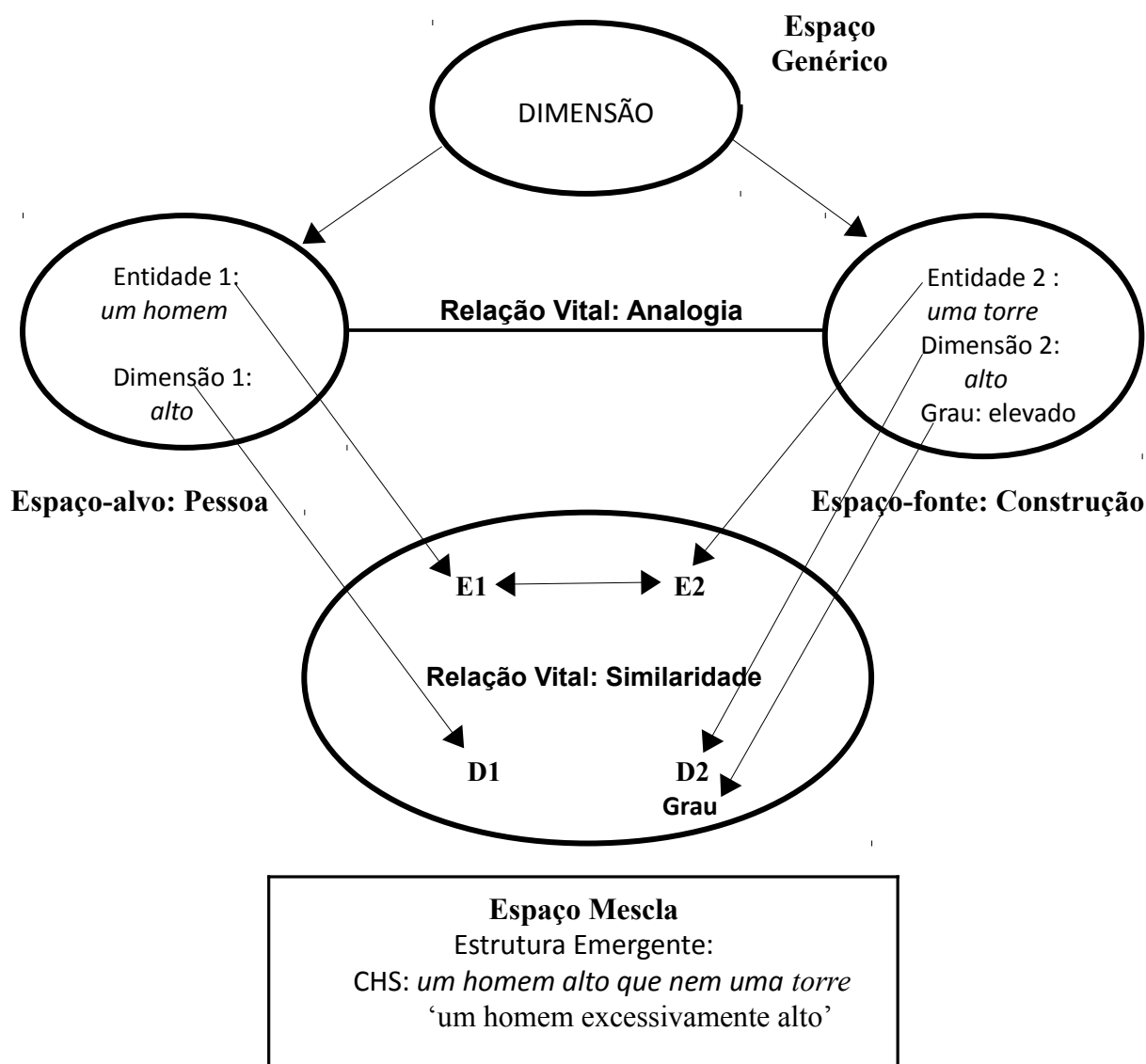


Figura 13: A mescla na CHS.

Propomos, assim, o mesmo enquadre organizador dos Espaços Fonte (Construção) e Alvo (Pessoa) a partir do espaço de homologia entre os mesmos – o Espaço Genérico instituído pelo *frame* de Dimensão. Temos, portanto, os mesmos Elementos de *Frame* (EF) participantes na cena (EF Entidade 1: *um homem* e EF Entidade 2: *uma torre*; EF Dimensão: *alto*). O artefato *torre* envolve a marca de EF Grau (‘elevado’). A relação Vital de

Analogia entre Pessoa e Artefato promove o mapeamento e a compressão entre os Espaços, tendo um caráter imprevisto, inusitado, o que gera o conflito entre os Espaços-fonte e alvo. Por meio de Relação Vital de Similaridade, os elementos de cada domínio são mapeados no Espaço Mescla. A Estrutura Emergente desta mesclagem – a CHS *um homem alto que nem uma torre* – implica uma inferência hiperbólica decorrente do estabelecimento de uma escala entre entidades conflitantes – o que traz para *um homem* uma altura em escala máxima, altura hiperbólica. Temos, assim, uma REDE EM ESPELHO (FAUCONNIER & TURNER, 2002: 122-124), o que configura, neste caso, a presença de uma projeção figurativa (Símile).

O que estamos postulando – ainda que de maneira embrionária (e passível correções futuras) – como contribuição deste estudo é que a Metáfora e o Símile têm um traço comum em seu processamento: são ambos motivados por uma Relação Vital de Analogia entre espaços (*frames*) distintos/conflitantes entre si. A diferença cognitiva entre tais figuras estaria nos distintos tipos de rede e de relação vital promovidos por tais projeções figurativas. Enquanto a Metáfora implicaria a compressão por Relação Vital de Identidade e uma Rede de Escopo Único (cf seção 2.4.2), o Símile se daria via compressão por Relação de Similaridade no Espaço Mescla, a partir de uma Rede em Espelho.

Esta é, por certo, uma discussão merecedora de maior aprofundamento e de uma agenda de trabalho mais demorada, o que, em termos deste estudo, teve seus limites e, por certo, suas imprecisões.

5.6.2 As bases metonímicas do Símile

Em nossa explanação teórica (subseção 2.4.3), definimos a Metonímia como um tipo fundamental de relação cognitiva, experiencialmente motivada, que se processa dentro de um único domínio conceptual, promovendo a ativação de um conceito-alvo a partir de um conceito-fonte mais acessível. As análises empreendidas nesta seção nos dão o suporte para a postulação das bases metonímicas do Símile. Tomemos um exemplo:

(128) [*Roletes de cana*^{Item}]! *Quem se habilita? Estão* {[*doces*^{Escopo}] [*que nem mel*^{Qualificador_de_grau}]}. .

(19:Fic:Br:Gattai:Cronica/Corpus do Português)

A escolha da categoria que preenche o *slot* de EF Valor_hiperbólico/no EC Qualificador_de_grau dependerá do valor **prototípico** de um de seus membros dentro do domínio do EF Variável/EC Escopo (Velocidade, Agilidade, Força, Visão, Paladar, Calor, Atenção, Estado, etc. - cf. tabela 8), o que faz supor um processamento metonímico no preenchimento lexical deste Elemento da Construção. No exemplo acima, o EF Valor hiperbólico *mel* emerge como um efeito prototípico (um melhor exemplo, um estereótipo, um padrão, um tipo ideal) dentro de um domínio-fonte que é organizado em termos da dimensão Paladar/Doçura (EF Variável/EC Escopo). Portanto, o princípio metonímico envolvido na conceptualização da CHS consiste na atribuição da PARTE pelo TODO, que permite referenciar um conceito (Doçura excessiva) por outro (*mel*), dada a relação de pertença que se estabelece entre eles.

Cabe considerar também que, por se tratar de um padrão construcional (CHS), é previsível que todas as entidades posicionadas dentro do EC Qualificador_de_grau recebam grau hiperbólico. Em outras palavras, o sentido construcional, em termos gestálticos, ultrapassa o sentido lexical, permitindo que o *slot* de EF Valor_hiperbólico/no EC Qualificador_de_grau seja preenchido por rimas, palavras inventadas, xingamentos, entre outros, que apontam esse valor hiperbólico, conforme ilustrações abaixo:

(129) *E eu galopeava atrás da tnhosa, pracadá, pracadá! Que nem um inferno!*

(18:Azevedo:Mambembe/Corpus do Português)

(130) *Quando eu não tô afim, trato que nem porra louca, aí ficam apaixonadas.*

(19Or:Br:Intrv:Web/Corpus do Português)

(131) *A maioria de vocês se veste que nem merda.*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

(132) *Não há nenhum cara por aqui que mexa num Ferrari como eu. Sou conhecido de cabo a rabo como “rente que nem pão quente”.*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

(133) *Estou ligado que nem um filho da puta, Brad.*

(Sketchengine/Corpus Legenda de Filmes)

5.7 A distribuição discursiva da Construção Hiperbólica por Símile

Nossas reflexões sobre a dimensão discursiva da CHS fundamentam-se principalmente no detalhamento fornecido pelo *Corpus do Português* acerca das variações de registro e dialeto em que se inscrevem as instâncias desse padrão construcional identificadas no século XX.

Conforme o delineamento proposto, foram contempladas em termos de registro as Modalidades de uso Oral e Escrita. A Modalidade Oral contemplou os Domínios Discursivos Interpessoal (Gênero Conversa espontânea) e Jornalístico (Gênero Entrevista), já a Modalidade Escrita relacionou textos que se enquadram nos Domínios Discursivos: Ficção (Gêneros: Romance, Crônica, Conto e Novela), Acadêmico (Gêneros: Enciclopédia e Texto científico) e Jornalístico (Gênero: Noticiário).

A tabela 3 abaixo ilustra como as instâncias de CHS estruturadas com *que nem* distribuíram-se discursivamente em termos dos registros mencionados, com suas frequências de ocorrência aferidas em relação ao total de instâncias que este padrão construcional apresentou no século XX (percentual) e ao número de palavras inscritas em cada variação (por milhão):

INSTÂNCIAS DE CHS (com <i>que nem</i>) IDENTIFICADAS NO SÉCULO XX				
	Registro	oc.	%	por milhão
Modalidade Escrita 18.180.907 palavras	Domínio Acadêmico 5.754.506 palavras	-	-	-
	Domínio Jornalístico (Noticiário) 6.488.917 palavras	07	4,2%	1,1
	Domínio Ficção 5.937.484 palavras	150	91%	25,3
Modalidade Oral 2.083.296 palavras		08	4,8%	3,8
TOTAL		165	100%	-

Tabela 9: Distribuição das instâncias de CHS estruturadas com *que nem* (séc.XX), conforme a Modalidade de uso e Domínio Discursivo em que se inscrevem.

Em primeiro lugar, os dados quantificados na tabela 3 não devem ser considerados isoladamente no julgamento da convencionalidade desse padrão construcional, uma vez que se referem somente às instâncias de CHS estruturadas com o conector de similaridade *que nem*, ou seja, não estão computadas ali aquelas instâncias estruturadas com conectores

análogos (por exemplo, *igual*, *tal qual*, *feito* e *como*), que aumentariam consideravelmente a frequência de ocorrência desse padrão construcional na Língua Portuguesa.

Quanto à distribuição, surpreendeu-nos a incidência destacada da CHS estruturada com *que nem* na Modalidade Escrita (157oc), mais precisamente no Domínio Ficção (150oc), que responde por 91% do total de ocorrências atestadas. Ao mesmo tempo, causou-nos estranhamento a fraca incidência desse padrão construcional na Modalidade Oral (apenas 7oc.), entre outras razões, por estarmos convictos do processo de mudança linguística que promove a reanálise do *que nem* como um conector de similaridade na CHS, fenômeno este que deveria ser mais notório na oralidade.

Essas inquietações nos levaram a investigar qual tipo de interação discursiva estaria sendo praticado nos excertos narrativos em que se inscrevem as instâncias de CHS. Havia a expectativa de que os textos representativos da Modalidade Escrita/Domínio Ficção estivessem impregnados de mecanismos retóricos, tais como diálogos e solilóquios, que atualizam a cena discursiva com naturalidade e vivacidade, conferindo à linguagem um caráter informal – a tabela 10 abaixo informa os resultados da nossa investigação:

INSTÂNCIAS DE CHS (com <i>que nem</i>) IDENTIFICADAS NO SÉCULO XX			
	Registro	oc.	%
Modalidade Escrita/ Domínio Ficção	Discurso direto	79	52,7%
	Discurso indireto	58	38,7%
	Discurso indireto livre	13	8,6%
	TOTAL	150	100%

Tabela 10: Tipo de interação discursiva (na Modalidade Escrita/Domínio Ficção) em que se inscrevem as instâncias de CHS.

Os dados da tabela 10 confirmaram nossas expectativas: aproximadamente 61% das instâncias de CHS identificadas no Domínio Ficção foram geradas em interações discursivas que caracterizam com precisão e colorido a fala textualmente produzida (52,7% em Discurso direto e 8,6% em Discurso indireto livre – que aproxima narrador e personagem, dando a impressão de que falam em uníssono). E mesmo quando inseridas em Discurso indireto, que privilegia o aspecto informacional da enunciação, ainda assim as instâncias de CHS faziam parte de relatos carregados de subjetividade.

Em relação à fraca incidência da CHS estruturada com *que nem* na Modalidade

Oral, acreditamos que esse resultado esteja relacionado ao fato de que grande parte das interações dialogais ali reunidas pertence ao Gênero Entrevista Jornalística. Sabemos que veículos de comunicação, tais como jornais e revistas, normalmente transcrevem as interações dialogais em uma linguagem mais elaborada, sem marcas de oralidade. Além disso, os temas ali discutidos demandam certa capacidade intelectual dos interactantes e preparação das suas falas antes de serem enunciadas.

A seguir, apresentamos uma tabela que informa a distribuição das instâncias de CHS estruturadas com *que nem* em termos do Dialeto em que se inscrevem (Português Brasileiro e Português Europeu), com suas frequências de ocorrência aferidas em relação ao número de palavras inscritas em cada variação:

INSTÂNCIAS DE CHS (com <i>que nem</i>) IDENTIFICADAS NO SÉCULO XX				
Dialeto		oc.	%	por milhão
Português Europeu	10.215.560 palavras	94	57%	9,2
Português Brasileiro	10.048.643 palavras	71	43%	7,1
TOTAL		165	100%	-

Tabela 11: Distribuição das instâncias de CHS, conforme o Dialeto em que se inscrevem.

Como se pode observar, os dados da tabela 11 revelam certo equilíbrio na distribuição das instâncias de CHS estruturada com *que nem*, indicando que a convencionalidade desse padrão construcional extrapola a variação dialetal apontada.

Em termos discursivos, o *Corpus Legenda de Filmes*, apresentado à seção 4.4, acrescenta evidências (representativas do século XXI) de que as interações dialogais instituídas informalmente constituem um ambiente bastante favorável à produção e convencionalização da CHS. Foram encontradas ali 215 ocorrências desse padrão construcional, todas inscritas na Modalidade de uso Oral, Gênero Legenda de Filmes, Discurso direto.

Enfim, os resultados apurados e argumentações desenvolvidas nesta seção acerca do padrão construcional em foco reafirmam nossa hipótese de uma construção gramatical figurativa e idiomática, fortemente associada à cultura popular e convencionalizada principalmente em registros de fala informais. Passemos às conclusões deste estudo, mediante síntese dos ganhos teórico-analíticos alcançados.

6. CONCLUSÃO

O percurso teórico-analítico desenvolvido neste estudo é, em nossa visão, uma mostra clara da riqueza de constructos oferecidos pelos modelos hodiernos da Linguística Cognitiva. Tomando como tarefa investigativa a identificação, descrição e explicação de uma expressão escalar da Língua Portuguesa de grande complexidade significativa, a eleição da Gramática das Construções como modelo nuclear – e de uma Semântica de *Frames* com ela compatível – foi uma escolha acertada no caminho de validação de nossa análise. Primeiro, pelo relevo que não só suas teses (falar é fácil!), mas, principalmente, suas ferramentas analíticas oferecem ao trato da diversidade linguística. Segundo, pela elaborada modelagem de seus constructos e categorias no trato de construções sintáticas.

Enfeixando tais contribuições, foram fundamentais ao nosso estudo de caso a definição de construção, a hipótese de generalização de superfície (“*what you see is what you get*”), a noção de herança radial, dentre outros constructos, oferecidos pelo modelo goldbergiano de GrCC – a Gramática das Construções Cognitiva (seção 2.5). Das contribuições iniciais do *Constructicon* (subseção 2.6.2), as propostas de definição de Construções de Modificação de Grau e a formulação de seus constructos foram as ferramentas mais decisivas para a configuração semântico-formal da CHS. A Semântica de *Frames* – com os instrumentos analíticos específicos da FrameNet (subseção 2.6.1) – propiciou uma definição semântica mais refinada da CHS, pela identificação do *frame* que evoca. Outras contribuições teórico-analíticas procederam das teorias da Linguística Cognitiva que abordam, substancialmente, os processos de conceptualização e categorização e de integração conceptual, como a Teoria da Metáfora Conceptual e da Metonímia (usadas neste estudo como forma de acesso ao Símile) e a Teoria da Mesclagem (evocada para a caracterização do processamento de integração conceptual definidor do Símile) (seções 2.4 e 2.5, respectivamente).

Assim, tentando conciliar de modo coerente tais constructos (o que não foi tarefa fácil!), uma abordagem holística e rica em dispositivos analíticos nos permitiu aceder às redes complexas de forma e significação do signo eleito – a Construção Hiperbólica por Símile, cuja configuração apresentada neste estudo reveste-se de um significativo ineditismo. Dada a contemporaneidade dessa linha analítica, é fato que muitos de seus constructos recém-saídos

do forno estão ainda que em franco processo de elaboração e refinamento. Este estudo tem a pretensão de ter contribuído neste processo em relação a alguns de seus aportes analíticos.

De modo a evidenciar tais ganhos, passamos a arrolar nossos principais achados analíticos. Partindo do suposto de que as instâncias de expressões modificadoras de grau do tipo *branca que nem neve; duro que nem pedra; preto que nem carvão* integrariam um padrão construcional específico da Língua Portuguesa, nossa agenda analítica consistiu em evidenciar tal hipótese central. Assim, respondendo de modo sintético à questão que mobilizou este estudo – **quais recursos formais e semântico-pragmáticos são capazes de desenhar a riqueza expressiva da CHS?** – apresentamos nossos resultados.

Em relação à configuração da CHS, chegamos às seguintes definições:

1. Trata-se de uma construção vinculada à Construção Genérica de Modificação de Grau e cujo constructo se desenha pela presença de dois Elementos da Construção (EC): um EC Escopo ou núcleo graduável e um sintagma complexo (EC Qualificador_de_grau) resultante da ampliação de valência do EC Escopo;
2. Na contramão da tradição descritiva, tanto da Gramática Tradicional como da Linguística, e invocando a Hipótese de Generalização de Superfície (subseção 2.5.4), este constructo se configura como uma sintagma complexo que envolve a ampliação da valência básica de um escopo/núcleo graduável, e não como uma estrutura oracional/clausal, em que o verbo ou predicado está subentendido;
3. Evocando o *frame* **Posição_máxima_em_uma_escala**, a CHS tem seu Valor_hiperbólico assegurado através da comparação por Símile.
4. A rede parcial de herança a que se vincula tem ascendência na Construção de Ampliação de Valência e na Construção Genérica de Modificação de Grau. Vincula-se ainda, por elo polissêmico, à Construção Comparativa Simples, da qual se distingue pela evocação de cenas conceptuais ou *frames* diferentes (*frames* de **Similaridade** e de **Posição_máxima_em_uma_escala**, respectivamente). A partir de elos de Instanciação, a CHS apresenta três subpadrões (CHS Adjetiva, Adverbial e Verbal).

5. Em termos de sua função discursiva, esta construção evocada por *que nem*, marcadamente informal, seja em modalidade oral ou escrita, demarca o domínio da autoexpressão, da subjetividade nas molduras interativas.

Tais resultados certificam o valor semântico-pragmático específico dessas expressões hiperbólicas do Português, assegurando-lhes o estatuto de instâncias de um padrão construcional – a Construção Hiperbólica por Símile (CHS).

A partir da agenda investigada acima (em síntese), desenvolvemos ainda um estudo teórico-analítico do Símile, dada a sua presença de relevo na configuração formal e semântico-pragmática na CHS, como a estratégia de evocação do seu valor hiperbólico. Como um processo figurativo que vem merecendo pouca atenção da Linguística Cognitiva, o Símile se define, nas hipóteses assumidas neste estudo, como uma projeção distinta da Metáfora em termos de expressão linguística, de processamento cerebral e cognitivo. Esta última distinção foi posta, de modo inédito, neste estudo e defendida mediante uso da Teoria Conceptual da Mesclagem (subseção 2.4.2). Assim desenhamos o Símile prototípico como uma Rede em Espelho, configurada por Relações Vitais de Analogia e Similaridade (subseção 5.6.1). Apesar do caráter embrionário (e passível de correções) de nossas decisões analíticas sobre tal processamento em mescla do Símile, optamos por apresentá-lo neste estudo, dada a relevância que lhe atribuímos como uma agenda de trabalho a ser continuada e aperfeiçoada.

Cabe ainda considerar a decisão metodológica assumida neste estudo. Na esteira dos trabalhos desenvolvidos em nosso grupo de pesquisa – Macroprojeto *Construções Superlativas do Português do Brasil: uma Abordagem Sociocognitiva* (MIRANDA, 2008, 2010 – Edital Universal MCT/CNPq [477670/2008-3] e [479984/2010-7]) – em busca de uma metodologia coerente com nosso paradigma teórico e nossas questões (a rede periférica, alternativa, de construções superlativas do Português), a opção por uma Linguística Cognitiva baseada em *Corpus* (capítulo 4), permitiu-nos o acesso desejado às instâncias da CHS em seu *habitat* natural, qual seja, a gama de textos disponibilizada pelo *Corpus* do Português e pelo *Corpus* Legenda de Filmes (seções 4.2 e 4.3, respectivamente). A fixação de padrões de frequência de ocorrência/tokens e de tipos/types através do *subcorpus* específico de instâncias da CHS foi também um procedimento de sucesso, na medida em que nos permitiu aceder aos processos de Convencionalização e de Produtividade de nosso padrão construcional, de modo a delinear (observados os limites e restrições de nossas bases de dados) seus usos efetivos na

Língua Portuguesa.

Por fim, as últimas palavras que me cabem na conclusão, como doutorando, como professor de Português de escola pública, como sujeito deste trajeto investigativo. Nada melhor para expressar o percurso hiperbólico de uma tese, com seu ponto de chegada, do que a nossa própria construção – *cansado que nem escravo* e, agora, *livre que nem passarinho!!!*. O aprendizado foi igualmente hiperbólico, não só durante a elaboração deste projeto, como em todo processo de formação como linguista no PPGLinguística da Faculdade de Letras – UFJF. A descoberta da Linguística Cognitiva, com sua constelação de modelos, trouxe-me uma nova dimensão de linguagem e de língua em tudo diferente do que aprendi (e pude ensinar) em minha história de estudante e professor de Língua Portuguesa. Desvelar os processos de significação guiados pela forma – em vez de descascar cebolas, buscando atrás de cada camada de forma outra forma (FAUCONNIER & TURNER, 2002) – foi a descoberta mais significativa que me conduziu à escolha de meus projetos dissertativos, sobre a metáfora da viagem, e de tese, sobre uma construção marcada pelo exagero, como forma de jogo expressivo nos embates discursivos. Perscrutando a “periferia” da rede de construções que instituem a gramática e o léxico de nossa língua, a ideia da diversidade linguística ganhou outro colorido e outro valor. Esta é, pois, uma riqueza, um aprendizado que faz toda a diferença para um professor de Língua Portuguesa de uma escola pública brasileira. O trajeto não para aqui, portanto.

Nossa expectativa, por fim, é de que, participando com a descrição de mais um nódulo alternativo da rede de construções superlativas do Português, estejamos contribuindo para uma descrição mais rica dos usos linguísticos do Português.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERGARIA, G.. *Projeção figurativa e expansão categorial no PB: o caso de um frame 'animal'*. 2008, 102f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2008.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica*, 1354, III: 4, tr. de W. Rhys Roberts. (Disponível em: <<http://classics.mit.edu/Aristotle/rhetoric.3.iii.html>>, 10/03/2013).

BARCELONA, A. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: Barcelona, A. (Ed). *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, [2000] 2003. p. 1-28.

_____. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: op. Cit. p. 31-58.

BARLOW, M. Usages, blends and grammar. In: Barlow, M.; Kemmer, S. (org.). *Usage based models of language*. Stanford: CLSI, 2000.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2001.

BLACK, M. More about metaphor. In: Ortony, A. (org.) *Metaphor and thought*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 19-41.

BOAS, H. C. Cognitive Construction Grammar. In: T. Hoffmann and G. Trousdale (Eds.), *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: <http://framenet.icsi.berkeley.edu/> Acesso em 20 out. 2010.

_____. Determining the structure of lexical entries and grammatical constructions in Construction Grammar. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, 2008, 6, 113-144.

_____. Determining the Productivity of Resultative Constructions: A Reply to Goldberg & Jackendoff. *Language*, 2005, 81(2): 448-464.

_____. *A constructional approach to resultatives*. Stanford: CSLI Publications, 2003.

BOAS, H. C.; SAG, I. A. *Sign-based construction grammar*. Copyright. CSLI Publications, 2010.

BOLINGER, D. *Aspects of language*. New York: Harcourt, Brace, and World, 1968.

BRAGA, M. L. *Processos de Combinação de Orações: Enfoques Funcionalistas e Gramaticalização*. Scripta (PUCMG), Belo Horizonte, MG, 2001, v. 5, n.9, p. 23-34.

BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E.C. *Lexicalization and language change*. NY: Cambridge University Press, 2005.

BRUGMAN, C. *The Story of Over: Polysemy, Semantics and the Structure of the Lexicon*. New York: Garland, 1981.

BYBEE, J. Diachronic Linguistics. In: Geeraerts, D.; Cuyekens, H. (Eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford / New York, Oxford University Press, 2007, p. 945-987.

BYBEE, J.; HOPPER, P. *Frequency and emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

CARRARA, A. C. *As Construções Superlativas Causais Nominais – uma abordagem construcionista* 2010. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2010.

CARVALHO-MIRANDA, L. *As construções concessivas de polaridade negativa no Português do Brasil*, 2008, 159f. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística) – Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2008.

- CASTILHO, A. T.; ELIAS, V. M. *Pequena Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto. 2012, 471p.
- _____. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: FAPESP/Contexto, 2010.
- _____. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. In: *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo: UNESP, 1994, vol. 38, p. 75-96.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.
- _____. *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht, 1981.
- _____. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- CLARIDGE, C. *Hyperbole in English: a corpus-based study of exaggeration*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2011.
- COSTA, I. O. *A construção superlativa de expressão corporal: um estudo sobre o caráter metafórico de construções do Português*. 2010, 171f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2010.
- CROFT, W. *Typology and universals*, 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- _____. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, A. D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA, L. F. Semântica das predicções estativas: para uma caracterização aspectual dos estados. 2004 (Tese de Doutorado), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.
- FAUCONNIER, G. Compressions de Relations Vitales dans les Réseaux d'Intégration Conceptuelle. In: Aroui, J. L. (Ed.) *Le Sens et la Mesure*. Paris: Honoré Champion, 2003.
- _____. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FELDMAN, J. A. *From Molecules to Metaphors: a neural theory of language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2006.
- FELTES, H. P. M. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- FERNANDINO, H. M. *As expressões comparativas hiperbólicas idiomáticas*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2003.
- FILLMORE, C. J. Inversion and constructional inheritance. In: Webelthuth, G. and Kathol, A. (Eds.). *Lexical and constructional aspects of linguistic explanation*. Stanford: CSLI Publications, 1999, p. 113-128.
- _____. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea. (org.) *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.
- _____. On fluency. In: Fillmore, C. J.; Kempler, D. & Wang, W. S. Y. Individual differences in language ability and language behaviour. New York: Academic Press, 1979, p. 85-102.
- _____. Topics in lexical semantics. In: R. W. Cole (org.) *Currents issues in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1977.
- _____. Types of lexical information. In: Steinberg, D. and Jakobovits, L. (Eds.) *Semantics*. Cambridge University Press, Cambridge, 1971, 370-392.

- _____. The case for case. In: *Universals in linguistic theory*. (Ed.) Bach, E.; Harms, R. T. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968, p. 1-88.
- FILLMORE, C. J.; GOLDMAN, R. & RHODES, R. The FrameNet construction. In: Boas, H. C. and Sag, I. A. (Eds.). Disponível em: <http://framenet.icsi.berkeley.edu/> Acesso em 20 out. 2010.
- FILLMORE, C. J.; JOHNSON, C. R.; PETRUCK, M. R. L. Background to FrameNet. *International Journal of Lexicography*, 2003, 16(3), p. 235-251.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of 'let alone'. *Language*, 1988, 64, p. 501-38.
- FOLTRAN, M. J. G. D. Distribuição dos advérbios predicativos e adjetivos quando usados como predicados adjuntos. Curitiba: UFPR/Revista Letras, 2007, n. 72, p. 233-249.
- FONSECA, J. Sintaxe, semântica e pragmática das comparações emblemáticas e estruturas aparentadas. *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*. Porto: Faculdade de Letras, 1985, 2, vol.1, p. 213-250.
- FRAMENET Project. FILLMORE, C. J. et al. (coord.) Database disponível em <<http://www.icsi.berkeley.edu/~framenet>>.
- FUJII, S. Lexically (un)filled constructional schemes and construction types: The case of Japanese modal conditional constructions. In: Fried, M. & Ostman, J. O. (Eds.) *Construction Grammar in a cross-language perspective* [Constructional Approaches to Language Series]. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004, 2, p. 121-156.
- GAMONAL, M. A. *Copa 2014 FrameNet Brasil: a constituição de um dicionário eletrônico para Copa do Mundo baseado na Semântica de Frames*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2012.
- GEERAERTS, D. Cultural models of linguistic standardization. In: Dirven, René, Frank, Roslyn and Pütz, M. (Eds.) *Cognitive Models in Language and Thought. Ideology, Metaphors and Meanings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003, p. 25-68.
- _____. Specialisation and reinterpretation in idioms. In: Everaert, M.; Van der Linden, E.; Schenk, A. & Schreuder, R. (red.) *Idioms. Structural and Psychological Perspectives*. Hillsdale NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995, p. 57-74.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GLUCKSBERG, S. *Understanding figurative language: from metaphors to idioms*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- GLUCKSBERG, S.; KEYSAR, B. Understanding metaphorical comparisons: beyond similarity. *Psychological Review*, 1990, 97(1), p. 3-18.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- _____. *Constructions: a new theoretical approach to language*. Trends in Cognitive Science, 2003.
- _____. Surface Generalizations: an alternative to alternations. *Cognitive Linguistics*, 2002.
- _____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONZÁLEZ-GARCÍA, F. Contrasting constructions in English and Spanish: The influence of semantic, pragmatic, and discourse factors. In: Boas, H. C. (Ed.) *Contrastive Studies in Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010, p. 43-86.
- GROPEN et al. The learnability and acquisition of the dative alternation in English. *Language* 1989, 65, p. 203-257.

- GRUBER, J. *Studies in Lexical Relations*. MIT Doctoral dissertation, distributed by the Indiana University Linguistics Club, 1965.
- HAIMAN, J. Iconic and Economic Motivation. *Language*, 1983, 59.781-819.
- HANKS, P. Similes and Sets: The English Preposition 'like'. In: Blatná, R. and Petkevic, V. (Eds.) *Languages and Linguistics: Festschrift for Fr. Cermak*. Charles University, Prague, 2005.
- HILPERT, M. *Germanic Future Constructions: a usage-based approach to language change*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993], 2. ed.
- ISRAEL, M., HARDING, J.R & TOBIN, V. On simile. In M. Achard & S. Kemmer (Ed.), *Language, Culture and Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004, p. 123-125.
- IWATA, S. *Locative Alternation. A lexical-constructional approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.
- JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University Chicago Press. 1987.
- KAY, P. Argument Structure Constructions and the argument-adjunct distinction. In: Fried, M. and Boas, H. (Eds.) *Grammatical Constructions: back to the roots*. Amsterdam: Benjamins, 2005.
- _____. *Argument Structure: Causative ABC-Constructions*. Manuscript. University of California at Berkeley, 1996.
- KORZYBSKI, A. A non-Aristotelian System and its necessity for rigour in mathematics and physics. *Science and Sanity*, 1933 [1931], p. 747-761.
- KÖVECSES, Z. Metaphor: does it constitute or reflect cultural models? In: Gibbs, R; Steen, G. (Ed.), *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 167-188.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- _____. The contemporary theory of metaphor. In: Ortony, A. (Ed). *Metaphor and thought*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 1993a. p. 202-251.
- _____. The neuroscience of form in art. In: Turner, M. (Ed). *The artful mind*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 153-169.
- _____. The neural theory of metaphor. In: Gibbs, R. (Ed). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 17-38.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- _____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- _____. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto et al. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- LANGACKER, R. Cognitive Grammar. In: Geeraerts, D; Cuyekens, H. (Eds.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford / New York, Oxford University Press, 2007, p. 421-461.
- _____. One any. *Korean Linguistics*, 2003, 18, p. 65-105.
- _____. *Grammar and Conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- _____. Reference-point constructions. *Cognitive Linguistics*, 1992, 4, 1-39.
- _____. *Foundations of cognitive grammar: descriptive, application*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991, vol.2.

- _____. Subjectification. *Cognitive Linguistics*, 1990, 1: 5–38.
- _____. A usage-based model. In: Rudzka-Ostyn, B. (org.) *Topics in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.
- _____. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987, vol. 1.
- LEVIN, B. Introduction. In: Levin, B. (Ed.) *Lexical Semantics in Review*. Lexicon Project Working Papers 1. Center for Cognitive Science, MIT, 1985, p. 1-62.
- LIPMAN, M. *Philosophy goes to school*. Philadelphia: Temple University Press, 1988.
- MACHADO, P. M. *Casadíssimo, recomendadíssimo, confirmadíssimo: uma investigação de um mismatch morfológico na perspectiva da linguística cognitiva*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Linguística, UFJF, Juiz de Fora, 2011.
- MANDELBLIT, N. *Grammatical Blending: creative and schematic aspects in sentence processing and translation*. San Diego: University of California, 1997.
- MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- MELO, G. C. *Novo manual de análise sintática*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954, p. 121-129.
- MICHAELIS, L. A. Sign-based construction grammar. In: Heine, B. and Narrog, H. (Eds.) *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 155-176.
- MICHAELIS, L. A.; RUPPENHOFER, J. Valence creation and the German applicative: the inherent semantics of linking patterns. *Journal of Semantics*, 2001, 17, p. 335-395.
- MILLER, G. A. Images and Models, Similes and Metaphors. In: Ortony, A. (Ed.) *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, 2. ed., p. 357-400.
- MIRANDA, N. S. *Construções Superlativas no Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala*. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.
- _____. Construções Gramaticais e metáfora. *Gragoatá* (UFF), 2009, v. 1, p. 61-80.
- MÓDOLO, M. *Correlacionando orações na língua portuguesa*. Campinas, SP: Unicamp, Fafesp, Estação da luz. 2011. Disponível em: http://museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_6.pdf. Acesso em: 10/03/2013.
- _____. *Gramaticalização das conjunções correlativas no Português*. 2004. 154 f. Tese (Área de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- NEMOTO, N. Verbal polysemy and Frame Semantics in Construction Grammar. In: Fried, M and Boas, H. C. (Eds.) *Grammatical Constructions: back to the roots*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005, p. 118–136.
- _____. On the polysemy of ditransitive save: the role of frame semantics in Construction Grammar. *English Linguistics*, 1998, 15, p. 219–242.
- NEVES, M. H. M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PIRES, R. E. S. *O amor é uma viagem: a teoria cognitivista da metáfora e o discurso amoroso no cancionário popular brasileiro*. 2008, 85f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2008.
- PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995 [1992].

- ROSCH, E. Principles of categorization. In E. Rosch & B. Lloyd (Ed.) *Cognition and categorization*, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1978. p. 27-48.
- ROSCH, E.; MERVIS, C. B. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, 1975, 7, p. 573-605.
- ROTHSTEIN, S. Small Clauses and Copular Constructions. In: Cardinaletti, A.; Guasti, M. T. *Syntax e semantics: Small Clauses*. Califórnia: Academic Press, 1995, vol. 28.
- RUPPENHOFER, J. et al. *FrameNet II: extended theory and practice*. (The Book), 2006 (Disponível em <<http://framenet.icsi.berkeley.edu>>, em 10.03.2013).
- SACCONI, L. A. *Gramática essencial ilustrada*. 18 ed. São Paulo: Atual, 1999.
- SAEED, J. I. *Semantics*. Malden: Black well, 1997.
- SAG, I. English filler-gap constructions. *Language*, 2010, vol. 86.3, p. 486-545.
- SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In: Miranda, N. S.; Salomão, M.M.M. *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- _____. Lanterna de proa: sobre a tradição recente nos estudos de linguística. In: *Gragoatá*. Niterói, Editora da UFJF, 2007, n.23, p.52.
- _____. O problema da especificação da estrutura argumental: voltas sobre o tema léxico ou sintaxe. In: Miranda, N. S.; Name, M. C. (orgs.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2005, p. 117-136.
- _____. *Estruturas argumentais no português do Brasil: uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais*. Projeto Integrado de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.
- _____. Construções no português do Brasil: integração conceptual na sintaxe e no léxico. *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)*, 2003.
- _____. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. In: *Revista Veredas*, Juiz de Fora, 2002, v. 6, n.1, p.63-74.
- _____. Gramática e interação: o enquadre programático da Hipótese Sócio-Cognitiva da linguagem. In: *Revista Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, Julho/Dezembro, 1997, v. 1, n. 1.
- SAMPAIO, T. F. *A família de construções de argumento cindido no Português do Brasil*. 2010. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2010.
- SÁNCHEZ, A. et al. *Cumbre. Corpus Lingüístico del Español Contemporáneo*. Fundamentos, Metodología y Aplicaciones. Madrid: SGEL, 1995.
- SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- _____. Linguística de corpus: histórico e problemática. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, EDUC, 2000, vol. 16, n. 2, p. 323-367.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1916 [2004], 7. ed.
- SHIBATA et al. Does simile comprehension differ from metaphor comprehension? A functional MRI study. *Brain & Language*, Departament of Psychology, Hokkaido University, Sapporo, Japan, 2012.
- SILVA, A. S. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, 1997, 1: 59-101.
- _____. Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (org.), *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, pp. 1-18.
- SIQUEIRA, M. S. G.; LAMPRECHT, R. R. As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlinguístico. *DELTA, Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 2007, v. 23, p. 245-272.

- TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000, vol. 2.
- _____. Force Dynamics in language and cognition. *Cognitive Sciences*, 1988, vol. 2, p. 49-100.
- _____. How language structures space. In: Pick, Jr., H. L. & Acredolo, L. P. (Eds.) *Spatial orientation: Theory, research and application*. Plenum, NY, 1983, p. 225-282.
- TASHAKKORI, A.; CRESWELL, J. The new era of mixed methods. *Journal of Mixed Methods Research*. Sage publications, 2007, vol. 1, n. 1, p. 3-6.
- TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage based theory of language acquisition*. Cambridge, Mass. And London: Havard University Press. 2003.
- VAN DER LEEK, F. Caused-motion and the 'bottom-up' role of grammar. In: Foolen, A. and Van der Leek, F. (Eds.) *Constructions in cognitive linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000, p. 301-331.
- VELLOSO, M. M. Um estudo da idiomatização da construção modal com o verbo *dar* no Português do Brasil. 2007, 95f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJU, Juiz de Fora, 2007.
- WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*, Oxford: Blackwell, 1953.

ANEXO 1: Frame Similarity

Definition:

Two or more distinct entities, which may be concrete or abstract objects or types, are characterized as being similar to each other. Depending on figure/ground relations, the entities may be expressed in two distinct frame elements and constituents, **Entity 1** and **Entity 2**, or jointly as a single frame element and constituent, **Entities**. The similarity may be based on appearance, physical properties, or other characteristics of the two entities. However, no such **Dimension** has to be specified explicitly. The **Entities** may be like each other to a greater or lesser **Degree**. Rather than specifying the **Dimension** of difference, a **Differentiating fact** may be mentioned.

Notice that, although similarity presupposes the notion of a judge who assesses similarity, that judge is not part of the frame of similarity.

A mulberry is very similar in shape to a loganberry.
 Recovering it afterwards can also be similar to collecting an unsecured loan.
 Great Britain and Germany were only alike in one respect.
 Lothlorien is quite like most of their other war games really.

FE's**Core:**

Differentiating fact [] A fact about **Entity 1** or the **Entities** that reveals how **Entity 1** is the same or different from other entities. (Note the contrast with 'as to'.)

His presidency was different in that it offered a way forward for the common man.
 Banks primarily differ in offering different rates for different risks.
 We are all similar in having two arms , two legs , a mind , and a heart to feel with.

Dimension [] This FE marks constituents which express a property in respect to which the similarity of the entities is assessed.

The disc announced Friday is physically similar to current music CDs

Entities [] This FE marks constituents that express the set of objects or types whose similarity is at issue.

The two painters were alike in being unable to draw acceptably .
 Agbenugba confirms the resemblances between his own experience and that of his protagonist.

Entity 1 [ent1] When there is an asymmetry, **Entity 1** is the entity characterized by its similarity to **Entity 2**, whose characteristics are assumed to be known. **Entity 1** is often an external Entity_2 argument.
 Excludes: Entities

In the first phase Barthes's approach has similarities to that of Levi-Strauss.
 Our economy is like a healthy plant after a long drought
 I found a similar passage in Tolkien.

Entity 2 [ent2] When the **Entities** are expressed separately, **Entity 2** is the one whose characteristics are assumed to be known; it serves as a basis for establishing characteristics of **Entity 1**.
 Requires: Entity_1
 Excludes: Entities

The results of Method 2 show remarkable similarity to those obtained by Method 1
 Leadbelly's recordings are not dissimilar to those of Jimmie Rodgers.
 This is a problem different from meltdown only in degree.
 Here we see a similar case. DNI

Non-Core:

Cause [] An inanimate entity or process that causes the similarity.

Circumstances [cir] Circumstances describe the state of the world (at a particular time and place) which is specifically independent of the event itself and any of its participants.

Degree [] The extent to which entities are similar to each other, in general or with respect to some **Dimension**(s)

The twins are **very** **similar**.

Depictive [] This FE is used for any **Depictive** phrase describing the state of the **Entities**

Manner [] This FE identifies the Manner in which Dimension is similar or different

Place [] The Place is the general area in which similarity occurs or exists

Time [] This FE identifies the **Time** when the similarity occurs or exists.

Frame-frame relations:

Inherits from: Gradable_attributes, Reciprocity

Is Inherited by: Be_in_agreement_on_assessment, Diversity

Is Used by: Correctness, Distinctiveness, Imitating, Typicality

Perspective on:

Is Perspectivized in:

Uses:

Is Used by: [Correctness](#), [Distinctiveness](#), [Imitating](#), [Typicality](#)

Subframe of:

Has Subframe(s):

Precedes:

Is Preceded by:

Is Inchoative of:

Is Causative of:

See also:

Lexical Units:

alike.a, differ.v, difference.n, difference_((count)).n, different.a, discrepancy.n, discrepant.a, disparate.a, disparity.n, dissimilar.a, dissimilarity.n, dissimilarity_((mass)).n, distinct.a, distinction.n, image.n, like.a, like.n, like.prep, mimic.v, parallel.n, resemblance.n, resemble.v, ringer.n, similar.a, similarity_((count)).n, similarity_((mass)).n, spitting image.n, take after.v, unlike.a, unlike.prep, variant.n, vary.v, very image.n

Created by 605 on 01/14/2003 02:17:53 PST Tue

Lexical Unit	LU Status	Lexical Entry Report	Annotation Report	Annotator ID	Created Date
alike.a	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	01/15/2003 01:47:20 PST Wed
differ.v	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	06/23/2004 02:53:02 PDT Wed
difference.n	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	11/04/2004 06:07:36 PST Thu
difference_((count)).n	Rules_Defined	Lexical entry	Annotation	605	08/17/2004 08:36:50 PDT Tue
different.a	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	01/15/2003 04:12:24 PST Wed
discrepancy.n	Created	Lexical entry	Annotation	605	06/22/2005 06:27:55 PDT Wed
discrepant.a	Created	Lexical entry		605	06/22/2005 06:29:12 PDT Wed
disparate.a	Created	Lexical entry	Annotation	605	06/22/2005 06:44:39 PDT Wed

disparity.n	Created	Lexical entry	Annotation	605	06/22/2005 06:43:44 PDT Wed
dissimilar.a	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	01/15/2003 01:42:00 PST Wed
dissimilarity.n	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	01/15/2003 01:45:16 PST Wed
dissimilarity_((mass)).n	Created	Lexical entry	Annotation	664	07/26/2007 02:52:35 PDT Thu
distinct.a	Created	Lexical entry	Annotation	605	06/23/2004 02:54:56 PDT Wed
distinction.n	Created	Lexical entry	Annotation	664	02/24/2007 11:09:08 PST Sat
image.n	Created	Lexical entry	Annotation	976	03/19/2010 11:38:00 PDT Fri
like.a	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	618	07/02/2003 01:18:17 PDT Wed
like.n	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	05/07/2003 02:53:39 PDT Wed
like.prep	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	618	07/02/2003 01:17:56 PDT Wed
mimic.v	Created	Lexical entry		143	02/15/2012 11:43:13 PST Wed
parallel.n	Rules_Defined	Lexical entry	Annotation	605	08/18/2004 07:37:15 PDT Wed
resemblance.n	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	01/15/2003 04:19:05 PST Wed
resemble.v	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	01/15/2003 01:49:31 PST Wed
ringer.n	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	04/30/2003 07:24:09 PDT Wed
similar.a	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	01/15/2003 01:39:02 PST Wed
similarity_((count)).n	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	618	07/02/2003 11:50:29 PDT Wed
similarity_((mass)).n	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	01/15/2003 01:43:29 PST Wed
spitting image.n	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	05/01/2003 04:23:08 PDT Thu
take after.v	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	589	03/30/2010 03:54:21 PDT Tue
unlike.a	Created	Lexical entry		605	01/15/2003 04:34:05 PST Wed
unlike.prep	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	01/15/2003 04:16:44 PST Wed

ANEXO 2: Frame Position_on_a_scale

Position_on_a_scale

[Lexical Unit Inde:](#)

Definition:

This frame contains words that describe an **Item**'s static position on a scale with respect to some property **Variable**.

Dried fruits are especially **HIGH** in fibre, as are pulses.

Despite the fact that **the local land** was **RICH** in silver, by 1865 most of the mining traffic through Las Vegas was of prospectors headed to California or Northern Nevada in search of gold.

FEs:

Core:

Item [Item]

Item identifies the entity whose scalar property is specified.
Bacon is **HIGH** in fat.

Variable [Var]

Variable is the scalar property that the **Item** possesses. Soda is **HIGH** in sugar.

Core Unexpressed:

Value [Val]

The **Value** is the position or range of positions on the scale that the Item occupies. This is normally implicit in the LU.
This car is **HIGH** in price.

Non-Core:

Degree []

Semantic Type: Degree

This FE identifies the **Degree** to which the scalar property of an **Item** holds with respect to some **Variable**.
Bacon is **very** **HIGH** in fat.

Domain []

Domain describes the set of **Items** for which the **Variable**'s position is determined.
Interest rates are **HIGH** in **West Germany**.

Frame-frame Relations:

Inherits from: [Gradable attributes](#)

Is Inherited by: [Evaluative comparison](#), [Sufficiency](#), [Surpassing](#), [Used up](#)

Perspective on:

Is Perspectivized in:

Uses:

Is Used by: [Delimitation of diversity](#), [Probability](#)

Subframe of:

Has Subframe(s):

Precedes:

Is Preceded by:

Is Inchoative of:

Is Causative of:

See also:

Lexical Units:

advanced.a, deficient.a, high.a, lacking.a, low.a, medium.a, poor.a, rich.a, through the roof.prep

Created by 605 on 04/05/2001 02:25:41 PDT Thu



Lexical Unit	LU Status	Lexical Entry Report	Annotation Report	Annotator ID	Created Date
advanced.a	Created	Lexical entry		605	04/05/2001 02:59:38 PDT Thu
deficient.a	Created	Lexical entry	Annotation	605	04/05/2001 02:31:11 PDT Thu
high.a	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	04/05/2001 02:29:30 PDT Thu
lacking.a	Created	Lexical entry		605	04/05/2001 02:59:09 PDT Thu
low.a	Finished_Initial	Lexical entry	Annotation	605	04/05/2001 02:29:49 PDT Thu
medium.a	Created	Lexical entry	Annotation	361	03/22/2007 03:03:14 PDT Thu
poor.a	Created	Lexical entry	Annotation	976	03/02/2011 04:43:46 PST Wed
rich.a	Created	Lexical entry	Annotation	605	04/05/2001 02:30:10 PDT Thu
through the roof.prep	Created	Lexical entry		605	08/02/2005 02:47:09 PDT Tue